



NÃO CONTE NOSSO *segredo*

JULIE ANNE PETERS





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

NÃO
CONTE NOSSO
segredo

Hoo Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 605

Barra Funda – Cep: 01136-001 – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.hooeditora.com.br

E-mail: contato@hooeditora.com.br

Siga-nos no Twitter: @hooeditora

NÃO
CONTE NOSSO
segredo

JULIE ANNE PETERS

São Paulo
2017

Keeping you a Secret

Copyright © 2003 by Julie Anne Peters

© 2017 by Hoo Editora

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Coordenadora Editorial

Rayanna Pereira

Tradução

Cristina Lasaitis

Preparação

Camila Fernandes

Revisão

Jadson Gomes

Capa

Rebecca Barboza

Diagramação

Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

P575n

Peters, Julie Anne

Não conte nosso segredo / Julie Anne Peters ; tradução de Cristina Lasaitis. —
São Paulo : Hoo Editora, 2017.

304 p.

ISBN: 978-85-93911-01-9

Título original: Keeping you a secret

1. Ficção norte-americana 2. Lésbicas – Ficção I. Título II. Lasaitis, Cristina

17-1107

CDD 813.6

Para Sherri
por sempre

E para aqueles que vivem orgulhosamente fora do armário.
Vocês são um farol para os outros encontrarem o caminho para casa.

CAPÍTULO 01

A primeira vez que a vi foi no espelho da porta do meu armário. Eu havia acabado de empurrar meu equipamento de natação com o pé na prateleira inferior e estava pegando, na parte superior, meu livro de cálculo quando ela abriu seu armário no lado oposto do corredor. Ela tinha um rabo de cavalo com mechas loiras saindo da parte de trás do boné de beisebol.

Ótimo. Agora, eu era obrigada a atormentá-la por desrespeitar o novo código de vestimenta da escola. Mas esqueça isso, pensei. Meu voto — o único discordante em todo o Conselho Estudantil — ainda contava. Pelo menos para mim. No que me dizia respeito, as pessoas podiam vir à escola peladas se quisessem. A questão não eram as roupas.

Batemos as portas do armário em uníssono e nos viramos. Os olhos dela encontraram os meus.

— Oi — disse ela, sorrindo.

Senti um frio na barriga.

— Oi — respondi de um jeito automático. Ela era nova. Tinha que ser. Ou eu a teria notado antes.

Ela se afastou, mas não antes que eu desse uma boa olhada em sua camiseta. Dizia: SOU. E VC?

Sou o quê?

Ela olhou para trás, por cima do ombro, do jeito como se faz quando sabe que alguém está observando. Foi quando notei... havia um triângulo com as cores em arco-íris de baixo da mensagem. Meus olhos baixaram, mas a mantive no meu campo de visão, até que ela sumisse na esquina do corredor.

Transferi minha atenção para o cronograma. Literatura Britânica, Cálculo, História dos Estados Unidos e, depois do almoço, Artes e Economia. Por acaso fiquei maluca? Por que enfrentar o último semestre do ensino médio com essa carga toda? Não deveríamos festejar com os amigos, transar e vagabundear por aí até a formatura? Em algum momento, é claro, tínhamos que decidir que direção nossas vidas tomariam. Uma risada irônica deve ter escapado dos meus lábios. Como se eu pudesse decidir qualquer coisa sobre a minha vida.

Percorri o corredor deserto, agarrando os livros junto ao peito. Isso é loucura, pensei. Nem sequer preciso dos créditos. Eu poderia ter escolhido apenas o turno da manhã: primeira aula às sete, aula final à uma, mas, no último instante, acrescentei Economia, então vou terminar o dia

junto com todos os outros. Respirei fundo... e tossi. Quem é que precisa encher a cara antes da escola se as alucinações causadas pelos produtos de limpeza, aqui, são de graça?

A manhã passou como um borrão. Quando cambaleei rumo ao refeitório, com a cabeça girando pela quantidade de lição de casa que já havia acumulado, minha ansiedade estava nas alturas. Eu ficaria acordada até a meia-noite, fácil.

— Gata! — Seth me chamou do outro lado da cafeteria. Ele correu para as portas duplas para me encontrar. Me beijar. — Estamos logo ali. — Ele apontou o polegar na direção das máquinas de venda automática e esgueirou um braço ao redor da minha cintura, conduzindo-me a reboque.

— Oi, Holland. Ei, Seth. — Algumas pessoas nos cumprimentaram conforme contornávamos as mesas.

Assumi minha expressão típica de “oh, como estou feliz”. Um sorriso engessado. O que havia de errado comigo? Eu adorava a escola. Não via a hora de voltar depois do recesso de inverno.

— Holland, você viu a sra. Lucas? Ela estava procurando por você — disse Leah enquanto liberava um lugar ao seu lado para que eu me sentasse. — Ela pediu pra você passar no Centro de Orientação Vocacional, hoje, a qualquer hora.

Hoje, amanhã, nunca. Abrindo uma lata de Pepsi Twist que Seth colocou na minha frente, falei para Kirsten, do outro lado da mesa:

— E como foi o Natal no Texas?

Leah chutou minha canela. Uh-oh.

Kirsten suspirou, dramática.

— Você tinha mesmo que perguntar? — E ela deu início a um psicodrama sobre a mãe ter sido uma lunática desvairada ao longo daquelas duas semanas e tudo o que fizeram foi gritar uma com a outra.

Seth dividiu as batatas fritas comigo e eu me distraí. Ele falou na minha orelha:

— Quer ketchup? — E devo ter concordado, porque ele se levantou e foi buscar.

Leah e Kirsten começaram a conversar sobre a universidade... de novo. Será que não podíamos passar um único dia sem tocar nesse assunto? Kirsten disse:

— Mamãe quer que eu vá para a Metro Urban e continue morando lá em casa. Como se isso tivesse *alguma chance* de acontecer. — Ela revirou os olhos. — Tudo o que quero é me formar e dar o fora daquele buraco.

Eu me desliguei de novo. Logo Seth estava de volta com o ketchup, e esfreguei uma batata gordurosa naquela coisa aguada. O mundo ao redor girava e girava; ninguém sabia quando ia parar. Seth me cutucou:

— Você tá bem?

Levantei os olhos para descobrir que todos estavam olhando para mim. Por acaso fiquei cantando em voz alta? Deixando cair minha batatinha mutilada, semicerrei os olhos e disse:

— Peguei a Arbuthnot em Literatura Britânica.

E todos eles:

— Uiii.

Leah acrescentou:

— Nunca chegue atrasada. Ela vai humilhar você na frente de todo mundo.

Fiz uma careta. Odiava quando os professores faziam isso.

— Sabe — falei, pegando meu cheeseburger —, todas essas políticas antibullying deviam valer para os professores também. Quero dizer, castigo *físico* é ilegal. — Mordi o hambúrguer e mastiguei. — Humilhação pública — falei de boca cheia — é uma forma de abuso *psicológico*.

Pelas cabeças em movimento, percebi que todos ali concordavam comigo. O que faríamos a respeito disso? Nada. Mesmo que eu fosse a presidente do Conselho Estudantil, me sentia impotente para conseguir mudar qualquer coisa socialmente relevante em nossa escola.

Retiro o que disse. Agora, tínhamos uma máquina de refrigerantes no corredor.



Desenho Nível I era, de acordo com Seth, uma aula inútil. No entanto, eu precisava preencher meu tempo entre o almoço e a aula de economia. Enquanto eu passeava pela ala das artes, sentindo-me como um peixe fora d'água, me perguntei qual perturbação mental teria se apoderado de mim quando escolhi uma eletiva de Artes. Ainda mais desenho, que provavelmente requeria algum talento. Ou algo melhor do que simplesmente rabiscar nos cadernos.

O estúdio indicado, 212A, tinha quatro fileiras de mesas justapostas com cadeiras espalhadas ao acaso. Nenhum indício de ordem. Deslizei para um assento de plástico no fundo da sala. Minha inquietação aumentava à medida que eu observava a multidão entupindo a entrada e rodeando os displays. Não eram o tipo de pessoas com quem eu normalmente andava... mas tudo bem. Eu não tinha nenhum problema com a diversidade. Era só que... Não sei dizer. Eu me sentia estranha. Resolvi que desistiria dessa aula. Talvez, usasse esse período para sessões de estudo livre, algo de que eu realmente precisaria.

A voz de um homem no corredor levou todos para dentro. Enquanto as pessoas entravam na sala, tive um vislumbre dela. O boné de beisebol não estava mais ali; os cabelos agora escorriam ao redor dos ombros.

Os olhos dela percorreram o estúdio e foram parar sobre mim. Eu quis desviar os olhos, mas não consegui. De algum modo ela me capturou, deixando-me fascinada.

O instrutor irrompeu porta adentro e quebrou nossa conexão. Ah, Deus! Ele parecia o Einstein em uma viagem de ecstasy.

— Sentem em qualquer lugar — ele falou para os retardatários. Enquanto ele escrevia o seu nome no quadro, abri meu caderno de desenho. Quando observei furtivamente ao redor, notei que ela havia escolhido uma cadeira na parte da frente. Outra garota se sentara ao lado dela. Eu conhecia aquela garota, era Randi ou Brandi. Ela esteve na equipe de natação por cerca de uma semana no ano passado. Mais ou menos na mesma época em que eu e Seth ficamos juntos. Brandi.

— Sei que vocês não vão conseguir ler isto — o instrutor disse enquanto corria os dedos pelos cabelos brancos, feito algodão-doce —, mas está escrito Jonathan McElwain. — Ele tinha razão. Sua letra era bonita, toda cheia de volteios e ousadia, mas era preciso uma visão mais nítida do que a minha para decifrá-la. Forcei os olhos através das minhas lentes de

contato. Aquilo era um “M”? Ele limpou as mãos sujas de giz e acrescentou: — Vocês podem me chamar de Mackel.

Escrevi *sr. McElwain*, depois risquei por cima e anotei: *Mackel*.

— Se eu quiser receber meu salário, vou ter que fazer isto aqui. — Ele balançou uma folha de papel impresso à nossa frente. Subindo em cima da mesa, ele se acomodou com as pernas cruzadas e retirou a tampa da caneta. — Michaela Anderson.

— Presente — uma garota na ponta da minha fileira levantou a mão e Mackel fez uma marca no papel.

Havia algumas pessoas que eu já conhecia. Isso é inevitável quando você passa a vida inteira morando no mesmo lugar. Aquele cara com o cabelo arrepiado cor de laranja e o piercing no nariz estava na minha aula de cálculo. Winslow Demming. Eu me lembrava dele nas aulas de ciências da computação do segundo ano, a única diferença é que naquela época Winslow era um geek. Genial, inclusive. E gentil. Mais um lembrete de que as pessoas não devem ser julgadas pela aparência.

O sr. McElwain, ou Mackel, prosseguiu com a chamada. Por algum motivo, eu estava prestando atenção na cabeça da garota loira e apenas meio atenta ao momento em que ele chamasse meu nome.

— Cecelia Goddard. — Mackel leu.

A mão dela disparou para o alto.

— É Ceci.

Anotei no caderno. *Cecilia Goddard. CC? Ceci?* Decidi que seria *Ceci* e desenhei um círculo em volta.

— Holland Jaeger.

Algumas cabeças se viraram.

— O quê?

Eu pisquei, levantando o rosto.

— Holland Jaeger?

— Ah, aqui! — Levantei a mão e acrescentei em um murmúrio: — Na verdade, *mais ou menos* aqui.

Ela se virou para trás e sorriu. Senti um frio na barriga. Cobri o rosto com a mão e fingi que estava escrevendo.

Mackel nos passou uma lista de materiais. Era bem longa. Pedia lápis, tinta, carvão, borrachas, marcadores, canetas, dois tamanhos de pranchetas de desenho. Deus, eu ia ter que fazer hora extra por um mês para bancar todas essas coisas. Mackel disse:

— Sei que esta será uma semana corrida, mas apreciaria muito se pudessem trazer seus materiais dentro dos próximos dois dias. O Hobby Lobby e o Wal-Mart têm os melhores preços. Se alguém estiver sem condições financeiras, venha falar comigo depois da aula. Isso não significa que vocês vão economizar para dar uma festa. — Ele espreitou a sala com os olhos. — Mas tenho um fundo de auxílio aos artistas famintos, então não precisam ter vergonha.

Gostei disso. Ele era compreensivo. Talvez, eu tivesse que esperar mais para desistir dessa disciplina.



Às duas e quinze, o sinal tocou e eu recolhi meus livros e anotações de economia, já me sentindo com morte cerebral. Os armários abriam e fechavam enquanto eu cruzava o corredor.

— Oi, Holland. Um bom feriado pra você! — Alguém gritou.

— Legal, obrigada — acenei, abrindo *aquele sorriso* de gesso. Alguém me tire daqui, pensei. Um ruído de estática invadiu meus ouvidos como um rádio fora de sintonia. O corredor começou a esvaziar e meu armário se materializou à minha frente... finalmente. Enquanto eu girava a combinação da fechadura, ouvi do outro lado do corredor:

— Então, você acabou de ser transferida? Onde estudava antes de vir pra cá?

Abri a porta e vi Brandi e Ceci no espelho. Ceci falou:

— Washington Central.

Brandi disse em seguida:

— Ah, é? Você conhece a Joanie? Ela é uma das nossas. Joanie Fowler.

— Acho que não.

— Mas você tem que conhecer!

— Eu já disse que não conheço. — O tom incisivo na voz de Ceci fez com que eu me virasse. O olhar de Brandi cruzou com o meu e dei as costas de novo. No espelho, vi Ceci enfiar um livro na mochila e puxar um colete de veloccino do gancho. Ela respirou fundo e disse para Brandi:

— Desculpa. Foi um dia complicado.

— Eu imagino. — Brandi sorriu com ar conhecedor. Fiquei me perguntando o que será que ela sabia. Brandi segurou a mochila enquanto Ceci vestia o colete. Perdi o fio da conversa quando um grupo de alunos passou em debandada pelo corredor. Consegui ouvir o final da frase de Brandi: — ... ir tomar alguma coisa comigo?

— Não posso. — Ceci falou. — Tenho que ir trabalhar.

Ela pegou a mochila das mãos de Brandi e jogou-a sobre o ombro. Percebi que estava espiando descaradamente e me abaixei para abrir o zíper da mochila de natação.

— Por que se transferiu? — Brandi perguntou.

— Motivos de saúde. — Ceci fechou a porta do armário. — Meu carro não quis dar a partida hoje de manhã e eu não estou a fim de esperar meu irmão vir me buscar. Será que você pode me dar uma carona até o trabalho?

— Claro. — Brandi cantarolou. — Sem problemas. — E elas foram embora juntas.

Quando Brandi disse “uma das nossas”, será que ela quis dizer “gay”? Hum. Eu não sabia que tínhamos gays na escola. *Pelo menos, não até aquele momento.*

Carreguei minha mochila e segurei também a bolsa de natação, pensando: deve valer a pena anunciar para todo mundo.

CAPÍTULO 2

Assim que abri a porta dos fundos, Mamãe chamou:

— Holl, é você? Preciso de você aqui.

Deixei minhas mochilas ao lado da escada e segui a voz vinda da sala.

— Ah, ótimo! — Mamãe disse. — Você pode terminar de dar mamadeira para a Hannah? Preciso *muito* fazer xixi.

Libertei Mamãe da bebê e da mamadeira.

— Oi, Hannie! — Cantarolei, erguendo-a no ar para que ela sorrisse, mostrando suas covinhas para mim. Tão fofa. Aconcheguei-a na dobra do meu braço e inseri o bico da mamadeira em sua boquinha lambuzada, depois cruzei a sala para ir me acomodar no sofá. Apoiei Hannah nos meus joelhos dobrados. Ela mamou e agitou os bracinhos gordos, fazendo-me rir. Meu Deus, ela era uma preciosidade! Às vezes, era como se fosse minha filha.

Mamãe voltou, respirando aliviada e prendendo os cabelos com a presilha. Ao desmoronar na poltrona, ela perguntou:

— Como foi seu dia?

— Bom. — Deixei os dedinhos de Hanna agarrarem meu polegar. — E como foi o seu?

— Cansativo. Você foi ver a Bonnie Lucas? Pedi pra ela arranjar mais uns catálogos e fichas de inscrição pra você... só por garantia.

— Ah, droga! — Minha cabeça desabou no braço do sofá. — Desculpa, eu esqueci. — “Por garantia” significava para o caso de Vassar e Brown me rejeitarem, assim como fez Harvard. Essas universidades estavam bem longe do meu alcance, mas tentei explicar isso para Mamãe. Ela me obrigou a fazer a inscrição antecipada, apesar de que eu já poderia ter contado a ela qual seria o resultado, antecipado ou não.

— O prazo para fazer a inscrição nas outras universidades é dia primeiro de fevereiro, Holland — ela disse. — Não temos muito tempo. E você não quer ir para uma universidade estadual como a Metro Urban. — Ela franziu o nariz.

— Vou lá amanhã. Pode me passar essa toalha? — Hannah estava derramando um fio de baba no peito.

Mamãe se levantou e me entregou a toalha que trazia no ombro.

— Faith vai vir neste fim de semana.

— De novo? Mas a gente acabou de se livrar dela.

— Holland! — Mamãe me censurou.

— Tá, desculpa, é que... — Mordi a língua. Ela já tinha ouvido isso antes.

Se tenho que defini-la como parente, Faith era minha irmã adotiva má. Era um show de horrores ambulante. Atualmente bancava a gótica, o que era um tanto obsceno por ser logo depois do massacre de Columbine. Eu e ela nos entendíamos como dois polos magnéticos que se repelem. Neal, o meu padrasto, nos apresentou poucas semanas antes que ele e Mamãe se casassem, e naquele mesmo instante eu soube que jamais seríamos uma família unida e feliz. No máximo, eu conseguia tolerar a Faith em fins de semana alternados, mas depois que a Hannah chegou e meu quarto virou um berçário, tive que dividir um quarto com a Faith no andar de baixo. No dia do meu julgamento, o júri vai entender que a ré cometeu assassinato por motivos justificáveis.

Não era todo mundo que conseguia esgotar minha paciência, mas Faith conseguia e sabia disso. Sabia e fazia de propósito.

Acaricieei a bochecha sedosa de Hannah com os nós dos dedos, me perguntando se algum dia tive uma pele tão perfeita.

Mamãe se sentou no braço do sofá, passando os dedos pela minha franja.

— Sei o que você acha da Faith. Mas ela ainda é muito nova.

— Ela tem quinze anos. — Em um murmúrio, acrescentei: — Indo pra dezesseis!

Mamãe suspirou:

— Obrigada por ter paciência com ela.

Como se eu tivesse alguma.

— Não vai ser por muito tempo. Logo, você vai sair de casa para ir à universidade. Não demora nada. — Mamãe beliscou meu nariz. Ela se inclinou para pegar Hannah e perguntou: — E para onde vai o Seth? Ele já decidiu?

— Stanford, da última vez que ouvi. — Fugíamos desse assunto como o diabo foge da cruz. Seth queria que estudássemos na mesma universidade, mas a probabilidade de isso acontecer era menor que zero, levando em consideração que ele podia se dar ao luxo de escolher. Seth tinha objetivos. Queria ser microbiologista. Aos vinte e cinco anos, ele estaria casado e feliz, com dois filhos e um a caminho, um cachorro e uma garagem com três carros, ou seja, o pacote completo. Ele disse que não suportava pensar que estaríamos separados por quatro anos e que, mesmo se não estudássemos na mesma universidade, deveríamos dar um jeito de ficarmos juntos. Fisicamente juntos. Ele andava me pressionando a assumir. Um compromisso. Qualquer coisa.

Rolei para fora do sofá e me pus de pé. Estiquei a coluna e bocejei.

Mamãe disse:

— Já tem um cronograma de trabalho?

— Ainda não. Preciso saber dos treinos de natação. Vou fazer isso amanhã. — Seguindo Mamãe e Hannah para dentro da cozinha, pensei alto: — Cacete, tenho uma montanha de lição de casa!

Mamãe se virou e franziu a testa para mim.

— Desculpa, Hannie — protegi as orelhinhas dela com minhas mãos em concha. — Você não ouviu a maninha falar palavrão.

Mamãe me olhou feio, mas não conseguiu reprimir um sorriso.

— Me diz, por que tenho que aturar tanta bobagem neste semestre? — Pendurei a mochila da natação em um ombro e a da escola no outro.

— Porque você vai precisar de uma bolsa. Não é justo esperar que o Neal pague a faculdade pra você, e minhas economias não cobrem nem um semestre em Harvard.

A respeito disso, ela não precisava se preocupar, uma vez que Harvard recusou a minha oferta de encerrar aqueles corredores sagrados por meros quarenta mil ao ano.

— Aquelas aulas vão cair bem no seu histórico escolar. — Mamãe falou. — Vão mostrar que você está determinada.

— A me formar bacharel em masoquismo?

Ela me ignorou.

— Vai ajudar você a galgar degraus na carreira. Ah, e peça pra Bonnie emprestar aquele livro sobre bolsas de fundações privadas, tá? Só por garantia.

Só por garantia, caso eu seja um fracasso completo.

— Holland? — Mamãe me chamou pelas costas. — Eu fui na farmácia pegar meus medicamentos, e eles me deram os seus no lugar.

Meu rosto queimou.

— Está na sua escrivaninha. Pode me pagar depois, quando você receber.

Murmurei:

— Ok, obrigada. — E corri pelas escadas. Se por acaso ela já tinha suspeitas sobre mim e Seth, agora estavam confirmadas. A cripta, também conhecida como meu quarto no porão, era escura, mesmo com todas as luzes acesas. Mamãe e o Neal tentaram transformá-la em um cubículo aconchegante, com cortinas, e estantes, e divisórias entre nossos quartos. Mas, para mim, esse sempre seria “o porão inacabado”.

Não é que eu estivesse ressentida por ter dado meu quarto antigo para Hannah, o problema era dividir minha privacidade com a deusa gótica. “Fins de semana *alternados*”, falei às vigas do cômodo, por onde passava bastante vento. Se Faith fosse ficar por aqui com tanta frequência, meus amigos iam cansar de receber visitas minhas.

Suspirando, joguei a mochila na cama e comecei a tirar a roupa. A sacola da farmácia na escrivaninha me chamou a atenção, então a peguei e levei para o banheiro, rasgando a embalagem. Uau, até tinha esquecido de passar na farmácia depois da escola para buscar as pílulas. Não me lembrava de ter pedido a reposição e minha menstruação tinha terminado havia dois dias. Eu *era mesmo* um desastre.

Peguei as pílulas da segunda e da terça-feira para colocar a cartela em dia. Afinal, Mamãe teria um colapso se eu ficasse grávida no ensino médio. Ela me mataria. Tinha planos para Holland Jaeger. Planos que não incluíam o que Holland Jaeger queria, não importava o que fosse. Vesti a calça de moletom e aproveitei minha estadia.



O toque do meu celular me fez dar um salto no meio de *Beowulf*. Dobrei a página do livro e desabei por cima da mochila para agarrar o celular no quarto toque.

— Alô?

— Gata, precisa de uma pausa dos estudos? — Seth perguntou com a mais insinuante das vozes.

— Preciso. Mas, se a gente fizer isso, eu não vou conseguir voltar pra eles.

Ele riu.

— Posso ir até aí?

Conferi a hora. Vinte para as onze.

— Só pra ficar um pouquinho. Ainda nem comecei a resolver as equações de cálculo.

— Estarei aí em dez minutos — ele disse e desligou.

Fechei o celular e continuei a ler. Alguns minutos depois, uma batida soou na janela do porão. Saltei da cama e corri pelas escadas; o rosto de Seth se materializou atrás do visor da porta dos fundos.

Ele deu um passo para dentro e espreitou a cozinha.

— O Neal está por aqui? — Murmurou.

— Não, ele está em Baltimore a trabalho. — Murmurei em resposta.

— A dragoa já foi dormir? — As sobrancelhas de Seth saltitaram.

— Estou falando sério, Seth. Não é pra demorar, ok?

Ele desceu a escada na ponta dos pés, atrás de mim.

Tínhamos ficado muito bons em fazer sexo rápido e sem ruído. Depois de um ano praticando, parecia até que sexo era para ser assim. Fácil. Ensaiado. Seth foi embora pouco antes da meia-noite, me deixando com mais duas horas de lição de casa. Nova regra, decidi. Isso não aconteceria mais nas noites de estudos, incluindo o domingo. Minha mãe não deveria ficar orgulhosa?

CAPÍTULO 3

Aluém havia atirado ácido nos meus olhos — ao menos, era essa a sensação. Revirei a mochila de natação procurando o estojo e tirei minhas lentes de contato. Claro, você pode nadar usando as lentes, caso não se importe de ficar cega. Droga. Agora teria que usar óculos pelo resto do dia. Eu deveria ter procurado meus óculos de natação com mais afinco esta manhã.

O armário do lado oposto retiniu ao abrir e olhei para o meu espelho. Ali estava ela, segurando um enorme copo de café na mão esquerda e um donut entre os dentes. Enquanto me abaixava para pegar alguma coisa no armário, ela sumiu de vista.

— Ai, ai, merda!

Girei. A tampa de plástico do copo havia caído, derramando café escaldante no braço dela. Ela estava pulando, segurando o pulso. Abri o zíper da mochila e arranquei a primeira coisa molhada que apareceu, depois corri e a espalmei no braço dela.

— Aqui. Use isso.

— Aaai! — Ela gritou.

Estremeci, sabendo como aquilo doía.

— Deixe-me ver. Você pode ter queimaduras de terceiro grau.

Ela soltou a atadura improvisada e espiou o braço. Sem bolhas, ainda bem. Mas com vermelhidão. Ela recendia um aroma picante, talvez canela.

Levantei os olhos para encontrá-la me fitando.

— Você sempre carrega um maiô molhado por aí? — Ela perguntou. Indicou o braço, que eu tinha embrulhado com meu maiô da Speedo.

— A gente nunca sabe quando vai precisar de um.

Ela riu, de forma contagiante.

— Obrigada, Holland. — Ela retirou o maiô. Tentou. Minhas mãos estavam segurando tão forte o seu braço que ela precisou soltá-las.

— Desculpe. — Eu a soltei rápido. Rebobina a fita. Replay. Ela sabe meu nome.

— Não consigo acreditar que fiz isso. — Ela esfregou o braço. — E, agora, como vou enfrentar a manhã sem café? — Segurando o copo vazio, ela recolheu as migalhas de donut embebidas de café e colocou todos os restos encharcados no copo.

— Tem uma máquina de café na cafeteria — avisei.

— Ah, é? — Os olhos dela se iluminaram. — Obrigada. Você é uma salva-vidas. — Ela pegou meu maiô do chão e o ergueu pela tira da virilha. — Literalmente.

Eu o peguei de volta e ela sorriu. Retornando ao meu armário, enfiei o maiô dentro da mochila e fechei o zíper.

— Onde você nada?

Levantei-me. Ela havia me seguido e agora estava encostada no armário ao lado.

— Na piscina. — Dã, Holland! Impressiona-a com seu repertório brilhante. — Na piscina da escola. No andar inferior. Abre às seis e eu consigo nadar algumas raias antes da primeira hora. É *meu* copo de café de todas as manhãs.

As sobrancelhas dela se arquearam.

— Você tem sérios problemas psicológicos.

Meu estômago gelou. Queria que ele parasse de fazer isso.

— Eu sou Ceci Goddard. — Ela ofereceu a mão.

— Eu sei. Holland...

— Jaeger. Eu sei. — Nós duas soltamos risadinhas, ambas nervosas, depois apertamos as mãos. Ela falou: — Você é a presidente do corpo discente.

— Como sabe disso?

Ela deu de ombros.

— Eu perguntei por aí.

— Gata, oi. — A voz do Seth ecoou do fundo do corredor. Percebi que eu ainda estava segurando a mão da Ceci e a soltei rápido. Por quê? Estávamos apenas nos apresentando. Ele atravessou o corredor com uma pilha de livros debaixo do braço. A mão livre dele envolveu a minha cintura e me puxou para perto. — Já faz tempo que não faço isso. — Ele se inclinou e me beijou.

Com o canto do olho, vi Ceci bater em retirada.

Seth terminou de me beijar e disse:

— Vamos. Acompanho você até a sala.

Tirei do armário meus livros de literatura e de cálculo, que Seth pegou e acrescentou à sua pilha. No final do corredor, olhei por cima do ombro para ver se ela tinha ido na direção oposta.

Ceci andara perguntando sobre mim por aí. Hum. Por que será que ela faria isso?



Fomos na direção do estacionamento na hora do almoço para nos encontrar com todos os outros no meu jipe. Tínhamos decidido almoçar fora da escola, pelo menos duas vezes por semana. No caminho, informei ao Seth sobre a regra não-transamos-nas-noites-de-estudo. Ele não pareceu feliz.

— Vou ver se posso pegar o Regal emprestado na sexta à noite. — Ele disse.

— Não, Seth. Você sabe que eu odeio fazer isso no carro do seu pai.

— Certo, eu vou verificar se a vila vai estar livre.

Ele estava chateado. Ótimo.

— Sinto muito, mas isso é bem nojento.

— Então, na sua casa.

— O Neal volta amanhã — avisei.

Seth ficou amuado por todo o caminho até o Taco Bell. Ele não se importava de transar bem debaixo do nariz da minha mãe, mas tinha horror que meu padrasto nos pegasse em flagrante. O que era isso, uma coisa de homem? Tenho que reconhecer, Neal era do tamanho de um *linebacker* de futebol americano, mas por dentro era um ursinho de pelúcia. Seth sabia disso.

Ele ainda estava mal-humorado meia hora depois, quando voltamos para a escola.

— Detesto isso — ele disse, segurando a porta depois de todos terem saído.

— É, eu também.

Seth levantou meu queixo com o dedo.

— Então, vamos logo nos casar.

— Ok. Mas depois da aula de economia, porque ainda tenho um trabalho pra entregar. E nós não vamos consumir o casamento no carro do seu pai.

Seth piscou.

— Você está presumindo que nós vamos esperar sair da igreja.

Desferi um chute e ele se engalfinhou comigo em seus braços.



Voltei à mesma cadeira na aula de artes. Sempre faço isso, escolho um lugar no primeiro dia e jamais mudo. O que isso diz sobre mim? Chata e previsível. Todos os outros haviam mudado de cadeira. Winslow, o geek-e-punk, sentou ao meu lado.

— Yo — ele disse.

— Yo pra você — devolvi.

Ela não estava na cadeira dela. Vasculhei o estúdio e a localizei duas mesas mais adiante, ao lado da janela. Ela estava de costas para mim, observando o lado de fora.

Olhe pra mim, pensei. Olhe pra mim, olhe pra mim. OLHE-PRA-MIM!

Meu Deus, Holland! Para. O que foi isso? Concentrei-me em rabiscar meu caderno de desenho, me esforçando em não olhar para ela.

Mackel entrou apressado no estúdio, equilibrando uma pilha de fitas de vídeo sobre um carrossel de slides.

— Desculpem, eu me atrasei. — Ele descarregou tudo em cima da mesa. — Lista de presença. Todo mundo está aqui? Ótimo. — Abriu uma gaveta e retirou uma resma de papel jornal branco. — Passem adiante — ele disse, dividindo a resma entre as duas primeiras mesas das fileiras. — Meu conjunto de lápis nos abandonou, então usem qualquer coisa que tiverem aí. Lápis, caneta, batom.

Enquanto Winslow me passava a folha de papel, vi Mackel puxar um banco alto para a frente da sala e colocar uma maçã em cima dele.

— Desenhem isto — ele disse, abrindo os braços de forma dramática por cima do banco.

Entreí em pânico. Pensei, se isso é um exame, então sou um vexame. Demorei um pouco para focar minha atenção na tarefa adiante, distraída com Brandi que estava passando um lápis

para Ceci e ela sorrindo em agradecimento. Ceci tinha um sorriso bonito. Pensei em como estaria o braço dela e se eu deveria ir perguntar. Perguntar por que ela andou perguntando sobre mim. Examinei a minha tarefa. Maçã-verde. Azeda. Deu água na boca. Também é a melhor para fazer torta, Mamãe sempre dizia.

Alguns minutos depois, meu celular tocou.

— Droga — xinguei num sussurro. Devia ter esquecido de desligá-lo. Naturalmente, o celular tinha ido parar no fundo da bolsa, debaixo de camadas de lixo. Ele tocou e tocou. Finalmente consegui fisgá-lo.

— Quê?

— Ei, gata.

— Seth, estou na aula — murmurei e abaixei a cabeça, como se isso fosse me tornar invisível.

— Eu também. — Ele murmurou em resposta. — Só queria pedir desculpas pelo que aconteceu mais cedo. Por ter bancado o idiota.

— Tá, tudo bem.

— Amo você.

— É, eu também. Agora desliga, seu tonto. — Fechei o celular. — Desculpa! — falei para o Mackel e para todos os outros ao redor, que me olhavam boquiabertos. Inclusive Ceci. Revirei os olhos e ela sorriu.

Levei um minuto para me lembrar da tarefa. Continuei. Depois que consegui concentrar minhas energias, o tempo voou.

— Ok! — Ele falou, me pegando de surpresa. — Assinem suas obras de arte em algum lugar, na frente, de preferência. Com seus nomes, de preferência. E entreguem. Não vão receber nota, só quero ver se descubro o próximo Picasso.

Olhei para o meu desenho. Nada mau. De algum modo, eu tinha capturado a essência da forma. Fiquei ali observando enquanto a essência da forma dela se esvaía pela porta junto com Brandi.



Tínhamos uma reunião do Conselho Estudantil depois da aula. Fiz a chamada de abertura e depois passei a palavra para nosso novo orientador acadêmico, o sr. Olander. Ele pediu que nos apresentássemos, disséssemos em qual turma estávamos e qual cargo desempenhávamos. Seth, ele já conhecia, provavelmente das aulas de biologia ou algo assim, pois o sr. Olander era o novo chefe do Departamento de Ciências.

Seth terminou seu discurso com:

— E eu sou o vice da Holland — o que fez todos rirem. Não sei se o Olander entendeu essa. Ele prometia ser tão divertido quanto um baú cheio de mofo.

O Conselho era formado por seis representantes de classe, mais secretários. Kirsten era secretária. Olander pediu que por gentileza lesse as atas da última reunião que tivemos antes do recesso. Ela leu e depois fechou seu caderno de notas, acrescentando:

— Ah, e nós decidimos por unanimidade. Nosso novo representante vai ter que ficar só de

sunga e fazer a dança do pintinho amarelinho em frente a toda a congregação escolar.

Todos nós sufocamos as risadas.

Os olhos do Olander quase trincaram os óculos.

Kirsten disse para ele:

— Brincadeira.

— Ah! — Ele riu. — Essa foi boa.

Ai. Resgatei a reunião das mãos do cara sem noção.

— A Semana do Serviço Comunitário já é em fevereiro — anunciei. — O que queremos fazer este ano?

Kirsten disparou:

— Desapropriar a cafeteria? Isso seria um serviço para a comunidade. — Todos riram. Kirsten se irritou. — Ei, eu estou falando sério.

Certo. Nós fizemos um *brainstorming* procurando por ideias factíveis e decidimos por uma campanha de doação de sangue, uma de coleta de comida enlatada para o abrigo dos sem-teto e uma maratona de leitura de livros nas casas de repouso. As mesmas coisas do ano anterior. Dava para ser mais previsível e chato?

Na saída da reunião, Kirsten me puxou e disse:

— Leah me pediu para dizer que a sra. Lucas ainda está procurando por você.

— Droga. — Dei um tapa na minha cabeça.

Kirsten acrescentou:

— Se for até o Centro de Orientação Vocacional, pode pegar pra mim um catálogo da Western State? Obrigada. — Ela correu até o Trevor, que esperava por ela ao lado do escritório. Trevor. Devia ser o terceiro ou quarto namorado dela nesse ano. Fiquei observando enquanto ela praticamente o atacava encostado à estante dos troféus. Ele parecia tão jovem. E era mesmo, considerando que estava no primeiro ano do ensino médio. Perguntei-me se não deveria contar a ela sobre o que as pessoas andavam comentando. Sugerir que talvez ela sossegasse o facho na escola.

Seth se aproximou por trás e me cutucou nas costelas. Gritei e desferi um tapa.

— Deixe as noites de sexta livres — ele murmurou na minha orelha. — Tenho uma solução para o nosso problema. — E foi embora em direção ao laboratório de química.

Examinei o seu corpo alto e esbelto deixando escapar um suspiro audível. Uma coisa que é preciso dizer sobre Seth é que ele sempre tinha uma solução para tudo.

CAPÍTULO 4

A neve começava a cobrir o asfalto do estacionamento da escola. Meu jipe já estava coberto com uma película de gelo. Mamãe dizia que eu era doida por ter comprado aquela lata velha. Nesse momento, tremendo debaixo da cobertura de lona, eu tinha que concordar. Mas havia sido um espetáculo durante o verão, quando fizemos passeios *off-road*.

Meus ossos estavam trincando no momento em que fiz a curva para chegar ao Chalé das Crianças.

— Holland, graças a Deus! — Judy Arndt se apressou para me encontrar na porta. — Você pode ficar na Escavação dos Dinossauros enquanto eu corro para depositar este dinheiro antes que o banco feche?

— Claro.

— Você é uma santa. — Ela saiu por trás de mim, deslizando pela rampa congelada.

Enquanto abria minha blusa de moletom, subi o corredor em direção à sala da pré-escola. Enquanto caminhava, fiquei admirando as artes de marshmallow em miniatura pelas paredes.

— Tia Holland! Tia Holland! — Duas crianças deram gritinhos quando me viram na porta.

— Oi, Courtney e Steffi. — Elas correram e lançaram os braços em volta de mim. — Ah, Steffi, adorei sua fantasia de princesa! — Ela sorriu e deu uma voltinha para me mostrar. As outras crianças estavam provando fantasias do baú de contos de fadas, ou então montando peças de Lego, ou dançando em frente ao karaokê. Havia outra ajudante na sala, a sra. Ruiz, avó da Courtney, que havia se oferecido como voluntária dois dias por semana. Cumprimentamo-nos com sorrisos enquanto ela distribuía biscoitos em forma de ursinhos para o lanche. Courtney e Steffi correram de volta para o espelho.

— Vem brincar com a gente, tia Holland! — Kyle gritou do outro lado da sala. Todo mundo parecia ocupado, então me juntei a ele e seu irmão, Kevin... os gêmeos do terror.

Esse devia ser o melhor trabalho do mundo. É, era um salário mínimo, e era difícil fazer dez horas semanais com o meu cronograma, mas eu sacrificaria o treino de natação antes de desistir disso. Adorava as crianças pequenas. Elas eram tão engraçadas, tão autênticas. O jeito como engatinhavam para o seu colo ou se penduravam no seu pescoço. Às vezes, eram bastante carentes, como se não estivessem recebendo o afeto de que precisavam em casa. Por mim, estava ótimo. Eu tinha amor de sobra para espalhar por aí.

Courtney se aproximou de mim pelas costas e tapou meus olhos com os dedos pegajosos.

— Adivinha quem é!

— Barney?

— Não.

— Scooby-Doo?

Ela deu uma risadinha.

— Não.

— Os três porquinhos?

— Sou eu!

Agarrei-a e fiz cócegas com ela no meu colo. Eu queria uma centena de filhos, pelo menos.



Mamãe estava desligando o telefone quando entrei pela porta dos fundos um pouco depois das seis.

— Era a Bonnie Lucas.

Fiz uma careta.

— Mãe...

— Sem desculpas — ela disse. — Vá até lá amanhã. Ela teve muito trabalho para solicitar todos aqueles catálogos e fichas de inscrição. Eu me adiantei e já preenchi todos os formulários de auxílio financeiro que você deixou na sua escrivaninha.

— Mãe. — Involuntariamente, meus punhos se fecharam. Eu queria que ela ficasse longe do meu quarto. De preferência, longe da minha vida. Respirei fundo, me acalmando, antes de dar um beijo em Hannah na cadeira de bebê. Mamãe me afastou com uma cutucada e levantou Hannah, acrescentando: — Você age como se não se importasse.

— Eu me importo — falei, me eriçando de novo. Por que *ela* não ia para a faculdade se estava tão obcecada com isso?

Escancarei a porta da geladeira e roubei uma travessa de sobras de frango. Para sobremesa, escolhi um pacote de batatas fritas que estava sobre o balcão. Já na cripta, liguei o CD player e vesti a calça de moletom, depois descarreguei os livros e os cadernos em cima da cama. Uma sensação de pavor se infiltrou no meu âmago. Já fazia um tempo que andava me corroendo. Por que eu tinha que ir para a universidade? Eu adorava a escola, mas principalmente pela vida social. Não conseguia imaginar mais quatro anos me debruçando sobre livros, escrevendo relatórios, apresentando seminários e virando a noite para estudar para as provas.

Empurrando os livros de lado, rolei na cama e abracei meu travesseiro.

O que havia de errado comigo? Desde que o último ano do ensino médio começou, eu não conseguia me animar. Não conseguia entrar no jogo. O tempo parecia ter acelerado e alçado voo sem mim. Ou então parado de repente. Essa sensação de inércia me deixou petrificada. Às vezes, eu me pegava mirando meu reflexo nas janelas e me indagando quem eu era, aonde estava indo. Então a imagem mudava e não era mais eu, apenas a sombra nebulosa de uma pessoa. Um metamorfo vazio, frouxo.

Os passos de Mamãe estalaram no andar superior, no meu quarto antigo. Uma pontada de culpa me fulminou as vísceras. Eu sabia por que ela estava tão obcecada com a universidade.

Ela teria frequentado uma se pudesse, mas precisou abandonar o ensino médio quando ficou grávida de mim. Os pais dela a expulsaram de casa. Ela nunca falou muito sobre aquela época. Nós vivemos em um abrigo por um tempo, acho. Por fim, Mamãe entrou em um programa de auxílio a mães solteiras e conseguiu o certificado do ensino médio. Ela cursou a escola de comércio e trabalhou como assistente jurídica.

Eu a admirava, de verdade. Ela havia passado por muita coisa. Era forte e independente, muito mais do que eu. Uma vez, quando ela estava grávida de Hannah, eu fui acompanhá-la no exame de ultrassom e lembro que, sentadas no consultório médico, Mamãe folheando uma revista de maternidade, nós duas ficamos nos derretendo com roupinhas fofas de bebê. Ela me disse que se arrependia por ter sido mãe tão cedo, pois teria sido uma mãe melhor se tivesse esperado e planejado. Tentei dizer que ela era uma ótima mãe, mas acho que não me ouviu. Ou não acreditou. Ela disse que, se fosse mais velha, mais madura, teria me desejado mais como filha.

Fechei os olhos com força, expulsando a lembrança, as implicações. Hannah foi desejada. Eu, não.

Deveria ter me ressentido por Hannah, e provavelmente me resenti, no começo. Mas Mamãe a dividiu comigo. Era como se estivéssemos criando a Hannah juntas. Eu adorava isso, o trabalho de equipe. E ninguém poderia guardar rancor de um bebê, especialmente de uma bonequinha tão fofa quanto a Hannah.

Meu celular tocou, me catapultando de volta ao presente.

— Oi, Holl! — Seth falou. — Está ocupada?

— Extremamente — informei a ele. — Nem pense nisso. Preciso dormir.

— Hummm. Eu sempre durmo melhor depois.

— É, sei, você dorme durante também.

— Ei!

— Brincadeira! — Falei.

— Escuta, sobre sexta à noite. Cancela. Meu irmão e os colegas de quarto dele iam passar o fim de semana esquando e disseram que podíamos usar o apartamento, mas agora um deles vai ter que trabalhar. — Ele suspirou pesado. — Desculpa.

— Tudo bem. — Por algum motivo, eu me sentia aliviada.

— Eles remarcarão para o fim de semana que vem, quando vamos poder ficar no apartamento. Enquanto isso, mandamos ver na porãolândia.

— O Neal vai passar o resto do mês em casa — avisei. — E a Faith vai estar aqui no fim de semana.

Seth praguejou num sussurro.

— Você só está mimado por causa das férias.

— Não brinca — ele respondeu. — Acho que estou viciado. Viciado em você.

— Existe tratamento pra isso.

Ele deu uma risadinha.

— Ei, o lago Echo vai abrir no sábado. Quer ir patinar?

— Quero — eu me animei. — Vou chamar a Leah e a Kirsten. Não saímos todos juntos desde o verão.

— Ah, tudo bem — Seth disse, sem emoção.

— Se você não quiser que eu...

— Não, tudo bem. É que parece que não fazemos mais nada sozinhos.

Isso não era verdade. Ele ficava sozinho comigo o tempo todo. Seth acrescentou:

— Você já pensou sobre aquilo... — a voz dele baixou — que começa com “c” e não é câncer?

Minha mandíbula se apertou. Novamente essa história de ter relação sem camisinha?

— Acho que ouvi minha mãe resmungar.

— Holl...

— Seth, assim que eu souber, você saberá. Eu prometo.

E quando vai ser isso?, me perguntei. A resposta era óbvia: assim que eu descobrisse onde a vida da minha mãe acabava e a minha começava.

CAPÍTULO 5

As lentes de contato precisavam ir embora. Por que eu queria usá-las, afinal? Ah, sim, para acentuar minha beleza extraordinária. Quem eu estava tentando enganar?

Meu cabelo ainda estava encharcado quando irrompi pelas portas do vestiário feminino. Um sopro de ar congelante me acertou ao mesmo tempo em que o técnico Chiang se materializava na porta, vindo do estacionamento dos professores.

— Holland! — Ele chamou. — Exatamente quem eu queria ver.

Esperei para que ele me alcançasse.

— Você nada os duzentos metros em revezamento? — Ele perguntou. — A Claire quebrou o braço praticando *snowboarding* no fim de semana, e nossa primeira competição é na sexta-feira. Eu detestaria se a equipe tivesse que se retirar do campeonato.

— Ai. — Me encolhi pensando em Claire. Depois, em mim. — Professor, você viu o meu nado borboleta. Está assim tão desesperado?

— Acho que sim.

Revirei os olhos.

— Tudo bem, mas só vou fazer isso pela glória da Southglenn High.

Ele deu um soquinho no meu braço e desapareceu para dentro do vestiário masculino. Corri pelas escadas. Ela já estava ali no armário, com o enorme copo de café pousado em uma caixa de donuts ao lado dos seus pés. Com fones de ouvido, ela agarrava um livro da prateleira quando começou a se balançar com a música, daquele jeito como as pessoas fazem quando não tem ninguém olhando.

Isso me fez rir.

Os olhos dela se abriram e ela sorriu, virando para mim. Indicando os fones, perguntei:

— O que você tá ouvindo? — Deixei a mochila da natação perto do meu armário.

Ceci atravessou o corredor dançando e puxou um dos fones para que eu pudesse ouvir. Precisei me inclinar para escutar e nossos rostos se tocaram por acidente. Nós duas demos um salto para trás, como se tivéssemos tomado um choque. Ela arrancou os fones e os encaixou na minha cabeça.

Não reconheci a música. Cobri as orelhas com as mãos para abafar o ruído, enquanto Ceci segurava seu CD player, balançando a cabeça no ritmo imaginado. Ótima banda e com vocalistas femininas. O ritmo era contagiante e me fazia querer dançar. Então dancei. Girei a

minha senha na fechadura e abri a porta no mesmo ritmo. Quando a música terminou, devolvi os fones para Ceci.

— Elas são boas — comentei. — Esse som não me é estranho. Que banda é essa?

— Dixie Chicks. Aqui, ouve esta. — Ela encaixou os fones de novo em mim e colocou outro CD com rótulo caseiro.

Era um grupo diferente, de heavy metal, o tipo de coisa que o Seth gosta de ouvir. Minha expressão deve ter mudado porque a Ceci começou a rir.

Tirei os fones.

— Quê?

— Essa é a banda do meu irmão — ela falou. — Bem ruim, né?

— Não tão ruim assim.

— Mentirosa.

Devolvi os fones de ouvido e ela voltou na direção do seu armário. Do outro lado do corredor, me perguntou:

— Quer um donut? Tenho um monte aqui.

Meu olhar baixou para a caixa pousada no chão, onde se lia “Hot ’N Tott Donuts”.

— Não, obrigada.

O sinal de entrada soou e me apressei para pegar os livros da manhã. Com um olhar de relance no espelho, flagrei Ceci me fitando enquanto bebericava seu café. Meu estômago gelou.

Fechei a porta do armário e me virei, colidindo com um grupo de alunos. Meus livros saíram voando. Os corpos eram todos atléticos, vestiam shorts esportivos e aparentemente seguiam na direção da pista de corrida. Dois deles pararam e se desculparam, ajudando a recolher minhas coisas. Notei que Ceci havia ficado ali, parada, observando.

Droga, pensei, isso é culpa sua. Traga essa bunda pra cá e me ajude.

Ela deve ter lido meu pensamento, porque veio passeando pelo corredor e falou:

— E aí, vocês querem um donut?

Como urubus esfomeados, eles empilharam os livros em cima de mim e atacaram a caixa de donuts. Lancei um olhar perigoso para Ceci e ela caiu na risada.



Mackel devolveu nossos desenhos. Havia um recado grudado no meu, que dizia: “Venha falar comigo depois da aula”. Minha pulsação acelerou. Será que ele ia me convencer a desistir? Eu já devia ter feito isso. Obviamente, ele deve ter percebido que eu estava só fazendo hora ali.

Não estava sendo bom para minha ansiedade ver que Brandi havia sentado ao lado de Ceci novamente. Ou será que Ceci tinha guardado o lugar para ela? Ceci estava mostrando seu desenho para Brandi e rindo. Ambas riam. E daí? Por que isso me atormentava? Winslow também ria e me mostrou o desenho dele, que parecia ter sido feito por uma criança de dois anos. Acima do desenho, Mackel tinha escrito: “interpretação minimalista interessante”. Não é que eu estivesse com ciúme ou coisa parecida. Por que estaria? Ceci tinha o direito de escolher

suas amizades. Eu só queria que ela escolhesse a mim.

Cale a boca, cérebro.

Mackel se lançou em uma explicação sobre os diversos usos do lápis, do carvão e dos marcadores, depois demonstrou os efeitos que se podia atingir com cada um. Tentei anotar, mas não sabia bem o que escrever. Ele disse para experimentarmos, assim que comprássemos nossos materiais.

Esperei o estúdio esvaziar antes de me aproximar de Mackel. Ele levantou os olhos de sua mesa, onde conferia os nomes da lista de presença, distraído. Sorri, inexpressivo.

— Você queria falar comigo? — Mostrei a ele meu desenho.

— Ah, sim. Quase esqueci. — Ele examinou a folha por alguns segundos, antes de voltar a olhar para mim, balançando a cabeça.

Ah, Deus, pensei. Não fique bravo. Por favor, não fique bravo. Odeio quando as pessoas se enfurecem comigo.

— O que está fazendo aqui? — Ele perguntou.

Meu rosto ficou em brasas.

— Ah... Hã... Eu só precisava fazer mais uma eletiva antes de me formar e...

— Você não deveria estar em desenho avançado?

— Hein?

Levantando de súbito e quase me causando um ataque cardíaco, ele se sentou em cima da mesa e abraçou uma perna.

— Vamos lá! — Ele disse. — Quem você está tentando enganar?

Engoli em seco. Foi como engolir um limão.

— Aparentemente, não você — acrescentei rápido. — Eu nem sei o que está querendo dizer.

— Esta maçã. — Ele apontou para o meu desenho.

— Sim?

Um sorriso se infiltrou no rosto dele. Ele saltou da mesa, o que me deu mais palpitações, e então começou a folhear um portfólio ali ao lado, até encontrar o que procurava. Abriu espaço sobre a mesa. Perto do meu desenho, ele colocou mais três ou quatro.

— Percebe alguma coisa?

Fitei-os por um instante.

— Não.

Ele franziu a testa.

— Não consegue ver a diferença?

Conseguia. Quero dizer, o meu era... abrangente. Assim como todos os outros, eu havia desenhado a maçã. E então me dei conta.

— Ah, você queria só a maçã?

Mackel deixou a cabeça cair para trás e gargalhou.

Não era justo.

— Pensei que você queria que desenhássemos o banco, e a mesa e o cavalete atrás dela...

Mackel deu um tapa na própria testa.

— Meu Deus, ela nem sabe que é um gênio!

Meus olhos baixaram.

— Fala sério.

Ele realmente quis dizer isso? Comparei meu desenho com os outros de novo. *Era* melhor. Parecia mais realista. Eu havia feito alguns desenhos por conta própria ao longo dos anos, só como passatempo, retratando animais e pessoas. Nunca pensei em mim como uma artista.

Mackel observou o nome na minha folha de desenho e falou:

— Holland. — E levantou sua cabeça cabeluda: — Você deveria considerar uma transferência para uma turma mais avançada. Nível II ou III.

— Mas eu tenho que fazer isso?

— Não, mas não sei o que você vai aproveitar de Desenho Nível I. Além do básico.

Ponderei um pouco. Não por muito tempo.

— Vou ficar, preciso saber o básico. Com certeza vou aprender alguma coisa.

Ergui a mão para pegar meu desenho, mas Mackel o puxou para si.

— Por favor! — Ele disse, agarrando meu desenho junto ao peito. — Posso ficar com este? A primeira das suas magníficas obras de arte?

Ele era tão esquisito.

— Tudo bem — acenei para ele. — Usa isso pra revestir a gaiola dos passarinhos.

Ele arfou.

— Guardarei como um tesouro.

Maluco, decidi enquanto saía de lá. Totalmente pirado da massa cinzenta.



Mamãe me ligou na hora do almoço para me lembrar de passar no Centro de Orientação Vocacional. Por que ela não me comprava logo um pager ou então uma tornozeleira eletrônica igual àquelas que os condenados usam? Ela também disse que havia um envelope me esperando em casa. Pelo entusiasmo em sua voz, eu era capaz de adivinhar que ela já tinha aberto ou então sabia qual era o conteúdo da carta. Ela desligou antes que eu conseguisse perguntar.

A sra. Lucas estava em uma reunião quando cheguei no Centro de Orientação Vocacional.

A porta estava entreaberta, e ouvi o diretor, sr. Reynardi, rosnar:

— Aquele moleque é perigoso. Não o quero nesta escola. Se você não fizer isso, Bonnie, vou chamar a polícia. — Ele irrompeu da sala, quase me atropelando como uma retroescavadeira. — Com licença — murmurou.

Eu estava contente por não ser o assunto *daquela* discussão.

— Holland, aí está você — a sra. Lucas disparou para fora do escritório. Ela parecia esgotada, como sempre. — Tenho um pacote de guloseimas pra você. Catálogos, fichas de inscrição, formulários para pedidos de bolsa e livros informativos. Você recebeu seu convite?

— Meu o quê?

Ela tapou a boca com a mão.

— Eu não falei isso.

Observei a caixa pousada sobre uma cadeira dobrável ao lado da porta e soltei um suspiro. Mais alto do que deveria. A sra. Lucas franziu a testa.

— Você está bem? Parece cansada. — Ela fez menção de tocar meu rosto.

Afastei-me e forcei um sorriso.

— Estou bem. Vou levar essas coisas. Ah, você teria um catálogo da Western State?

— Você não está pensando em ir para lá, está? — Ela ficou horrorizada.

— Não é pra mim, é pra a Kirsten.

— Ah, bom. — Ela passou por trás de mim indo em direção à porta; os catálogos das universidades estaduais estavam empilhados ali, junto à parede.

Acompanhando-me pelo corredor, a sra. Lucas se lançou em um imenso discurso sobre todas as bolsas acadêmicas e auxílios do governo para os quais eu poderia me candidatar, e como as minhas médias escolares eram altas o bastante para me colocar na maioria das instituições. Uma instituição, ponderei, soava mais interessante do que uma universidade. Chegamos ao cruzamento do corredor e ela acrescentou:

— Coloquei na parte de cima as informações das escolas que oferecem os programas de pré-advocacia.

— Pré-advocacia? Quem disse que eu quero fazer isso?

— Ah! — A sra. Lucas se encolheu diante do meu tom incisivo. — Achei que fosse o seu objetivo cursar a faculdade de direito. Sua mãe disse que...

Foi tudo o que precisei ouvir. Murmurei um agradecimento e saí a passos pesados em direção ao meu jipe. Para o meu próprio espaço, no meu próprio tempo.

— Holland, espere — alguém me chamou, às minhas costas.

Eu já tinha aberto a porta de saída e precisei segurá-la quando estaquei.

— Você tem um minuto? — Ceci perguntou, surgindo ao meu lado.

Olhei meu relógio por cima da caixa de duas toneladas que carregava. Droga, já estava dez minutos atrasada para o trabalho.

— Claro — respondi, transparecendo minha frustração.

— Você é uma péssima mentirosa — ela disse. — Devia treinar mais.

Fiz uma careta.

Ela jogou a mochila sobre o ombro.

— O que são essas coisas? — Ela apontou para a caixa.

— Besteiras de faculdade. Você quer?

— Claro. — Eu não estava falando sério, mas, de qualquer forma, ela me aliviou do peso da caixa. Agora, podia me esquecer dela.

— E onde você vai fazer faculdade? — Ela perguntou enquanto andávamos juntas.

— Não sei. Não sei nem se eu quero fazer. Para onde você vai?

— Não tenho certeza. Provavelmente a Metro Urban. Não pensei muito nisso ainda, até porque estou no primeiro ano.

— Ah, é? — Isso me surpreendeu. Ela parecia tão mais velha. Mais madura.

A segunda nevasca que havia sido antecipada pela previsão do tempo nunca aconteceu, mas uma ventania ártica varria redemoinhos de lixo da cafeteria por todo o estacionamento. Ceci abaixou a cabeça, apressando-se comigo até o jipe.

— Já que você é presidente do corpo discente, será que poderia me dizer por que não existe um clube LGBT em Southglenn?

Ela precisou elevar a voz contra o vento para se fazer ouvir.

— Um o quê? — Gritei.

— LGBT! — Ela gritou em resposta.

— Um o... — Ah. Eu registrei. — Acho que... ninguém nunca propôs.

— Bom, eu pretendo — ela disse. — Como faço isso?

Chegamos ao jipe e Ceci equilibrou a caixa na maçaneta, segurando o boné de beisebol na cabeça com a mão livre.

— Entre — falei. — Não dá pra conversar aqui fora. — Destravei a porta e peguei a caixa. Ela entrou e se esticou sobre os bancos para abrir a minha porta.

Dei a volta e descarreguei a caixa na parte de trás, depois pulei para dentro e tranquei a porta.

— Deus, odeio esse vento! Não ligo para o frio, mas não suporto o vento.

— É, eu também. — Ceci observava o interior do jipe, seus olhos pararam no equipamento de camping do Seth, atrás do meu banco. — Isso é seu ou é dele?

— O jipe? É meu. Bem, na verdade, é do banco. Mas estou deixando me extorquirem por mais nove ou dez anos.

Ela sorriu.

— E sobre o clube LGBT? — Por debaixo da aba do boné, os olhos dela subiram para encontrar os meus.

— Ah é. — Me acomodei para encará-la. LGBT. — O que é mesmo o T?

— Transgênero — ela disse. — Provavelmente deveria incluir também um Q para Queer ou Questionando. E também um I para Intersexo.

Intersexo? Eu precisava conferir esse no dicionário.

— Ok. Bem, você tem que encaminhar um requerimento se deseja formar um clube oficial na escola, que, suponho, é o que você está propondo. Você vai precisar declarar uma missão...

— Por que o meu coração estava tocando um solo de bateria? O frio. Era isso. Girei a chave na ignição e liguei o aquecedor. — E vai precisar de um orientador docente.

— Como quem?

— Qualquer um. Qualquer um que concordar.

— E por que não concordariam? — Ela rebateu.

— Eu não disse que não concordariam — retruquei. Não era isso que queria dizer, foi um reflexo. — Só estou tentando explicar como se faz, certo?

Ela meneou a cabeça e depois se virou para olhar além da janela.

— Você acha que vou conseguir autorização? — Ela perguntou.

— Não sei, por que não conseguiria?

Ela caiu na risada.

— O que foi?

Ela se virou de novo para mim e balançou a cabeça.

— Onde consigo um formulário?

— Vou arrumar um pra você. Por que acha que não conseguiria autorização?

A cabeça dela se inclinou para o lado.

— Ah, eu não sei. Sexto sentido?

Ela estava sendo sarcástica. Por quê? Quero dizer, nós nunca tínhamos recebido uma proposta para a criação de um clube gay. Possivelmente, porque não havia muitos gays na nossa escola. Dois agora, contando com ela.

— Vou pegar um formulário pra você amanhã.

Um canto dos lábios dela repuxou.

— Legal.

— Quer uma carona? — Verifiquei meu relógio. Já ia para vinte minutos de atraso. Detestaria se a Judy me achasse uma irresponsável.

— Não precisa. — Ceci falou. — Estou com meu carro.

— Qual é o carro? Levo você até lá.

Ceci segurou a maçaneta da porta.

— É o Neon azul. Estacionado bem aqui, ao seu lado. — Ela me disparou um sorriso e saltou para fora. Fiquei parada no mesmo lugar enquanto ela socava o motor e saía rasgando da vaga. O para-choque traseiro estava forrado de adesivos: ÓDIO NÃO É UM VALOR DE FAMÍLIA, AS MINAS ARRASAM.

Na moldura da placa do carro lia-se: LINDA DEMAIS PARA SER HÉTERO.

Senti uma vontade enorme de segui-la. Mais do que uma vontade, uma necessidade.

— Uma necessidade? — questionei meu cérebro em voz alta. — Mina, a única coisa que você precisa é levar essa bunda pra trabalhar.

CAPÍTULO 6

A carta que chegou pelo correio era um convite para comparecer a um jantar na mansão do governador. Aparentemente, eu havia sido selecionada para o Círculo de Ouro do Governador, que condecorava os mais destacados acadêmicos do ensino médio do estado.

— Uau! — Neal exclamou durante o jantar, passando o convite para Mamãe. — Como você conseguiu isso?

— É exatamente a minha dúvida.

— Neal! — Mamãe o censurou. — Caso você não tenha notado, minha filha é brilhante.

— Fala sério, mãe. Eu não tenho sequer uma nota quatro.

— Nem tudo é baseado no seu histórico escolar — ela disse. — Você precisa prestar serviços à comunidade e demonstrar habilidades de liderança. Sua participação nos esportes é um bônus. Tudo isso sem mencionar que a Bonnie faz parte do comitê de nomeação.

— Mãe! Meu Deus. Você envolveu a sra. Lucas nisso?

— É claro que não. — Mamãe ficou ofendida. — Foi ideia dela.

Aposto que foi, pensei, trincando os dentes.

Mamãe depositou o convite de volta no impecável envelope, deslizando o dedo sobre o selo em alto relevo do governador.

— Vai precisar de algo novo para vestir — ela falou. — Um vestido. Nada de calças.

Mamãe esticou a carta na minha direção. Eu a peguei e joguei sobre o aparador atrás de mim.

— Ainda não decidi se vou. De qualquer forma, só vai ser em março.

— É claro que você vai.

Hannah se agitou e Mamãe enfiou uma colherada de pasta de peru na boca dela.

— Tenho uma ideia melhor. — Arrastei a cadeira para trás e me levantei. — Você vai. O governador vai gostar mais de você, tenho certeza.

— Holland... — A mágoa na voz de Mamãe me paralisou.

Sem me virar, eu disse:

— Mãe, me deixe tomar minhas próprias decisões, ok? Acho que tenho idade suficiente pra isso. — Virei para encarar os olhos dela. — Não acha?

Sem emoção, ela replicou:

— Do jeito que você fala, parece que eu sou uma mãe horrível, intrometida.

Neal bufou. Apelei para ele, mas ele ergueu as mãos no ar, dizendo:

— Ei, eu estou fora dessa.

Mamãe levou outra colherada de peru para a boca da Hannah.

— Confio em você para tomar suas próprias decisões, querida. Você vai fazer a coisa certa. Sempre me deixa orgulhosa.

Lágrimas inundaram meus olhos. Desabando na cadeira, gritei por dentro: Quando? Quando, mãe? Quando foi que a deixei orgulhosa? Nunca. Se me acabo de estudar para tirar A em tudo, então não estou assistindo aulas boas o bastante. Se quebro meu próprio recorde na natação, então deveria ter escolhido um esporte em que meu melhor seria suficiente para vencer. Eu deveria arrumar um trabalho melhor, um carro melhor, uma compreensão melhor da realidade.

Mamãe ficou chocada quando contei que fui eleita presidente do Conselho Estudantil, como se eu jamais fosse capaz de atingir algo tão impressionante por conta própria. A única escolha na minha vida que ela aprovava era o Seth. Ela adorava o Seth.

Droga. Eu tinha que ir a esse jantar estúpido. Mas o inferno congelaria antes que eu usasse um vestido.



Fiquei postada em frente ao meu armário, esperando por Ceci e preocupada com o horário. Tinha encurtado minhas voltas na piscina para dar tempo de passar na secretaria e pegar um formulário para ela. Já estava ficando tarde. Eu não ousava me demorar além do sinal por medo da Arbuthnot. Da ira implacável da Arbuthnot. Naquela semana, ela havia massacrado verbalmente uma garota e a deixado às lágrimas por meros dois minutos de atraso. Ela discursou sem parar sobre o que é ser responsável, mostrar respeito por ela e pelos colegas, por todos que faziam o esforço de comparecer à aula pontualmente. Não é preciso dizer que a garota desistiu da disciplina. Muitas pessoas desistiram e eu também teria feito isso, se não precisasse de mais um crédito em Literatura para me formar.

O sinal soou. Nada de Ceci.

Depois do almoço, subi as escadas para a aula de artes. Ela estava sentada à mesa, perto da janela, conversando com a Brandi. Alguma compulsão me fez ir em frente e interromper o pequeno tête-à-tête das duas.

— Ceci?

Ela piscou para mim.

— Sim?

— Trouxe um formulário pra você. — Procurei por ele na minha pilha de cadernos.

Ignorando minha presença, Brandi continuou:

— Então, se você quiser vir hoje à noite, posso pegar você depois do trabalho.

— Aqui. — Empurrei a ficha para Ceci.

— Certo, obrigada. — Ela sorriu e deixou a folha de lado, em cima dos livros. Em seguida, respondeu para Brandi: — Eu ligo pra você.

Mackel voou pela porta.

— Então, pessoal. — Ele gorjeou. — Já estão com seus materiais?

Fui cambaleando à minha mesa. Winslow já estava lá, rabiscando em uma prancheta.

— Yo — ele falou.

— Yo pra você!

Respirei fundo e tentei esvaziar a mente. O que havia de errado comigo? Um tipo de raiva borbulhante andara me assolando ao longo de toda a manhã, antes mesmo de chegar à escola. Começou com Mamãe me encurralando na cozinha para me lembrar de que Faith viria passar o fim de semana, e será que eu me importaria de não ficar tão ausente? Sim, eu me importaria. Esse era o plano. No final da aula da manhã, a Arbuthnot acrescentou *Grendel* à nossa lista de leituras obrigatórias, como se eu tivesse tempo livre. Na aula de cálculo, eu ainda não tinha sequer conseguido decifrar por que *precisávamos* aprender sobre movimento retilíneo uniforme e, se o Mackel nos desse lição de casa, eu atearia fogo nos cabelos dele.

Ele deve ter sentido o calor do meu maçarico.

— Vamos fazer um exercício em sala hoje. — Ele falou. — Vocês devem terminá-lo ao fim da aula. Quero que criem um objeto completamente diferente a partir de outro que seja familiar para vocês. Ressintonizem suas mentes. Ampliem sua visão.

Eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Objeto familiar. Procurei pelo recinto. Tudo ali era estranho, incômodo. Ela, cochichando com a Brandi. Pare de olhar para ela.

Obriguei meus olhos a olhar para a mesa, para a prancheta. Minha mão esquerda estava espalmada sobre o papel. Certo. Algo familiar. Tracei uma linha em torno dos dedos. Estudei o contorno.

Um peru foi tudo o que vi. Winslow esticou a mão e terminou de traçar a barriga debaixo do meu polegar. Nós dois rimos. Precisamos enfiar a cara na mesa para sufocar a risada.

Winslow realmente entregou o peru. Eu risquei uma folha por cima da chave do meu jipe e coloquei a legenda: “Isto não é uma chave. Amplie sua visão”.

A caminho do meu armário, depois da aula, meu celular tocou. Era o Seth me lembrando sobre a patinação no gelo amanhã, como se eu tivesse esquecido.

Como, de fato, esqueci, ele disse que me buscaria às dez e acrescentou:

— Boa sorte com a competição. Queria que você me deixasse ir torcer pra você.

— Nem agora. Nem nunca. — Já tínhamos passado por isso. Ele sabia como eu detestava as pessoas na arquibancada, como ficava apavorada de saber que alguém estava ali me observando, esperando por um bom desempenho. Natação não tinha a ver com competir. Tinha a ver com... sei lá. A equipe. Eu. As garotas.

Enquanto colocava a chave na porta do meu jipe, notei algo preso nas varetas do limpador de para-brisa. Era duro, quadrado e embrulhado em papel vermelho. Jogando minhas coisas no banco traseiro, subi no banco e fechei a porta. Arrancando a fita adesiva, afastei o papel e retirei o objeto de dentro.

Era um CD das Dixie Chicks. Uma onda de calor transbordou de dentro de mim.



O cheiro me acertou antes que eu chegasse ao porão.

— Faith, eu não tinha pedido pra você não queimar incenso aqui?

Uma vareta estava ardendo em cima da cômoda dela. Do altar, quero dizer. Estava atulhado de criaturas aladas medonhas, símbolos religiosos esquisitos e crucifixos. O fedor do incenso impregnava tudo.

Faith mergulhou o incenso em um copo de água, franzindo o cenho para mim através do espelho. Ela tinha tomado cuidado extra com as camadas de maquiagem branca. Ah, isso não me irritava mais do que as mãos que já estavam em sua boca. Ela roía as unhas até que sangrassem. Ao que parecia, o movimento gótico preconizava a automutilação.

— Aonde você vai? — Ela cuspiu uma cutícula e me seguiu até o limite da divisória entre nossos espaços.

— Uma competição da equipe de natação — murmurei.

— Posso ir junto?

Abrindo o zíper da minha mochila, respondi:

— Você não ia querer. — Substituí meu maiô molhado por um seco e verifiquei se estava com o estojo das lentes e os óculos de natação. — Já se perguntou por que somos chamadas de Estrelas-do-mar de Southglenn? Porque as estrelas-do-mar não nadam. — Olhei de soslaio para Faith.

Ela não sorriu. Nunca sorria. Ela zumbiu:

— É melhor do que ficar aqui com a June e o Ward Cleaver.¹

Eu ri. Ah, meu Deus. Será que Faith tinha senso de humor?

— Achei que você gostasse de torturas e sacrifícios.

Ela deu meia-volta e saiu. Ops. Não foi engraçado, de verdade. Espiei por cima da divisória para avisar que havia sido uma piada, mas ela já tinha enfiado os fones de ouvido e começado a mexer no CD player. As porcarias que ela escutava. The Flesh Eaters. Tapping the Vein.

Escavei em busca do meu CD player debaixo da cama. Fazia um tempo que eu não o usava. Estava empoeirado. Verifiquei as pilhas. Do outro lado da divisória, escutei o riscar de um fósforo.

Maldita.



Meu melhor tempo foi nos cinquenta metros nado livre e ainda cheguei por último.

Bem. Não é como se eu fosse piorar a equipe... éramos todas ruins. Nosso objetivo, segundo o técnico Chiang, era conseguir terminar uma única vez que não fosse entrando pelo cano.

Era um sonho inalcançável.

Infelizmente, a disputa de nado medley estava marcada para logo depois do meu treino, e eu estava tão cansada que mal tinha conseguido começar a volta quando a disputa já havia terminado. Conforme arrastei meu cadáver para fora d'água, ofegante e tonta, meus olhos desviaram para a plateia.

Ceci estava lá, de pé ao lado das arquibancadas com um grupo de garotas. Nenhuma que eu conhecesse. Ela usava calças de aviador cáqui e uma camiseta com um sinal de visto. A camiseta dizia "SIMPLESMENTE FAÇA" e abaixo da legenda abriam-se parênteses: "COM GAROTAS".

Ela me viu e levantou o queixo em um sinal de reconhecimento.

Se os músculos do meu rosto estivessem funcionando, eu teria sorrido. O que ela estava fazendo ali?, me perguntei. Bem, dã. Ela veio ver alguém nadar. Quem? Brandi não estava no time. Alguma outra garota?

Arranquei minha touca e chacoalhei os cabelos. Encharcada e insegura, era assim que me sentia. O técnico me passou uma toalha.

— Bom trabalho! — Ele mentiu.

— Não marcaram meu tempo, não é?

Ele sorriu, tímido.

— Temo que sim. Obrigado por comparecer, Holland. É bom ter alguém com quem contar.

— Para quebrar o recorde do pior tempo individual. — Murmurei, cobrindo minha cabeça com a toalha. Os tênis dele chapinharam no piso molhado enquanto ele se afastava para falar abobrinha com o outro técnico.

— Eu já estava me preparando pra chamar a guarda costeira.

Arranquei a toalha do meu rosto.

Ceci sorriu.

— Cala a boca! — Falei e a chicoteei com a toalha.

Ela agarrou a ponta e segurou.

— A gente vai sair pra dançar na Rainbow Alley, se você quiser vir também.

— O que é a Rainbow Alley? — Olhei para as garotas por cima dos ombros dela.

— É um centro para jovens gays — ela disse.

Uma pontada de medo se alojou na minha espinha. Por quê? Eu queria passar um tempo com ela, conhecê-la. Mas em um centro para jovens gays? E se ela pensasse...? E se isso significasse...? Um ruído de estática estalou na minha cabeça.

— Ah, obrigada, eu não vou poder. Tenho que voltar de ônibus com a equipe. — Meus olhos foram atraídos para o piso molhado sob os pés de Ceci. Tênis de canos altos desamarrados. Que bacana.

— Eu poderia seguir o ônibus e pegar você na escola — ela disse.

— Tenho que ir pra casa.

Ela olhou para mim. Enxergou dentro de mim. Sabia que eu estava mentindo e deu meia-volta.

— Ceci — segurei o braço dela. Depois, soltei quando minha mão pegou fogo. — Obrigada pelo CD. Eu ouvi ele inteiro no caminho pra cá. É incrível.

Ela sorriu de novo, um sorriso lento, sugestivo. Então, piscou e saiu correndo para alcançar as amigas.

Ela era tão galanteadora. Eu costumava ficar nauseada ao ver garotas agirem dessa forma. Kirsten, por exemplo. O jeito como ela abordava os garotos, tão óbvia. Com a Ceci, no entanto, era diferente. Com ela, era... sexy.

June e Ward Cleaver são personagens do sitcom dos anos 1950 e 1960 chamado *Leave it to Beaver*.

CAPÍTULO 7

O lago Echo estava apinhado na hora em que eu e Seth chegamos. Graças a Deus, Faith não foi conosco. Ela disse que tinha planos, e eu imaginava que eles incluíam queimar a minha efígie. Ela havia aparecido no meio da discussão acalorada que Mamãe e eu tivéramos sobre eu convidar Faith. Desculpe, eu não conseguia pensar em uma gótica de patins.

Avistei Leah e Kirsten circulando o perímetro do lago, as cabeças bem próximas, conversando. Seth falou:

— Vou me informar sobre o jogo de hóquei, ver se podemos participar. — Ele correu para a margem sul, onde havia uma partida em andamento.

Cortei caminho sobre o lago congelado e parei ao lado da Leah.

— Oi, Holl! — Ela me cumprimentou. — Como foi a competição?

— Ninguém afundou — respondi.

— E alguém teria notado se isso acontecesse? — Kirsten brincou.

Leah a cutucou.

— Eu não devia falar disso. — Kirsten fechou o velcro das suas luvas de esqui. — Nenhum dinheiro seria suficiente para me fazer vestir um maiô em público. — O rosto dela subitamente se iluminou: — Ali está ele! Vejo vocês depois. — E saiu patinando.

Leah e eu ficamos observando enquanto ela acelerava na direção da margem, onde Trevor tinha acabado de sair do banheiro masculino. Ele usava botas de caminhada, notei. Arqueei minhas sobrancelhas para Leah.

— Ele não patina — ela explicou.

— Ainda bem que já aprendeu a usar o penico.

Ela bateu em mim. Kirsten derrapou até parar perto da borda, derramando uma chuva de cristais de gelo sobre Trevor. Ela se atirou sobre ele, envolvendo-o em um beijo mortal.

— Onde foi que ela arrumou esse menino? — Perguntei a Leah. — Na loja de brinquedos?

— Holland, isso é maldoso.

Empalideci.

— Desculpa. É que... — Não era da minha conta, essa é a verdade. E daí se a Kirsten já tivesse passado por todos os estudantes do primeiro ao quarto ano do ensino médio e agora estivesse atrás dos bebês? Eu não tinha por que enfiar meu dedo nesse bolo.

— Ela o ama de verdade. — Leah disse. — Acha que finalmente encontrou sua cara-metade.

— Lei das médias. — Comentei. — É o que acontece quando você faz muitas tentativas.

— Holland. — Leah ficou chocada.

Eu me encolhi.

— Desculpa. Só estou sendo malvada. Espero que ele seja o cara certo pra ela.

Todas nós devíamos achar o homem dos nossos sonhos, pensei.

Patinamos perto do jogo de hóquei e Seth nos chamou:

— Holland, Leah. Eles vão precisar de reforços dentro de dois minutos. Avisem a Kirsten pra vir também. É um jogo misto.

Segurei a trave do portão. Leah falou:

— Vou avisar a Kirs. Não estou a fim de jogar hoje.

— Tá de brincadeira? — Franzi a testa para ela.

Ela decolou. Estranho. Leah estava ansiosa para que o lago abrisse logo, para que pudéssemos jogar hóquei todo fim de semana, como costumávamos fazer. Será que ela estava brava comigo por criticar o namorado da Kirsten? Eu só estava brincando, quero dizer... Droga.

Apertei os cadarços e fiz algumas flexões de joelhos para aquecer. Enquanto eu vestia as luvas, Kirsten disparou através do portão e parou derrapando ao meu lado.

— Tem alguma coisa errada com a Leah? — Ela perguntou. — Ela parece meio distante ultimamente. Desde o Natal, pra falar a verdade. Você notou?

— Hã, sim. — Na verdade, não tinha notado. Será que estava tão concentrada em mim mesma? Sério mesmo? Leah era minha melhor amiga, eu deveria ter reparado nisso.

Kirsten acrescentou:

— Estou preocupada com ela. Ela mal falou três palavras comigo a semana inteira. — Espiamos o outro lado do lago, onde Leah estava sozinha patinando, fazendo desenhos no gelo. — Ela conversou com você?

— Não — admiti.

— Se ela contar o que tá acontecendo, você vem me contar, certo?

— Sim, claro. — Uau. Leah realmente não parecia mais a garota animada que costumava ser. — Espero que não seja por causa do Conner. — Pensei alto.

Os olhos da Kirsten se arregalaram.

— De jeito nenhum. Eles estão firmes e fortes.

Conner era o namorado da Leah, quase noivo. Não estavam oficialmente comprometidos, mas só porque decidiram esperar. Conner era um ano mais velho que Leah. Depois de se formar, no ano anterior, ele entrou para a Americorps e se mudou para Atlanta. O plano era que Leah fosse morar com ele na primavera.

Eu gostava do Conner, esnobe do jeito como ele era. Ah, eu só tinha inveja da BMW. O cara tinha muita grana. Nos fins de semana em que estava na cidade, ele levava a Leah a restaurantes românticos e gastava uns cem dólares com ela. Enquanto isso, uma grande noite com o Seth significava sentar em uma cabine do Wendy's em vez de só passar pelo *drive-through*.

Eu não havia conversado com a Leah, a não ser nos nossos bate-papos diários na hora do almoço. Imperdoável. Prometi que ia colocar o assunto em dia.

A cabana no lago Echo oferecia tacos e capacetes de hóquei para quem não trouxesse o

próprio equipamento. O goleiro de capacete azul levantou a mão e nos chamou:

— Reforços. — Três ou quatro jogadores patinaram de encontro à cerca para um descanso. Capacetes foram retirados e mudaram de cabeça.

Kirsten perguntou:

— Qual é a cor do seu, Seth?

— Azul — ele respondeu. — Vou ser o goleiro, a menos que você queira.

Ele estava falando comigo, mas Kirsten cantarolou:

— Vá em frente! — Ela arrancou o último capacete azul da minha mão.

— Vou ser sua guarda, Seth. — Piscou para ele e me jogou o capacete vermelho.

Será que ela fez isso de propósito para me aborrecer? Às vezes...

Seth fez sinal com o dedo na minha direção.

— O que foi? — Escolhi um taco de hóquei da tenda de aluguel.

— Vem cá.

Obedeci. Ele amassou minhas bochechas entre as luvas de esquí.

— Boa sorte — falou. — Você vai precisar.

Beijei-o, depois enterrei a lâmina do patim na bota dele.

O confronto foi vencido pelo time vermelho e nós levantamos o puck do gelo com os tacos. Os outros cinco jogadores do meu time eram bons patinadores, eu já os tinha visto por aí ou jogado com eles antes. Coop, um dos amigos do Seth, era um winger, jogava na dianteira do meu time. Ele resmungou alguma coisa, mostrando me reconhecer. A única outra garota de capacete vermelho parou ao meu lado, girou de ré com os patins e disse:

— Oi, eu sou Dayna.

— Holland. — Tocamos as luvas.

Ela mudou de direção e disparou para a rede. Uau. Com aquelas coxas, ela só podia ser uma velocista dos patins.

Perdemos a oportunidade de marcar ponto, mas apenas porque Coop e outro cara do nosso time marcaram bobeira segurando o puck.

— Aqui! — Ouvi Dayna gritar mais de uma vez, mas eles não passavam o puck para ela.

Kirsten interceptou um passe entre Coop e o colega dele e disparou na direção do nosso gol. Droga. Alcancei-a dentro da área e roubei o puck de volta. Patinei em curva e manobrei o puck com o taco para o lado, então vi Dayna festejando e lancei o puck em sua direção. Coop o pegou no ar e passou-o para o amigo.

— Droga — Dayna resmungou enquanto derrapava do meu lado. — Eu tinha o campo aberto.

— Eu sei. — Nós duas reviramos os olhos.

O jogo continuou equilibrado pelos vinte minutos seguintes, até que estivessem todos bem cansados. O placar estava cinco a quatro para o time azul.

— Intervalo! — Seth anunciou.

O alojamento havia nos enviado um barril de cidra quente e os jogadores o cercaram como um enxame. Eu precisava arrumar minha meia que havia se embolado no tornozelo. Dayna caiu ao meu lado no banco.

— Precisamos tirar da frente o Beavis e o Butthead — ela falou. — Teríamos feito pelo menos três gols se não fossem aqueles idiotas.

— É isso aí — concordei. Eles estavam dominando o jogo.

— Se eu conseguir pegar o puck pelo menos uma vez, tenho certeza que posso fazer a ruiva comer poeira.

Ela estava falando da Kirsten.

— Ok. Vou fazer o possível para tirá-la da frente. Ela tem o joelho esquerdo ruim — contei a Dayna. — Se você pegá-la por esse lado, ela não consegue se recuperar a tempo.

— Ah, é? — Os olhos da Dayna brilharam. — Legal. — Ela cruzou uma perna sobre o joelho e limpou a lâmina do patim. — Você é uma boa jogadora. Está em algum time?

— Não. Eu tenho jogado com o pessoal desde que tinha uns seis anos. Você é uma ótima jogadora. Onde costuma patinar?

— No rink Andersen, na 104ª com a Sheridan, conhece?

Eu sabia onde era. Meneei a cabeça.

— Você vem muito aqui? — Dayna me olhou por cima do taco.

Antes que eu conseguisse responder, Seth veio patinando com dois copos de isopor de cidra quente.

— Aqui, gata. — Ele deu um para mim. Ao notar Dayna, ofereceu o outro. Que cavalheiro.

— Não, obrigada — ela disse, sorrindo. — Vai fundo.

A cidra estava fumegante e picante e eu a segurei próximo ao rosto para o vapor aquecer o meu nariz. Dayna se pôs de pé, enfiou os patins no gelo e disparou.

Fiquei me perguntando sobre ela. Não, não fiz isso. Eu já sabia.

No segundo tempo, Dayna esperou pacientemente. Os jogadores não só fizeram os passes, como ficaram o tempo todo fazendo faltas e cruzando os tacos em *stick checking*. Não existe *checking* no hóquei aberto, todo mundo sabe disso.

Uma multidão estava se juntando na borda da pista e alguém gritou:

— Vocês estão terminando? Queremos jogar.

Coop gritou:

— Mais um minuto! — Ele passou por mim. Ainda estávamos perdendo por um gol. Rápida como um borrão, Dayna zarpou por trás de um jogador azul e costurou pelo meio. Ela perseguiu Coop e fez um *body-check* tão forte que ele quase saiu voando. Dayna roubou o puck dele e correu pela lateral.

Mergulhei na cola dela. Kirsten passou por mim, perseguindo Dayna, mas Dayna driblou-a pela frente, quase fazendo Kirsten tropeçar. Dayna levou o puck até atrás da rede. Os olhos dela percorreram a pista e me encontraram.

Entrei no slot bem à frente do Seth. Ele estava alerta. Tinha uma ótima intuição e conhecia os meus movimentos. Assim que Dayna seguiu para a zona neutra, ela girou e passou por mim.

Seth se agachou. Eu fiz uma finta através dele e disparei o puck com um *backhand*. Seth mergulhou, primeiro de frente, mas o puck deslizou por baixo dele e para dentro da rede.

O time vermelho comemorou, como se tivéssemos ganhado a Copa Stanley.

Dayna patinou na minha direção para um *high five*. Enquanto eu deslizava por trás do Seth, ainda tombado no gelo, ouvi-o resmungar:

— Porra.

Abaixei, peguei o puck e deixei cair sobre as costas dele.

— Acho que você quis dizer “puck”.

Ele agarrou meu tornozelo e tentou me derrubar, mas escapei. Ele se pôs de pé e me perseguiu pelo gelo, empurrando-me para um monte de neve na extremidade oposta. Esfregamos neve na cara um do outro, rindo e lutando. Seth prendeu meus braços e rolou sobre mim. Beijou-me. Manteve a pressão até que eu tivesse dificuldade para respirar.

— Sai fora! — Ordenei.

— O quê? — Ele disse, parecendo confuso. Ficou de joelhos.

— Machuquei você?

— Não — Sim. Pus-me de pé. Ele sempre tem que estragar as coisas, pensei. Parece que nunca podemos só nos divertir.

Coop patinou na nossa direção e falou para Seth:

— Vamos começar outro jogo. O time vermelho está com um jogador a menos. Quem entra, você ou a Holland?

Seth me perguntou:

— Holl?

— Pra mim já deu — falei, tirando a neve da gola do meu casaco. — Vai você. Preciso passar um tempo com a Leah.

Ele limpou a neve da minha nuca e depois saiu.

Encontrei Leah junto da fogueira, onde ela e Kirsten esquentavam as mãos. Leah disse:

— Ótimo jogo. Só assisti ao final, quando você fez gol.

Kirsten murmurou:

— Nós teríamos ganhado se não fosse aquela sapatão.

Eu virei devagar para encarar Kirsten.

— Como é que é?

Os olhos dela encontraram os meus e ela mordeu o lábio.

— Se você se refere à Dayna, ela é uma baita de uma atleta.

Kirsten resmungou:

— É, todas elas são.

— O *que* está querendo dizer?

— Ei — Leah segurou meu braço. — Está esfriando. Vamos entrar. Trevor disse que guardou uma mesa pra gente na lanchonete.

— Falando no Trevor... — eu disse, retirando minhas luvas congeladas. — As pessoas estão começando a fofocar.

A cabeça da Kirsten levantou.

— Sobre o quê?

— Adivinha.

Os olhos dela se estreitaram. Ela inclinou o rosto em direção ao meu e falou:

— E por que você não me conta?

Droga. Eu não devia nem ter começado essa discussão. No entanto, ela precisava saber a verdade.

— Estão dizendo que você é uma piranha.

Kirsten deixou escapar um suspiro.

— Sério! — A mandíbula dela se apertou. — Bem, não importa quem são essas *pessoas*, elas podem ir se foder. — Ela saiu patinando na direção da entrada.

Leah suspirou.

— Holland...

— Eu sei — minha cabeça caiu para trás. — Abrir o forno, inserir a cabeça.

Leah correu a lâmina do patim para a frente e para trás sobre o gelo.

— Ela acha que você a está julgando.

— Não estou — meu rosto corou. Estou? Talvez esteja. — Sou amiga dela, Leah. Achei que ela devia saber. Só estou tentando protegê-la. — Certo, Holland. Isso é tão nobre da sua parte. Deveria usar a verdade para afastar seus amigos com maior frequência. Deixei escapar um longo e profundo suspiro. — Vou ligar pra ela mais tarde e pedir desculpas.

— Obrigada — Leah falou. Ela detestava quando eu e Kirsten trocávamos farpas. Graças a Deus, ela sempre esteve ali para acalmar os ânimos. Isso me fez imaginar como foi que eu e Kirsten conseguimos manter nossa amizade por tanto tempo. Conhecíamos-nos desde a oitava série, quando ela e a mãe vieram de mudança do Texas, depois da primeira vez que os pais dela se separaram. Kirs estava bastante abalada na época. Ela queria muito ter ido morar com o pai, mas ele havia ido morar com a namorada e ter uma criança por perto estragaria o estilo de vida do casal. Ele nunca telefonava para ela, nem sequer nos aniversários. Então começamos a conversar e descobrimos que tínhamos o “pai ausente” em comum.

Kirsten era uma companhia divertida. Destemida, doida e um pouco descuidada. Diferente de mim, a sra. Chata e Previsível.

Leah começou a seguir em direção à entrada e eu a alcancei.

— Você está bem? — Cutuquei o ombro dela com o meu. — Você parece meio distante, como disse a Kirs.

Leah sorriu.

— Estou bem.

— Mesmo?

Ela abriu a boca e em seguida fechou. Olhando saudosa para além do gelo, ela falou:

— Sinto falta dos velhos tempos.

Franzi a testa.

— Os velhos tempos?

Ela olhou para mim.

— Quando éramos crianças. Vindo aqui. Patinando por horas. Brincando de pega-pega e de bobinho. Vou sentir saudade de tudo isso. — Os braços dela se estenderam para abranger algo maior do que o lago.

Esquivamo-nos de um grupo de garotos bagunceiros que estavam perseguindo umas garotas à nossa frente, fazendo-as rir e gritar. Acho que entendi o que Leah queria dizer. A vida era mais fácil quando éramos crianças. Não girava em torno das mudanças, das escolhas e de seguir adiante. Vivíamos o momento. O tempo era eterno.

Enganchei meu braço com o da Leah.

— Vou te dizer uma coisa. Vou pedir pra gente uma banana split com chantilly extra e duas cerejas em cima. Em homenagem aos velhos tempos.

— Só nos seus sonhos — ela disse. — Eu teria que fazer dieta a semana inteira.



No domingo à noite, eu estava caindo em um cochilo quando Seth ligou. Minhas pálpebras pesavam como chumbo depois de passar seiscentas vezes pela mesma página de *Beowulf*. Nenhuma palavra fora registrada.

— Faith já foi embora? — Ele perguntou.

— Sim. — Bocejei. — Mas o Neal está aqui.

— Não me importo. Estou indo aí.

Ele desligou antes que eu pudesse protestar. Não é que eu não quisesse vê-lo, acontece que era domingo. Uma noite de estudos.

A primeira coisa que ele fez, assim que o guiei para o meu quarto, no porão, foi abrir o zíper do jeans.

— Meu Deus, Seth. Você nem sequer pergunta.

Ele parou com os jeans em volta dos quadris.

— Você não quer? — Perguntou.

Suspirei e me deixei cair na cama. Arrastei-me até a cabeceira e abracei os joelhos, respondendo:

— Não é isso. Só que... — parei.

— O quê? — Seth examinou meu rosto. — O que é, Holl?

— É só isso que fazemos quando estamos sozinhos.

Ele fechou o zíper do jeans. Sentando-se ao meu lado no colchão, ele disse:

— A gente não tem conseguido ficar muito tempo sozinhos, gata. Você não quer fazer no carro e não podemos ficar juntos quando a Faith está aqui. Agora, as noites de estudo não contam.

Entendi o recado.

— Lembra como a gente costumava conversar? Por horas e horas, a gente só conversava. A gente não conversa mais.

— A gente conversa todo dia — ele disse. — Vejo você no almoço, ligo pra você toda noite. E nos vemos nos fins de semana, sempre que possível.

Fechei os olhos com força e deixei a cabeça cair entre os joelhos. Seth se esticou ao meu lado, passando um braço pela minha cintura e me puxando para perto dele.

— Podemos conversar — ele disse. — Sobre o que você quer falar?

— Eu não sei — murmurei.

— Amo você — ele sussurrou na minha orelha. — Sei que não digo isso o bastante. Amo você, amo você, amo você. É o que quer ouvir?

Não era. Eu já sabia disso.

— Quando foi que paramos de ser amigos? — Levantei a cabeça.

Ele se afastou um pouco.

— Mas nós ainda somos amigos. Você é a melhor amiga que já tive. — Ele me examinou. — Pras garotas é diferente, eu sei. Mas você não pensa em mim como seu amigo?

— Sim, eu penso. É claro. Só que... — Só que o quê, Holland? Diga a ele.

Diga a ele como você gostaria de voltar para o modo como as coisas eram antes. Antes do

sexo, do compromisso. Ah, sim. Ele ficaria maluco de felicidade com isso.

Seth beijou minha orelha, depois meu pescoço, minha clavícula. Por mais que eu tentasse, não consegui corresponder. O que havia de errado comigo? Ele era ótimo, maravilhoso, perfeito. Era tudo que uma garota podia querer.

Então, por que, depois que ele foi embora, fiquei acordada na cama desejando no fundo alguma coisa mais?

CAPÍTULO 8

*P*rimero, o frio. Os pulmões inflando. Depois a força. Enfrentando-o, lutando com ele. Com mais força, mais empenho. Deslizando. Chutando. Respirando.

Mais e mais rápido. Movendo-se, movendo-se. Para longe dele. Em direção a ele. Chegando lá.

Minha voz interior cantou:

— Chegue lá, chegue lá, chegue lá.

Lá *onde?*, perguntei.

Nenhuma resposta veio.

O concreto resvalou na ponta dos meus dedos ao mesmo tempo em que minha cabeça irrompia pela superfície da piscina. Meu peito doía. Cada músculo em meu corpo queimava. Por quanto tempo nadei? Por muito tempo e muito rápido. Meus olhos ardiam. Eu os fechei, agarrei-me à borda até que a tontura evaporasse. Depois me arranquei da piscina e caminhei até o vestiário para tomar um banho gelado.

— Oi, Holland.

Dei um salto. Normalmente, eu ficava sozinha nessa parte do dia.

— Se eu tivesse a sua disciplina, poderia ser igual à sua mãe. Mas, lamentavelmente, minhas células de gordura se recusam a encolher.

Sorri para a sra. Lucas.

— O que está fazendo aqui? — Minha voz soou cortante, acusadora. Do jeito como me sentia... invadida.

Por infelicidade, ela não notou. Colocando uma faixa de ginástica na testa, ela respondeu:

— Começamos um programa matinal de treinamento para os funcionários. Para trabalhar os bíceps. — Ela levantou pesos imaginários.

Amaldiçoei-a em silêncio. Meu único momento de privacidade. Eu precisava muito estar sozinha nesse instante. Para pensar. Para não pensar. Agarrei duas toalhas do carrinho da lavanderia, parado, ao lado da porta e fui em direção aos chuveiros.

A sra. Lucas me seguiu.

— Chegou a estudar todos aqueles catálogos? Já decidiu onde se inscrever?

— Ainda não — respondi, girando a torneira de água quente. — Passei o fim de semana inundada de lição de casa. — O que era verdade. Estávamos apenas na segunda semana do

período e eu já estava sofrendo para acompanhar o conteúdo. Motivação zero não ajudava.

— Bem, não demore muito. A maioria das inscrições deve ser enviadas antes do dia primeiro de fevereiro.

— Eu sei — alfinetei. Acalme-se, Holland. Meu Deus. — Vou fazer isso hoje à noite. — Girei a cabeça e sorri para ela, desejando que ela fosse embora.

— Recebeu o convite?

Não respondi, apenas mergulhei debaixo do chuveiro e me desliguei.



Ceci estava sentada no chão, em frente ao seu armário, lendo compenetrada uma revista dos *X-Men*. O copo de café estava no carpete, ao lado dela, e a caixa de donuts, aberta para o mundo.

— Você vai engordar — eu disse, antes de girar minha senha na fechadura. Não tinha como ser mais grosseira? Virei-me para pedir desculpas.

Ceci não tinha escutado, ou estava me ignorando. Abri meu armário e olhei no espelho. Precisei ficar na ponta dos pés para conseguir vê-la. Ela tinha dado uma mordida em um donut de chocolate e estava agitando-o no ar, como isca para mim.

Sorri para mim mesma, sabendo que estava sendo observada. Deixando o armário aberto, fui para o lado oposto do corredor e examinei o que havia na caixa. A maioria dos donuts estavam esmigalhados ou eram sobras amassadas.

— Esses são os piores donuts que já vi. — Abaixei e escolhi um pedaço com cobertura de coco. — Não sei quanto pagou, mas você foi roubada.

Ela fechou a revista em quadrinhos.

— Como não paguei nada, digamos que foi um bom negócio.

— Donuts grátis? — Minhas sobrancelhas saltaram. — Onde?

— Hott 'N Tott. A loja do meu tio. Ou, como costumamos nos referir orgulhosamente à loja e ao meu tio, o Tesão dos Donuts.

Eu ri. E ela sorriu.

— Só consigo pegar de graça porque trabalho lá.

Os músculos da minha coxa estavam repuxando, forçando meus quadris enquanto eu ficava naquela posição. De pé ou no chão? Meus joelhos decidiram. Sentando de pernas cruzadas do outro lado da caixa de donuts, perguntei:

— E onde é esse lugar? O Tesão dos Donuts?

Ela repuxou o lábio.

— Depois da Speer e da Colfax. Ao lado da Washington Central.

Meneei a cabeça, ainda sem saber onde ficava. A Washington Central era como o submundo, do outro lado da cidade. O sinal do início das aulas ressoou acima de nós e enfiei o restante de donut na boca. Colocando-me de pé, corri para o outro lado.

— Aqui está o formulário — ela disse, de repente ao meu lado.

— O quê? Ah. — O título “Lésbicas, Gays e Bissexuais” saltou logo na primeira linha. Peguei o formulário para criação de clube das mãos dela e li às pressas enquanto fechava meu

armário.

— Quando vai ser sua próxima reunião? — Ela perguntou.

— Na verdade, hoje. — Deslizei a folha para dentro do meu caderno. — Durante o almoço.

— Tudo bem. — Ficamos ali paradas por um momento, meio sem jeito. Meu coração estava disparado. Não sei quem se mexeu primeiro, mas começamos a andar pelo corredor juntas. Próximas. Ela parou na divisão do corredor, ou talvez tenha sido eu.

— Depois me conte o que eles disserem — Ceci falou. — Vejo você na aula de desenho. — Ela olhou nos meus olhos, segurando-me em um transe. Quando me dei conta, ela já havia se afastado. Desaparecido na bruma. Respirei fundo e deixei o ar sair devagar. Por que ela fazia com que eu me sentisse balançando à beira de um precipício? Um passo em falso e eu mergulharia no abismo.



Para variar, decidi fazer a reunião do Conselho Estudantil na Pizza Hut do outro lado da rua. O sr. Olander iniciou a reunião nos informando que ele tinha recebido um pedido da administração para ajudar a organizar uma conferência sobre liderança na Southglenn High em maio. Discutimos quantas salas reservar e quais tópicos seriam interessantes. Os detalhes foram se multiplicando exponencialmente conforme a conversa prosseguia, então sugeri que formássemos um subcomitê. Seth ofereceu a si mesmo e a mim para trabalharmos nele.

Isso custou a ele o mais ameaçador olhar de eu-preferia-que-você-não-tivesse-feito-isso. Ele sabia que meu cronograma já estava a ponto de explodir.

Também dividimos as tarefas para os projetos de serviço comunitário, antes que o sr. Olander dissesse:

— Certo. Se não há mais nada, proponho que adiemos...

— Espere — interrompi. — Tem mais uma coisa. — Enfieei a mão na mochila procurando pelo formulário. — Tenho um pedido para a criação de um clube. — Eu havia enfiado a folha no meio do caderno de literatura, que estava embaixo de tudo. — Deixe-me achar.

— Qual vai ser agora? — Seth falou. — Comensais da Morte Anônimos?

Alguns riram. Os góticos tinham sido o último grupo a fazer um pedido para formar um clube, que fora recusado porque não conseguiram achar um orientador.

— É um grupo LGBT — falei.

Todo o ar foi sugado do recinto.

— As bichas querem um clube? Esqueça.

Quem disse isso? Meus olhos vasculharam. Kirsten?

— Deixe-me ver. — Ela arrancou o formulário da minha mão. — A sra. Markenko concordou em ser a representante docente? — Ela estalou a língua. — Sempre desconfiei que ela era uma baita sapatona.

— Kirsten! Meu Deus. — Agarrei a folha de volta.

— Desculpe — ela disse, sem soar arrependida.

— Tivemos esse tipo de pedido em Mitchell, minha escola anterior — disse o sr. Olander.

— E o que aconteceu? — Perguntei a ele.

— Nada. É controverso demais.

Meu sangue ferveu.

— Então recusamos clubes porque eles são controversos demais?

Ele pareceu um pouco melindroso.

— Bem...

— Isso não é inconstitucional? — falei. — E como fica a Primeira Emenda à Constituição? Liberdade de expressão, liberdade de associação?

Kirsten replicou:

— A Primeira Emenda não se aplica às escolas públicas, certo? — Ela se dirigiu ao sr. Olander, que visivelmente preferia estar anestesiando um sapo no laboratório a ter que lidar com isso.

— Espere um momento... — Minha voz se elevou.

Seth esticou a mão por cima da mesa e apertou meu pulso.

— Não vamos ficar parecendo um monte de fanáticos intolerantes se recusarmos?

— Obrigada — eu disse para ele.

Kirsten gracejou:

— E o que você acha que significa ter uma Política de Tolerância Zero?

Algumas pessoas riram.

Fuzilei Kirsten com os olhos.

— Muito engraçado.

— Ceci Goddard. — Kirsten esticou a folha sobre a mesa, lendo de cabeça para baixo. — Quem é ela?

— Ela é nova — falei. — Acabou de se transferir da Washington Central. — Para o grupo, acrescentei: — Obviamente, eles são mais progressistas lá do que nós aqui.

Todos baixaram os olhos, parecendo envergonhados. E deviam estar. Devíamos. Meus olhos focaram o nome de Ceci, depois, abaixo dele, a pergunta: “Número estimado de membros”. Quinze, ela havia escrito. Quinze? Tínhamos tantos gays assim na escola?

Kirsten disse:

— Não estamos atrasados no tempo e não acho que precisemos de um clube gay em Southglenn. Só porque alguma lésbica radical quer promover a agenda dela, não acho que devamos ceder.

Estalei minha língua.

— Não é assim. Ela não tem uma agenda. Não é um tipo de feminista militante, nem nada do que está pensando. Ela é legal. Ela é ótima. — Melhor calar a boca, pensei, sentindo o calor subir ao meu rosto.

Kirsten dobrou o lábio.

— O que é? — Meus olhos fixaram nos dela. Ficamos nos encarando por um momento, até que ela balançasse a cabeça e desviasse o olhar.

O sr. Olander suspirou e olhou para seu relógio.

— Temos alguns minutos. Leia o formulário, Holland.

Li em voz alta:

— O objetivo deles é “fazer reuniões e discutir problemas e questões da comunidade gay, socializar, organizar campanhas de arrecadação de fundos para AIDS e outras...”

Alguém murmurou:

— Daqui a pouco eles vão querer distribuição gratuita de camisinhas nos banheiros.

A mão de Kirsten disparou para o alto.

— Eu votaria a favor disso.

Todos gargalharam. Olander falou:

— Vou verificar a política da escola, mas, se for alguma coisa parecida com o que houve em Mitchell, teremos que negar o pedido.

— Por quê? — Gritei. Um pouco alto demais, até para os meus ouvidos.

Ele respondeu:

— É muito exclusivo. Se querem um clube com aprovação da escola, terão que permitir que qualquer pessoa se torne membro. Não apenas um grupo seleta, como esse que descreveram. Ademais, se não receberem autorização, não poderão fazer nenhum tipo de arrecadação no local.

Droga. Enfiei o formulário de volta no meu caderno. Quando nos levantamos para sair, Kirsten perguntou:

— Ainda podemos ter as camisinhas grátis?

No meio da calçada, esperando o sinal para atravessar a rua, eu a encurrelei.

— Por que você é tão contrária a esse clube?

Kirsten deu de ombros.

— E por que você é tão a favor?

O sinal tocou e Kirsten foi embora, sem esperar pela minha resposta.

O que foi bom, porque eu não tinha uma.



— Vocês vão manter um caderno para registrar suas observações diárias — Mackel nos falou, arremessando uma perna sobre o banco colocado logo à frente. — Não se preocupem com precisão ou realismo. Só quero que prestem atenção em coisas do dia a dia, procurem vê-las de um outro jeito. Quero que desenvolvam sua própria abordagem da arte como expressão pessoal.

Pessoal como? Como pessoal?

Meus olhos foram direto para Ceci, que estava lendo a revista em quadrinhos pousada no colo. Como eu contaria a ela sobre o clube? Talvez, ela se esquecesse de perguntar. Ou talvez Harvard me aceitasse só por ser bonita.

Mackel continuou:

— Hoje, vamos fazer um exercício. Vamos tentar enxergar em detalhes o que um artista faria. — Ele fez sinal para que alguém na primeira fila apagasse as luzes e abaixasse a tela branca. Pegou o controle remoto do projetor de slides, apertou um botão e iluminou o primeiro slide. — O que vocês veem? — perguntou.

— Uma cerca.

— Dã — Winslow zombou do meu lado.

Mackel perguntou:

— O que mais?

— Neve.

— E?

— O vácuo, o deserto absoluto das nossas mentes — Winslow sibilou.

Mackel riu.

— Melhor. Mas também não vamos dar julgamento e valores sobre os outros. Concentrem-se no que podem ver. Olhem de verdade. Estreitem os olhos, se for necessário.

Sombras, pensei. Alguém gritou:

— Sombras.

— Bom.

Linhas, espaços, formas, contraste, superfícies ásperas, superfícies lisas, frio.

— Holland! — Mackel chamou meu nome.

Eu me encolhi.

— O que você vê?

— Hum... — Engoli em seco, depois expus meu ponto de vista.

Ele avançou para o próximo slide. Eu estava certa? Flagrei a Ceci olhando para mim e sorrindo. Acho.

Continuamos esse exercício por mais quinze minutos, até que Mackel esgotasse os slides e nós esgotássemos nosso entusiasmo. Assim que as luzes acenderam, ele disse:

— Vamos repetir a tarefa da semana passada. Foi minha culpa não ter dado mais instruções a vocês. Fazia anos que não ensinava Desenho Nível I, como vocês podem imaginar. Novamente, escolham um único objeto na sala para desenhar. Concentrem-se na forma. Examinem o objeto cuidadosamente, com mais atenção do que qualquer outra coisa que já tenham observado. Sintam-se livres para caminhar e buscar inspiração. Vou tocar um pouco de música. Espero que ela desperte a criatividade que há dentro de vocês. — Ele colocou um aparelho de som em cima do banco e apertou um botão.

Música clássica começou a tocar.

Era tranquilizante. Eu nunca ouvia música clássica. Seth a chamava de musa do sono. Ele também detestava country.

Certo, escolha algo. Uma cadeira, a porta, um vaso de cerâmica na prateleira. Nada muito interessante. Observei o ambiente algumas vezes mais. A única coisa que continuava voltando ao foco da minha visão era a nuca dela. Havia textura ali. Forma, movimento, interesse. Abri meu caderno e comecei a desenhar.



Ela estava esperando por mim no corredor depois da aula. Ótimo. Levando-a até um canto ao lado do bebedouro, falei:

— Eles recusaram.

— Não. — Ela deu um tapa teatral no peito. — Que surpresa! — Encarando o horizonte, ela estreitou os olhos e disse: — Este lugar me dá nojo. Odeio aqui. É como se todos os homofóbicos estivessem exilados nesta escola.

— Não, não estão. — Devia ter uns dois.

— Ninguém nem sequer se assume aqui. Você já se perguntou por quê? — Os olhos de Ceci encontraram os meus.

— Eu... eu acho que é porque não tínhamos gays aqui.

Ela deixou escapar uma risada.

— Holland, abre os olhos.

Abri, e só enxerguei a ela. Ceci balançou a cabeça.

— Qual foi o motivo de terem nos *rejeitado*?

— Eles não rejeitaram *você*. O sr. Olander disse que não era inclusivo o bastante. Os clubes oficiais precisam estar abertos a todos os estudantes. — Peguei o formulário. — Talvez você pudesse acrescentar...

— Héteros. — Ceci meneou a cabeça. — Uma aliança gay e hétero, certo? Nossa, vou ter que aumentar a estimativa de membros para dezesseis. — Ela pegou a ficha das minhas mãos.

— Nós não queremos uma aliança gay e hétero. Pelo menos, eu não. Não poderíamos discutir coisas que realmente importam, como sair do armário, como lidar com o preconceito. E sexo.

Minha boca ficou seca de repente.

— Certo, isso faz sentido. Vou tentar de novo. — Estiquei a mão para pegar de volta o formulário.

— Não quero incomodar você — ela disse.

— Ceci, não.

Ela rasgou a folha em dois. O sinal soou e ela foi embora.

— Ceci — chamei, indo atrás dela. Ela começou a correr. Segui ela pela escadaria, depois a perdi de vista. Abaixando de encontro ao corrimão, fechei os olhos e lutei contra o ruído de estática na minha cabeça.

— Não é incômodo — murmurei acima do ruído interno. — Eu vou lutar por você.



Havia uma eletricidade no ar naquela tarde, as pessoas cochichavam.

Antes que a aula de economia começasse, captei um fragmento de conversa atrás de mim; meus ouvidos foram alfinetados com as palavras: “clube gay”.

Virei a cabeça e vi uma garota enfiando o dedo na garganta.

Então era isso. As notícias voam, pensei. E podia apostar que sabia quem estava alimentando os rumores.

— Holland. Ah, que bom. — Kirsten correu atrás de mim depois da aula. Eu estava indo para o treino da equipe de natação. — Preciso falar com você — ela disse.

Virei-me para ela.

— Por que está contando pras pessoas sobre o clube LGBT? O que conversamos no Conselho Estudantil é assunto particular.

Ela recuou.

— Sei disso. Eu não disse nada. — Ela pareceu ofendida e soou ressentida de verdade. — Olha, o Trevor e eu estávamos pensando se você e o Seth não gostariam de sair com a gente na

sexta à noite. Bem, *eu* estava pensando. — Kirsten engoliu em seco. — A gente só sai com os amigos do Trevor e eles são tão... Não sei. Chatos. Os pais da Haley Ackerson estão fora e ela vai dar uma festa na sexta à noite. Vocês vêm com a gente?

— Hã, claro. Tudo bem. — Senti-me tonta. Culpada por tê-la acusado. — Sexta? Ah, espera. Tenho uma competição de natação na sexta.

O rosto da Kirsten ficou sombrio, como se ela achasse que eu estava mentindo.

— É, tenho — falei.

— Tudo bem, tanto faz. Só queria que você passasse algum tempo com o Trevor. Conhecesse ele melhor. Ele é muito legal, Holland. Sei que você ia gostar dele, se desse uma chance.

— Eu gosto dele. — Isso não era justo. Não era essa a questão.

Os olhos da Kirsten resvalaram no chão.

— Você acha que ele é muito novo pra mim. Sei disso. Mas ele não é. Ele é maduro para a idade que tem. É o primeiro cara que conheci que não quer só ir pra cama comigo, entende? Ele se importa comigo. Ele me ama. De verdade. — Kirsten soava ansiosa, carente. As palavras da Leah ecoaram em minha mente: “ela pensa que você a está julgando”.

— Talvez a gente possa sair no sábado à noite? — Eu disse a ela. — Ir ao cinema ou coisa assim. — De qualquer forma, eu detestava festas. Eram só desculpas para encher a cara e transar com um monte de gente.

Kirsten se animou.

— Legal. Tudo bem. Podemos ir jantar primeiro. — Ela me abraçou. — Obrigada, Holland. Desculpe pelo que aconteceu mais cedo — ela disse. — Na reunião. Você me conhece, eu nasci pra ser a advogada do diabo. — Os olhos dela brilharam.

Fiquei observando enquanto ela se distanciava. Desde quando? O único lado que Kirsten sempre tomava em um debate era o seu próprio. Havia momentos em que eu não a entendia. Não a entendia nem um pouco.

Quando atravessei as portas ao final das escadas, vi Ceci perto da máquina de refrescos, diante de corredor dos armários. Ao lado dela, estavam dois caras da equipe de ginástica, acho. A porta da academia estava aberta. Alguma coisa na expressão dela fez com que eu apressasse o passo.

Conforme me aproximei, um dos caras se apoiou na máquina, acima da cabeça da Ceci, e falou:

— Vamos lá, só um beijo. Experimente, você vai gostar. — Ele fez beicinho e soltou estalidos de beijo.

Ceci se enrijeceu.

— Sai de cima de mim — ela falou. — Qual é o seu problema?

— O problema não é *meu*.

O outro cara agarrou o braço dela e a empurrou contra a máquina.

— Sentiu isso? Hã?

— Ei! — gritei, correndo pelo restante do caminho. Os dois viraram o rosto na minha direção. — Deixem ela em paz! — Coloquei-me entre eles. — O que acham que estão fazendo?

Os rapazes recuaram.

— Nada. Era só brincadeira.

Ceci disparou em direção às escadas.

— Ceci, espere. — Deixei os fortões para trás.

Ela já estava na metade da escadaria quando agarrei seu braço. Virei-a e disse:

— Você está bem? — Mas ela estava tremendo. Meu Deus.

— Doentes, Holland — ela disse. — As pessoas daqui são doentes.

— Nem todo mundo. Dois caras. — Estreitei meus olhos na direção deles. — Cretinos.

Ela balançou a cabeça e continuou a subir os degraus.

— Ceci. — Não consegui segurá-la. — Vamos denunciá-los por assédio sexual.

Ela parou no alto das escadas e se virou.

— Não — ela disse. — Não. Isso só vai piorar as coisas.

— Não podemos deixá-los escapar impunes.

— Podemos, sim. — Ela engoliu em seco. — Eles vão vir atrás de mim.

O rosto dela empalideceu e ela estremeceu.

— Esquece isso. — Ela passou por mim e saiu pela porta do lado leste.

— Oi, Holl. — Duas garotas da equipe de natação se aproximaram. — É melhor irmos pra natação ou o Chiang vai nos mandar ficar correndo em torno da piscina de novo.

— Certo. — O medo dela ainda pulsava através de mim. Cega, desci as escadas cambaleando.

CAPÍTULO 9

Não a vi na terça-feira. Ela não apareceu em seu armário nem na aula de Artes. Os cretinos, eu mesma deveria tê-los denunciado. A ausência dela me preocupava. E se ela nunca mais voltasse? E se eu nunca mais a visse? Naquela noite, folhee a lista telefônica procurando por “Goddard”. Havia dúzias. Nomes demais para que eu pudesse ligar. E o que eu diria? “A Ceci mora aí?” E se a resposta fosse “sim”? E se ela atendesse?

“Por favor”, eu diria. “Não vá embora. Volte e se submeta a mais agressões e assédios.”

Deus, e se ela se sentisse assim? Se estivesse se sentindo ameaçada? Fiquei acordada a noite inteira obcecada por isso. Por ela. Devo ter cochilado em algum momento, pois acordei com Mamãe chacoalhando meu ombro.

— Holl? Você vai se atrasar — ela disse. — O despertador não tocou?

Droga. Tinha esquecido de acertar o despertador.

A professora Arbuthnot parou no meio da frase quando me infiltrei na sala, quinze minutos atrasada. Mas eu *tinha* que ir me sentar ali, não é? Para ficar bem visível.

— Você está atrasada, Holland. — Ela me fez parar no meio do caminho.

Às vezes, precisamos dizer o óbvio. Virei-me para ela e sorri, dizendo:

— Desculpe, sra. Arbuthnot. Houve uma emergência na minha família esta manhã. Mas meu pai vai sobreviver. Os paramédicos conseguiram reverter a parada cardíaca a tempo.

Isso fez com que ela calasse a boca. Todos se calaram. Para as pessoas que encontrei no caminho até minha carteira, sussurrei “nããão”. Balancei a cabeça. E elas sufocaram o riso.

Arbuthnot murmurou um pedido de desculpas. Ao me acomodar na carteira, notei que ela parecia um pouco deslocada agora. Ótimo. Apenas fiz minha parte para inibir o abuso logo na fonte.

— Hã, cada um de vocês vai fazer uma descrição de *Beowulf* — Arbuthnot disse, perdendo-se em uma pilha de livros em sua mesa. — Concentrem-se no que acreditam ser os traços de personalidade mais marcantes dele. Analisem como e por que esses traços são importantes para seu desenvolvimento como guerreiro.

O rapaz à minha frente levantou a mão.

— Sim, Marcus — Arbuthnot falou, recompondo a postura.

— Podemos usar o fato de que Wulfie é gay?

Minha espinha congelou. As pessoas entortaram as cabeças embasbacadas na direção de

Marcus. E se viraram de novo para acompanhar a reação de Arbuthnot.

Ela disse:

— E como foi que chegou a *essa* conclusão?

— A cena com ele e seus homens alegres, jogando água uns nos outros. Pra mim, parece bem fresco. — Ele gesticulou, quebrando um pulso.

Todos riram.

O rosto de Arbuthnot ficou roxo.

— Saia desta sala imediatamente — ela rosnou, apontando para a porta.

— Por quê? Eu só estava dizendo...

— Fora! — Ela gritou.

Marcus murmurou um palavrão, depois afastou a carteira e recolheu seus livros. Saiu desfilando e rebolando por todo o caminho. Os assobios o acompanharam até a porta.

Em qualquer outro momento, eu o teria achado ligeiramente divertido. Hoje, eu só queria ficar de pé e gritar: “O que é isso? Semana Nacional de Homofobia Prática?”. Mas eu não podia. Não conseguia convencer meus músculos a se moverem. Não conseguia sair da minha carteira. Não conseguia me pôr a fazer o que sabia ser o certo.



Ela não estava na aula de artes. Tinha ido embora para sempre, eu sabia. Quando cheguei em casa, depois do trabalho, me senti mal. Fisicamente mal. Durante o jantar, Mamãe me perguntou se eu estava bem e eu menti. Disse:

— Sim, estou bem.

Mamãe andava tão ocupada com a Hannah, que dava sinais de ter pego um resfriado e estava excepcionalmente mal-humorada, que nem continuou o assunto. Não insistiu. Neal falava ao telefone desde que nos sentamos para jantar, berrando com seu pai meio surdo do outro lado da linha, o que estava me deixando com dor de cabeça, além da dor de estômago. Revirei a comida no prato, depois pedi licença e marchei para o meu quarto.

Quantos tinham ali?, me perguntei. Quatro, doze, a escola inteira? Quando isso havia começado? Será que Southglenn sempre foi assim? Tão hostil? Tínhamos uma política forte contra o bullying, mas que diferença havia entre isso e abuso ou discriminação? Tudo tinha a ver com ódio. Deveria haver leis. Havia leis? É possível legislar contra o ódio? Por que não discutimos isso em nenhuma das aulas sobre política?

A pergunta da Ceci queimava meu cérebro. Por que não havia mais gays assumidos? Ela pareceu sugerir, ou saber com certeza, que havia mais gays e lésbicas na nossa escola. Quem eram eles? Onde estavam se escondendo? Será que andavam pelos corredores temendo por suas vidas? Deus, eu nem sequer conseguia imaginar isso. Todos os dias precisando ser invisível para se proteger. Precisando aturar agressores e idiotas.

— Holland — Mamãe chamou. — Você tem visita.

Ceci? Poderia ser ela?

Corri pelas escadas, subindo dois degraus de cada vez e irrompi pela sala.

— Leah. Oi. — É claro que não era Ceci. Ela nem sabia onde eu morava. Leah estava

sentada à beira da poltrona reclinável, fazendo Hannah dar pulinhos em seu colo.

— Nem posso acreditar em como ela cresceu. — Leah abriu os braços da Hannah para brincar de bater palminha. — Faz poucas semanas que a vi pela última vez, não faz? — Ela perguntou para Mamãe, que dobrava roupinhas de bebê no sofá, perto do Neal. Algum reality show idiota passando na tevê mostrava um sujeito gordo, afivelando um cinto de *bungee jumping* em volta da cintura. — Eu estive aqui pouco depois do Natal. — Leah disse.

— Elas crescem rápido. — Mamãe sorriu para mim. — Rápido demais.

— Sem brincadeira — Leah falou. — O cabelo dela ficou mais escuro. E, além disso, ela ganhou uns dez quilos.

— Cinco desses são o cocô nas fraldas dela. — Abanei uma mão no ar.

— Uiii, Hannie. Foi banana amassada demais.

Mamãe jogou uma fralda para mim.

— Deixa que eu troco. — Leah esticou a mão e eu passei a fralda para ela.

Conhecia Leah praticamente a vida toda e podia dizer quando havia alguma coisa acontecendo. Ela não era louca por bebês, até porque tinha três irmãos pestinhas. Raramente passava na minha casa à noite depois da escola. Ela trabalhava e eu também, ou então eu tinha treino, ou tinha o Seth. Uma onda de remorso me percorreu. Eu nunca achava tempo para uma conversa profunda com Leah.

Eu ia dizer: “Traz a Hannah pro meu quarto”, mas Leah a deitou sobre o tapete para trocar a fralda. A secadora de roupas apitou no andar de baixo. Mamãe deu um tapa na perna do Neal e falou:

— Vamos lá, querido. Seja um marido exemplar e me ajude na lavanderia.

— Agora? — Neal choramingou. — Mas ele vai saltar do penhasco.

— Depois a Holland conta pra você se ele sobreviveu. — Mamãe tirou Hannah do chão.

— Obrigada — sussurrei enquanto ela passava por mim. Neal seguiu atrás dela, resmungando.

Sentei de pernas cruzadas no chão, perto da Leah.

— E aí?

Ela deu um longo suspiro.

— Conner terminou comigo.

— Ah, meu Deus — engasguei. Fiquei de joelhos e joguei meus braços ao redor de Leah, esperando que ela se desfizesse em lágrimas, tivesse um colapso emocional, implodisse. Ela não fez nada disso. Não reagiu. Retrocedi.

— Não é nada que eu já não estivesse esperando — ela disse.

— E você estava? — Isso era novidade para mim. — Pensei que estivesse feliz da vida. — Isso era o que ela sempre dizia quando alguém perguntava: “Estamos felizes da vida. Se melhorar, estraga”.

Ela acariciou o dedo anular, que agora estava vazio.

— As coisas ficaram meio esquisitas depois do Natal. Mesmo antes disso, ele já não me mandava e-mails com tanta frequência. Nem telefonava. Eu acho que ele já queria ter terminado antes do Natal, só não teve coragem.

— Não teve colhões, você quer dizer. — Balancei a cabeça. — Meu Deus, Leah. Você nunca me contou que havia alguma coisa errada.

Os olhos dela encontraram os meus.

— Eu achava que era coisa da minha cabeça. Você sabe como eu sou. Se alguém está de mau humor, eu já acho que é por alguma coisa que fiz ou falei.

Afaguei o braço dela.

— O que ele disse exatamente?

— Exatamente? — Ela inclinou a cabeça em um ângulo estranho. — As palavras exatas dele foram: estou libertando você.

Ah, não. Isso só podia significar...

— Ele conheceu outra pessoa, óbvio. — A cabeça da Leah desabou.

— Babaca. Eu nunca gostei dele.

Leah soltou um risinho.

— Foi o que minha mãe disse. Não que eu tenha contado a ela primeiro, ela simplesmente estava ali perto quando ele me ligou hoje à noite. Você é a primeira pessoa para quem estou contando isto.

Como se fizesse alguma diferença.

— Sua mãe está certa. Esse cara é um imbecil.

— Ontem, ele era um presente de Deus. Hoje, ele é um imbecil.

— Leah...

— Tudo bem. Eu entendo. — Ela pegou um patinho de borracha caído no chão e apertou. — Foi melhor assim, de verdade. Não teria durado. Nós não tínhamos a mesma harmonia que você e o Seth. O fogo, sabe? A paixão. — Ela sorriu para mim.

A paixão. Certo. Gritos irromperam da tevê e eu a desliguei com o controle remoto.

— Então, o que você vai fazer? Ano que vem, quero dizer. Você estava tão entusiasmada em entrar pra Americorps.

— Só porque *ele* estava também. — Leah deixou o patinho em cima de um pacote de fraldas. — Não sei. Lembra quando eu, você e a Kirsten falávamos de rachar um apartamento depois do ensino médio? Ir pra mesma universidade? Esse era o nosso sonho.

É, há uma centena de anos. A ideia do apartamento ainda parecia divertida.

— A Kirs tem falado em ir pra Western State. O primo dela estuda lá e ele adora. Talvez, eu me inscreva com ela. — Leah se levantou e foi até a janela. Puxando as cortinas, ela observou a noite além da janela e acrescentou: — A Kirsten vai ter um ataque quando souber do Connor. — Leah virou a cabeça para olhar para mim. — Ou talvez não. Acho que ela estava mais apaixonada por ele do que eu.

— A Kirsten estava apaixonada pelo dinheiro dele — murmurei. — Mas, até aí, eu também.

— E eu também — Leah disse. Nós duas rimos. Ela soltou as cortinas e se virou, abraçando a si mesma. — Era bacana me arrumar e sair com ele. Todos aqueles bailes da alta sociedade e eventos filantrópicos com que a mãe dele estava envolvida...

— Não se esqueça das flores, do chocolate e tudo mais.

— Isso também. — Os olhos dela brilharam. O brilho se extinguiu quando ela acrescentou: — Mas, às vezes, eu me sentia como se ele estivesse me comprando. Por exemplo, ele sempre fazia questão de me contar quanto havia gastado pra que eu me sentisse obrigada a... — Ela parou.

Meu queixo caiu.

— Transar com ele?

— Não — ela disse rapidamente. — Não, não era bem assim. Ele nunca me forçou a nada. Provavelmente, eu só imaginei isso. — Ela balançou a cabeça. — Só estou furiosa com ele, só isso.

— Leah, se você se sentiu dessa forma, isso foi real. Você tem todo o direito de estar furiosa. Vamos lá.

O rosto dela mudou.

— Tem razão. Especialmente se ele andava me traindo.

— Ah, Leah. — Eu queria abraçá-la. Consolá-la. Eu a conhecia bem o bastante para saber que estava devastada. Ela havia feito todos aqueles planos, organizado a vida em torno dele. Antes que eu pudesse me levantar e ir até ela, ela se abaixou ao lado do sofá, com os cotovelos nos joelhos.

— O que você vai fazer ano que vem? — Ela perguntou. — Provavelmente vai pra universidade com o Seth, não é? Você não conseguiria convencê-lo a ir pra Western State, conseguiria?

Mamãe entrou depressa na sala.

— Você não pode estar falando sério — ela disse.

Há quanto tempo ela estava ali nos escutando? Odiava quando ela fazia isso.

Acomodando Hannah na cadeira de bebê ao meu lado, Mamãe falou:

— Vocês, garotas, precisam de sonhos maiores! De jeito nenhum que a Holland vai para uma universidade estadual. Sei que o Seth nunca sonharia com isso. E você também não deveria, Leah. Seria um desperdício de talento.

— A menos que seu talento seja uma bosta, claro — murmurei.

Mamãe olhou para mim, e eu olhei para ela. Como ela podia saber o que o Seth sonhava?

Leah me disse:

— Você já decidiu? O Seth me perguntou ontem se você tinha dito alguma coisa sobre isso.

— Meu Deus. — Levantei num impulso. — Por que será que as pessoas simplesmente não me deixam em paz? — Disparei na direção da cozinha, quase colidindo com o Neal. Desviamos um do outro, tomando cuidado para não nos tocarmos. Enquanto eu escancarava a porta da geladeira e pegava uma caixa de leite, senti que Leah estava atrás de mim. Ela falou:

— Sinto muito, Holland. Eu não sabia que esse era um assunto doloroso.

Tomei um gole do leite e coloquei a caixa de volta na geladeira, depois pus meu sorriso de não-se-preocupe-com-isso.

— Ainda não decidi, ok? O Seth acredita que eu quero ir com ele, mas eu não sei o que quero.

— Tudo bem — Leah falou. — Sem crise.

Sem crise. Certo. Então, por que será que eu estava à beira de explodir?

— Você quer vir comigo e contar à Kirsten sobre o Connor? — Leah falou. — Não devíamos deixá-la de fora. Você sabe como ela fica.

Eu não estava a fim de ir. Já era tarde e eu não me sentia bem.

— Claro. Vou calçar os sapatos.

Fui em frente e dei um abraço na Leah. Para que servem os amigos?



Na quinta-feira, Ceci reapareceu, aconchegando-se na frente do seu armário com o café, os donuts, os fones de ouvido e o boné de beisebol na cabeça. Vestia uma camiseta que gritava: ASSUMIDA! E COM ORGULHO!

Eu estava tão contente em vê-la que as luzes do corredor até ficaram mais claras. Os olhos dela estavam fechados, mas ela os abriu quando me aproximei.

— Oi — sussurrei. Ela retirou os fones. Inclinando-se um pouco para a frente, esticou o braço e fechou a porta do armário.

Deixei cair minha mochila de natação.

— Ah, meu Deus. — Minhas duas mãos se levantaram para cobrir minha boca. — Meu Deus. — Alguém havia pichado por todo o armário dela: MORRE, SAPATÃO.

— Não é nenhuma obra de arte, não é? — Ceci virou a cabeça para o alto. — Quero dizer, as letras estão todas emboladas. Não tem estilo nenhum. Muito amador. Pra não mencionar a total falta de originalidade.

Eu não conseguia respirar. Não conseguia falar. Não percebia que as lágrimas estavam correndo pelo meu rosto até que Ceci gritasse:

— Não! — Ela veio correndo e me prendeu contra a porta do meu armário. — Não chore. Não deixe que eles vejam a gente chorando. — Os olhos dela se encheram de lágrimas.

Ela se afastou e recolheu suas coisas.

Permaneci congelada, atordoada. As palavras dela ecoaram nos meus ouvidos: Nós? O que quis dizer com nós? Ela debandou pelo corredor.

Observei, pasma, o armário dela. Como puderam fazer isso? A raiva borbulhava dentro de mim. Como *puderam*?

Logo descobri que ela não havia sido o único alvo. O armário da Brandi exibia a mesma mensagem, e os de três rapazes traziam pichações ainda piores: CAI FORA, VEADO.

Isso virou motivo para uma assembleia de urgência. O sr. Reynardi ameaçou todo o corpo estudantil com punições legais pelo que ele chamou de “um ato deliberado de vandalismo, um dano ao patrimônio da escola, uma brincadeira criminosa”.

Brincadeira criminosa? Ele fazia soar como uma pegadinha imbecil. Que tal destruição da vida de pessoas? Ou destruição da confiança que se pode ter nas outras pessoas?

Reynardi discursou longamente sobre instaurar um processo na máxima aplicação da lei blá-blá-blá. Ele queria nomes e os queria agora.

Cai na real. Como se alguém fosse levantar e confessar? Dedurar os amigos?

Depois da assembleia, eu estava tão irada que corri em direção ao meu armário. Ceci estava lá. Os outros que haviam sido alvos também estavam presentes ao redor do armário dela. Um dos rapazes segurava uma câmera de vídeo e estava filmando-a, como se ela estrelasse um filme mudo — fazendo a descoberta da odiosa mensagem e arrancando os cabelos. Ela era engraçada. Me deu vontade de rir. Mas eu não conseguia rir. Estava irritada demais, entorpecida. Ouvi-a pedir uma cópia do vídeo, porque daria uma grande A.P.

O que é uma A.P.?, me perguntei.

Estava tão concentrada em assistir a encenação dela — deles — que não notei uma multidão

se formando. Mais ou menos uma dúzia de pessoas haviam nos cercado e estavam fechando a roda em torno de Ceci e dos outros. O rapaz com a câmera abaixou-a devagar. Houve esse instante prolongado de silêncio, uma tensão tão grande que deixava o ar denso. Ah, meu Deus, pensei. É uma multidão de linchamento. Eles vieram terminar o serviço. Diga alguma coisa, meu cérebro me ordenou. Fale!

— Queria dizer que sinto muito pelo que aconteceu com vocês — declarou uma voz, vinda de trás. Eu a reconheci. — Espero que vocês não pensem que nós somos todos assim — Leah disse.

Houve um murmúrio geral de concordância. Ceci e os outros não responderam. A maioria deles permanecia encolhida junto dos armários, com ar chocado. Eles olharam para Ceci em busca de orientação. Ela bateu palmas uma vez e disse:

— Tudo bem. Vamos colocar isso no filme. Vocês podem ser figurantes. Quero ver indignação aqui, e fúria. Assim. — Ela agitou um punho para a multidão para demonstrar. — Alguém tem uma cerveja? A gente podia usar pra fazer uma boca espumando.

Uma onda de riso se infiltrou na multidão.

Ceci dirigiu a câmera e os figurantes realmente entraram na brincadeira, dramatizando e azucrinando. Através do corredor, os olhos dela encontraram os meus. Eles falavam a verdade; ela não estava se divertindo com isso. Sentia-se humilhada. Ferida. Amedrontada. O temor dela era tão palpável que fazia meu sangue ferver. Eu queria encontrar quem tinha feito aquilo e matá-los.

CAPÍTULO 10

— **V**ocê já concluiu o esforço hercúleo de preencher as duas fichas de inscrição? — Mamãe perguntou à mesa do jantar. — Precisam ser postadas na semana que vem.

— Sim — falei.

Mamãe me fitou. Ceci tinha razão, eu era uma péssima mentirosa.

— Vou fazer isso amanhã.

— Continua dizendo isso. — Mamãe passou a tigela de creme de milho para Neal. — Mas já estão acabando os amanhãs no seu calendário.

Estão acabando os amanhãs, repeti para mim mesma no quarto, espreguiçando-me na cama para começar uma nova maratona de lição de casa à meia-noite. Às vezes, eu tinha a sensação de não haver amanhãs, de que tudo, toda a minha vida, estava embutida em um único e interminável dia. Uma linha contínua de tempo sem sentido. Se os amanhãs eram tudo o que eu tinha a esperar, às vezes eu até *desejava* que não houvesse amanhã.

Abri o livro de economia, depois fechei. Em vez disso, surrubei da mochila meu caderno de desenho. Até o momento, ele trazia um desenho hachurado de página inteira da cabeça da Ceci, o ângulo lateral da sua orelha, um desenho da sua mão direita sobre a mesa com a coleção de anéis que ela sempre usava. Eu não estivera perto o bastante para captar os detalhes dos anéis.

Na página seguinte, havia o desenho do interruptor de luz — nossa, que incrível! Virei uma página em branco. Com a sombra em meia-lua da luminária da minha escrivaninha, as vigas do porão dariam uma excelente natureza-morta. Ugh... Eu precisava de inspiração. O que Mackel tinha dito?

— Apenas deixe vir. Não force. Só desenhe livremente. — O que, para mim, significava queda livre. Era em momentos como esse que eu queria estar sob o efeito de drogas.

Certo. Levantei e procurei entre os meus CDs. Não precisei procurar muito. Coloquei para tocar o disco das Dixie Chicks e deitei, fechando os olhos para o “apenas deixe vir”.

O que veio foi ela. O jeito como o canto da boca repuxava, um canto dos lábios ligeiramente mais elevado que o outro quando ela sorria. Aquela sarda ou pinta logo acima do lábio. A cintilação do seu olhar, o calor. E o fogo também, quando estava enfurecida. A pele dela, como parecia brilhar. Posicionei o lápis e comecei a transferir a imagem mental para o papel.

O CD acabou e observei com atenção o que havia desenhado. A cabeça dela, exibindo o

boné de beisebol, não estava tão diferente. No entanto, o rosto estava errado. Sem simetria. Eu podia vê-la com tanta clareza em minha mente, ouvir sua risada. Aquele som, a música em sua voz.

A sensação despertava. E me arrebatava de algum modo... quase como...

Como se eu estivesse me apaixonando por ela.

Certo, isso não me chocava. Eu já havia tido quedas por garotas antes. Quero dizer, quem não teve? Eu via uma garota no shopping ou na competição de natação e pensava: Uau, como gostaria de conhecê-la. Não agia por impulso nem nada assim. Eu me freava.

É assim que era com Ceci. Um interesse inocente. Eu a admirava. Ela era forte, autoconfiante. E tão legal. Atraente de um jeito que só outra garota conseguiria ver.

O *que* eu via? Não sabia ao certo. Não podia capturar isso no papel. O desenho — ela — não queria ficar parado.

Deixei o caderno de desenho de lado e me pus de pé para retirar o CD e guardá-lo na mochila. No alto das escadas, encontrei Mamãe e Neal na cozinha, acariciando-se.

— Aaah! Peguei vocês! — Falei, brandindo um dedo acusador.

Mamãe corou. Pegando meu casaco do cabide, informei a eles:

— Vou sair um pouco.

— Mas com esse tempo? — Mamãe pareceu consternada.

— Caso eu seja mandada pro hospital, minha roupa de baixo está limpa.



A Washington Central era mais longe do que parecia. Eu havia impresso um mapa da internet no laboratório de informática, hoje, durante a sessão de estudo livre. A legenda devia estar errada, devia ficar a mais de quarenta quilômetros, e as ruas estavam puro gelo. Um farol ficou vermelho de repente e pisei no freio, derrapando no cruzamento. Buzinas soaram e uma van não me acertou por pouco.

Droga. Meu coração martelava as costelas. O que eu estava fazendo?

Tinha que vê-la. Conversar com ela. Pedir desculpas pelo incidente do armário. Pedir desculpas pelos cretinos de nossa escola. Tentar consertar. Ainda que os funcionários tivessem pintado as portas no final do dia — apagado as evidências do crime para que pudéssemos fingir que ele nunca aconteceu —, ela só podia estar abalada. Eu queria abrandar seus medos.

Pisando no acelerador de leve e desviando do meio-fio, segui em direção à cidade. Depois de dar a volta no relógio duas vezes, eu a encontrei: Hott 'N Tott Donuts.

Dez minutos mais tarde, eu ainda estava encolhida no estacionamento, tremendo de frio. E não apenas de frio.

— Isso é idiotice — murmurei. — Sai já daqui. — Do que é que eu tinha medo?

Dela, é claro. Isso não tinha nada a ver com o incidente do armário. Eu queria que ela gostasse de mim. Queria descobrir se gostava de mim. Isso era assim tão importante para que eu arriscasse minha vida? Aparentemente, sim.

Estava tão frio. Dei a partida no motor e liguei o aquecedor.

Ela nem sequer estava ali. Não cheguei a captar nenhum relance dela através das paredes de

vidro em todo o século que fiquei, parada, ali, congelando minha bunda. Eu estava segura. Só vim dar uma olhada no lugar, comprar um café. Razoável. Racional. Apenas um cliente tinha enfrentado o frio: um motorista de táxi, encolhido em uma das mesas, segurando um copo de café enquanto folheava um jornal.

— Vai lá e compra um donut. Qual é o problema?

Certo. Reuni minha coragem. Abri a porta do jipe e saí.

— Boa noite. Posso ajudar? — O homem mais velho atrás do balcão perguntou. Ele sorriu com simpatia. Será que era esse o tio da Ceci?

Sorri também.

— Vou querer um daqueles. — Apontei para um enroladinho de canela com glacê. — E... você teria chocolate quente?

— Claro. Qual tamanho?

Passei os olhos no display dos copos.

— Médio, eu acho.

— Para tomar agora ou para viagem? — Ele ligou a máquina de chocolate quente.

Meus olhos investigaram o interior da lanchonete. Nenhum sinal dela.

— Para viagem — respondi.

Ele terminou de preparar meu pedido e marcou na caixa registradora.

— A Ceci está por aqui? — Perguntei, passando uma nota de cinco dólares.

— Cecelia! — Ele gritou para além da porta traseira.

— O quê? — Ela gritou em resposta.

Meu coração acelerou. Explodiu.

— Você tem visita.

Ceci apareceu do nada, limpando as mãos cheias de farinha no avental. A cabeça dela estava coberta com uma bandana azul, amarrada em estilo cigano. Quando ela me viu, paralisou no vão da porta.

Bem, finalmente consegui deixá-la atordoada.

— Ei. — Levantei o queixo. — Eu estava passando pelo bairro.

O vestígio de um sorriso se infiltrou nos lábios dela.

— Tio, tudo bem se ela entrar?

Ele me olhou de cima a baixo.

— Acho que sim. Claro. — Ele abriu o topo do balcão, que era articulado de um lado. — Nada de gracinhas. — Ele apontou o dedo para Ceci.

Ela soltou uma baforada de ar na direção dele.

O que ele quis dizer com isso? Nada de gracinhas?

Ceci caminhou pelo recinto até uma longa mesa de açougueiro. Eu a segui.

— Pode puxar um banco se quiser — ela falou por cima do ombro.

Deixei meu chocolate e o enroladinho sobre a mesa, puxei um banco de encosto alto e me sentei em cima dele.

Ceci levantou um rolo de macarrão e passou-o por cima de um círculo de massa.

— O que você veio fazer aqui de verdade? — Ela perguntou.

— Como eu disse...

— Estava no bairro. — Os olhos dela se desviaram para mim e ela sorriu. — Deixa eu levar

isso para o forno. Só um minutinho. — Ela salpicou canela e açúcar sobre a massa, enrolou-a como uma cobra e cortou em pedaços idênticos, como se estivesse acostumada a fazer isso a vida toda.

— Sinto muito pelo que aconteceu hoje — falei.

— Esquece. Não foi culpa sua. Pega pra mim aquela bandeja. — Ela indicou.

Encolhi diante do gesto abrupto dela. Puxei uma grande bandeja de alumínio da prateleira atrás de mim e passei para ela. Com uma espátula, ela colocou os pedaços na bandeja, depois levou-a até uma cômoda com porta de vidro, onde havia prateleiras com outras bandejas parecidas. O forno, imaginei. Nunca tinha visto o trabalho interno de uma loja de donuts. O ambiente era todo de metal reluzente e odores picantes. Brilhante, doce e morno. Então, por que eu estava tremendo?

Ceci voltou, soltando um suspiro cansado, e se inclinou sobre a mesa com os braços dobrados.

— O quê? — Falei.

Ela sorriu e balançou a cabeça, olhando para o chão.

— Nada.

— Você trabalha aqui todas as noites? — Beberiquei meu chocolate.

— Por que você não passa aqui e descobre? — Ela levantou os olhos, prendendo os meus.

Esse jogo podia ser jogado em dupla.

— Você ia gostar, não ia?

Ela abaixou a espátula.

— O que você acha? — Ela disse.

Acho que fiquei sem ar.

— Ceci, quando você terminar com os rolos, pode bater uma porção de ovos para a mistura de amanhã cedo? — O tio dela gritou através da porta.

— Sim, senhor capataz! — Ela gritou de volta.

Eu gostava disso, das brincadeiras. Gostava de tudo a respeito dela.

— O que foi? — Ela me fulminou de novo.

Desviei o rosto, percebendo que estava olhando para ela.

— Não sei. — Meus olhos resvalaram pelo piso de lajotas igual a um tabuleiro de xadrez.

— Se você não sabe, então não posso ajudar. — Ceci passou por trás de mim, quase encostando no meu braço. Quase.

— Tudo bem, então vou ajudar a mim mesma — brinquei, pegando meu enroladinho de canela da mesa e mordendo a ponta.

Ela desapareceu em uma sala aos fundos. Alguns segundos depois, voltou carregando um saco de farinha.

— Olha — ela disse, colocando o saco em cima da mesa —, eu tenho muita coisa pra fazer, certo? E não gosto de ficar fazendo jogo.

O calor cozinhou meu rosto.

— Desculpa. — Deslizei do banco; na verdade, desabei. E deixei cair meu enroladinho no chão. — Eu vou embora. — Peguei-o de volta. Enquanto eu cambaleava em direção à porta para fugir, escapar, ouvi-a xingar e acertar a mesa com um soco.

Ela me odeia, pensei. O que foi que fiz? Ah, Deus. Ela me odeia.



Pela primeira vez na vida, não consegui terminar a lição de casa. Havia acertado o despertador para as cinco da manhã, mas, em vez de pegar os livros, fui nadar.

Quando cheguei, as luzes ainda estavam apagadas em torno da piscina e tudo estava tão silencioso que meus passos faziam eco. Mergulhei.

O frio inundou minhas veias, um alívio bem-vindo. Concentrei minha atenção nos músculos contraindo, meus braços cortando a água. Logo, o ritmo de respirar e dar braçadas, respirar e dar braçadas afogou meus pensamentos. Exilou meus sentimentos para um canto escuro da mente, o lugar onde eles deveriam ficar.

Esqueça-a. Tire-a da cabeça, arranque-a de dentro de você.

Não sei por quanto tempo nadei. Nadei voltas, e mais voltas, e mais voltas a me entorpecer. Meus pulmões e músculos entraram em colapso simultâneo, e deixei meu último impulso me propelir para a borda.

Ali estava ela, sentada, com os cotovelos nos joelhos. Ela me olhou nos olhos e disse:

— Eu estava passando pelo bairro.

CAPÍTULO 11

*F*echei as torneiras do chuveiro, mas não ia desfilhar seminua até os armários. No entanto...

Ela gosta de mim. Sorri comigo mesma. Imagino se ela...

Meu celular tocou. Antes que eu conseguisse pensar, Ceci falou:

— Deixa que eu atendo.

Enquanto secava minha cabeça na toalha, ouvi-a dizer:

— Quem? Não, desculpe. Para que número você ligou?

Dei uma olhada no meu corpo arrepiado e enrolei a toalha em volta dele, um pouco mais baixo do que de costume. Agarrando meu maiô molhado no chão, caminhei até os bancos, perguntando:

— Quem era? Minha mãe?

— Engano. — Ceci me observou de cima a baixo e deixou escapar um suspiro. Ela levantou de repente e disse: — Preciso de um café. Tenho que voar.

Caí no banco me sentindo envergonhada, exposta. Idiota. Comecei a me vestir.



No caminho até o jipe, na hora do almoço, quando íamos para o McDonald's, Kirsten falou:

— Ah, mudando de assunto, Holland, o Seth. Sábado à noite está cancelado. O Trevor terminou comigo.

Estaquei no meio do estacionamento.

— Ah, não, Kirsten. O que aconteceu?

— A coisa mais engraçada. A mãe dele não me aprova. Disse que sou velha demais para o Trevinho. Acho que os boatos de que sou uma vadia, chegaram até os ouvidos dela. — O olhar cortante dela me atravessou.

Quê? Eu nunca...

— Ah, desculpe — ela acrescentou. — Uma piranha.

— Kirsten! — protestei. Depois, mais calma, falei: — Eu sinto muito.

E sentia mesmo. Ela parecia péssima. Nem sequer usava maquiagem hoje, o rosto estava pálido e manchado.

Ela fitou o horizonte.

— Nunca consigo fazer nada direito. — Os olhos dela se encheram de lágrimas. Estiquei os braços para abraçá-la, mas ela subiu no banco traseiro do jipe, se arrastando para o lado mais afastado e mantendo o olhar à frente.

Leah e eu trocamos olhares. Acho que Leah já sabia. Ela se acomodou do lado da Kirsten e deu um tapinha no joelho dela. Acho que sentia sua dor mais do que eu.

— Sábado à noite? — Seth falou ao meu lado. — O que tinha no sábado à noite?

Ops. Acho que esqueci de contar a ele.

— Nada. Não importa agora. — Ele ia dizer alguma outra coisa, mas eu o cortei dando-lhe as chaves do carro. — Você dirige. — Normalmente Seth ia no banco do passageiro, mas hoje ele havia trazido Coop, então pensei que gostaria da oportunidade de exibir a testosterona.

O McDonald's estava apinhado de crianças pequenas, berrando e correndo atrás umas das outras no Playland. Enquanto nós cinco ocupávamos uma cabine nos fundos, falei para Kirsten:

— Quer que eu vá à sua casa hoje à noite? Pra conversar?

— Não. Estou bem. Ele é o filhinho da mamãe. E daí? De qualquer modo, já estava me dando nos nervos. — Ela enfiou um canudo pela tampa da Coca diet. — Então, sua amiga sapa vai enviar a proposta para uma Aliança Gay e Hétero? — Ela perguntou.

— Não — respondi, sentindo uma queimação se espalhar pelas minhas vísceras. — Não a chame assim, ok? O nome dela é Ceci. — Levei o Big Mac até minha boca. — Ela não quer uma aliança, quer só um clube gay. — E mordi.

— Viu? — Kirsten se inclinou para beber o refrigerante. — É a agenda.

Mastiguei e engoli rápido.

— Não existe agenda gay. — Tentei controlar minha voz, meus nervos.

— Posso pegar um pouco de ketchup? — Leah interrompeu.

Na minha frente, Seth passou para ela um punhado de sachês.

Kirsten falou:

— Você viu a camiseta que ela estava vestindo ontem? Aquele ASSUMIDA! E COM ORGULHO!?

— Ela contraiu o lábio.

— O que tem de errado? — Falei.

Kirsten balançou a cabeça.

— Ela é tão óbvia. Olha pra mim, sou gay! Sou especial! — Ela zombou.

Minhas mandíbulas ficaram tensas. Abaixei o hambúrguer.

Leah sibilou:

— Não acho que ela esteja fazendo isso por se achar especial. Acho que só está sendo ela mesma.

Mandei para Leah um “obrigada” silencioso. Ela acrescentou:

— Eu imagino como deve ser terrível ser a única pessoa assumida na escola inteira. Acho que ela é tremendamente corajosa. Não sei como que eles se reconhecem entre si quando não são assumidos.

Coop falou:

— Eles deixam o número de telefone na porta do banheiro. “Para um momento de prazer, ligue para o Bruce, 1-800-222...”

Kirsten riu, fungando. Coop esboçou um sorrisinho e disse:

— Sabem o que significa “veado”, não é? “Você Espalha AIDS; Depois, Óbito”.

Seth previu minha explosão.

— Cala a boca, Coop. Não tem graça. Você não vai comer isso? — Ele apontou para o meu Big Mac.

Eu o empurrei para ele.

Kirsten mergulhou um nugget no molho barbecue e colocou na boca.

— Ela só está em busca de carne — ela disse com a boca cheia. Virando-se para Coop, acrescentou: — E não estou falando de linguiça.

Ele se engasgou com uma batata frita.

Foi a gota d’água. Cutuquei Seth.

— Me tire daqui.

— Quê? Mas a gente ainda nem terminou de comer.

— Eu terminei.

Ele ficou sentado ali.

— Mexa-se!

Seth zarpou da ponta do banco. Saí atrás dele e marchei em direção à saída.

Eu odiava o jeito como falavam sobre eles. Sobre ela. Kirsten, Coop, todos eles. Especialmente Kirsten. Eu compreendia que ela estava magoada, estava desabafando, transferindo sua dor para qualquer outra coisa. Ainda assim, acho que ela devia calar a boca.

Fizemos o caminho de volta em silêncio. Pelo menos, eu me mantive quieta. Coop pediu desculpas, como se isso fosse resolver alguma coisa. Seth tentou me fazer cócegas uma vez e eu bati nele. Eu ainda estava com o sangue fervendo quando cheguei à aula de artes. Chutei uma cadeira, que foi colidir com um cavalete na frente da sala.

Meu cérebro se manifestou: Calma, Holland. Meu Deus.

Por impulso, sentei na cadeira próxima à janela e esperei Ceci chegar. Precisava sentir a presença dela. A força dela. Precisava protegê-la de toda a crueldade do mundo. Enquanto eu procurava meu caderno de desenho na mochila, um corpo se aproximou e olhei para cima.

— Essa é a minha cadeira — Brandi falou.

— Você se incomoda se a gente trocar? Estou tendo dificuldade pra enxergar os slides no fundo da sala. — Empurrei meus óculos pelo dorso do nariz.

Ela hesitou por um momento, depois se afastou. Alguns segundos depois, Ceci apareceu. Ela me avistou e me encarou enquanto cruzava a sala. Flutuando. A cadeira ao meu lado foi puxada e um lampejo de cabelos laranja chamou minha atenção.

— Yo — Winslow falou no meu ouvido.

— Winslow, eu estou guardando esse lugar...

— Desculpem, me atrasei — Mackel irrompeu pela sala. — Vamos começar. Temos muita coisa para ver hoje. Vocês vão precisar da prancheta maior neste exercício. E das canetas hidrográficas.

Ceci desapareceu. Virei-me para constatar que ela tinha pego uma cadeira vazia nos fundos, perto da Brandi. Droga!



Quando cheguei em casa, Faith estava no nosso quarto, levando um esporro. O que será que ela faz aqui?, me perguntei. Tinha vindo passar o fim de semana anterior. O que aconteceu com os fins de semana *alternados*? No final das escadas, ouvi Mamãe rosnar:

— É sacrílego e não vou tolerar isso na minha casa. Cresça, Faith!

— Cresça você! — Faith gritou com Mamãe. — Fica longe das minhas coisas. Para de se meter na minha vida. Você não é minha mãe e nunca vai ser!

Tropecei no cesto de roupas de propósito.

— Espere até que seu pai escute isso. — Mamãe disse, abaixando o tom de voz.

Faith retrucou:

— Ele não vai ligar e você sabe disso.

Mamãe cruzou o porão com um olhar furioso.

— Oi, querida — ela entou entre os dentes cerrados. — Como foi seu dia?

— Quase igual ao seu.

Ela marchou escada acima e eu dei a volta na divisória. Faith falou:

— Maldita.

— O mesmo pra você — respondi.

— Não é você. Ela. — Levantou o queixo na direção do teto. Rolando sobre a cama, ela se encolheu em posição fetal e cobriu a cabeça com um travesseiro. Foi quando vi o motivo da explosão de Mamãe. No meio da cômoda de Faith, havia uma estátua da Virgem Maria aconchegando nos braços um menino Jesus sem cabeça. Que horror!

Graças a Deus, eu tinha competição de natação e não precisaria enfrentar um jantar com o Anticristo e os Cleavers. Enquanto eu enfiava um maiô limpo na mochila, meu celular tocou.

— A que horas você acha que vai estar aqui? — Seth perguntou.

— Aí onde?

Ele não falou por um bom tempo.

— No apartamento? Hoje, sexta à noite.

Eu havia esquecido completamente.

— Seth, eu tenho competição de natação.

— Eu sei — ele falou. — E a que horas você volta?

Soltei um suspiro irritado.

— Só um segundo. — Resgatei meu cronograma, que estava colado na divisória do quarto.

— É em Eagle Ridge, então, provavelmente, umas dez ou dez e meia.

— Certo. O que você disse à sua mãe sobre hoje à noite?

Minha mãe? Droga.

— Ainda não disse nada.

— Holland. — A voz de Seth se alterou. — Ela vai colocar a guarda nacional atrás de você quando notar que você não voltou pra casa.

— Não se preocupe — assegurei. — Vou tomar conta disso.

A voz do Seth suavizou.

— Sinto muito. Sinto muito sobre hoje também. O Coop, às vezes, é um idiota. Sei que está

chateada com tudo o que aconteceu esta semana. Eu também estou. Podemos discutir isso hoje à noite.

Discutir isso. Que coisa mais *Seth*. Como *discutir* isso mudaria alguma coisa? O mundo estava entupido de ódio.

— Amo você — ele disse. E esperou.

Perguntei-me quanto tempo ele ia esperar. Para sempre, talvez. O ruído de estática na minha mente aumentou. Por fim, não consegui suportar o barulho.

— Amo você também.

No andar de cima, encontrei Mamãe sentada em cima do aparador da sala de jantar, pagando contas, seu rádio ligado em um talk show. Com a mão na fechadura, avisei a ela:

— Estou indo para a competição. Vejo você amanhã.

Ela esticou o pescoço em volta da parede para olhar para mim.

— Amanhã?

Abri a porta.

— Vou dormir na Leah hoje, lembra? Tenho certeza que avisei.

— Tenho certeza que não.

Droga.

— Mas posso ir, não posso?

— Leah, né? — Mamãe lambeu um envelope e o fechou. — Imagino que você não vá estar lá quando eu ligar mais tarde. Ou vai?

Empalideci.

— Não.

— Você está tomando as pílulas, não está?

Desviei meu rosto em brasas.

— Holland?

O que é que ela tinha com...

— Olha, eu não estou brigando com você. Entendo o que é ser jovem e estar apaixonada. Já passei por isso, lembra? Só quero que tome cuidado. Não faça nenhuma besteira que vá comprometer o seu futuro.

Como ter um bebê que nunca quis? Traduzi para mim mesma.

— Eu tomo cuidado — murmurei.

Mamãe disse:

— Boa sorte no treino.

Murmurei um obrigada e deslizei para fora dali.



No caminho para Eagle Ridge, ouvi o CD das Dixie Chicks. Mais de uma vez. Eu já tinha memorizado as letras. Memorizado ela também. O rosto dela, os gestos, o sorriso. Deus, como eu amava aquele sorriso. Fechei os olhos e deixei a música me conduzir. Me arrebatou para outro momento, outro lugar.

Conforme nos reunimos na piscina para dar início à competição, meus olhos passaram pela

arquibancada. Esperando, esperando... Ali. Um boné de beisebol. Era ela ali, encostada na parede de tijolos, me fitando? Estava longe demais para que eu conseguisse identificar sem as lentes de contato, que eu havia esquecido na pressa para sair de casa.

O técnico Chiang nos reuniu para uma conversa introdutória. Vamos, Estrelas-do-Mar! Voltei a procurá-la com os olhos, mas não estava mais lá. Se era ela mesma, nunca voltou.



Seth me encontrou na porta do apartamento, com uma garrafa de cerveja na mão e um pano de prato pendurado no braço.

— Entréz, mademoiselle. — Ele gesticulou para dentro. Na sala de estar, ele havia acendido a lareira, empilhado todas as roupas sujas e o lixo em um montinho e aberto espaço sobre a mesinha de café. Dois descansos de prato foram colocados ali, com os talheres e os guardanapos.

— Uau — foi tudo o que pude dizer. Seth costumava ficar no nível um, o mais baixo na escala de romantismo. — Isso é pra mim?

— Não, é pra Kirsten. Ela vem mais tarde.

Dei um tapa no peito dele.

— Quer me dar seu casaco, mademoiselle? — Ele estendeu um braço.

Entreguei minhas duas mochilas e o casaco, que ele colocou junto ao montinho.

— O jantar está no forno — ele me informou, dando-me a garrafa de cerveja. — Quer ter a honra?

— De abrir a tampa?

Ele se curvou de novo.

— *S'il vous plait.*

Ah, caramba.

— Já retorno — ele disse, girando e dando uma corridinha até a cozinha como faria um caranguejo.

Que maluco. Entornei um gole da cerveja enquanto dava uma volta pela sala. O irmão do Seth e os colegas de apartamento dele eram uns porcos. Afastei uma embalagem amassada de bolinho recheado de cima do sofá e sentei. Bebi a cerveja com vontade. Pouco depois, Seth reapareceu com dois pratos de comida chinesa. O aroma era incrível. Estava faminta. Ele tirou dois cálices de vinho dos bolsos e posicionou-os na mesinha de café. Ops. Acho que ele tinha melhores planos para a cerveja.

Dividimos um prato de frango xadrez e um de carne de porco agri-doce, mais quatro rolinhos e uma travessa de arroz. Limpando meus dedos engordurados em um guardanapo, falei:

— Qual é a ocasião?

— Nenhuma. — Seth levantou a taça cheia de cerveja para um brinde. — Só nós dois.

Fizemos tim-tim. Enquanto bebíamos, estudei o rosto do Seth. Ele era tão familiar para mim, cada marca, cada linha. A cicatriz acima da sobrancelha direita, onde ele levara uma pancada de um taco de hóquei. Eu sentia como se o conhecesse a vida inteira, o que era praticamente verdade. Íamos à escola juntos desde os primeiros anos do ensino fundamental. Foi a Kirsten

quem nos fez ficar juntos. Ela estava saindo com o irmão dele, na época em que namorava “homens mais velhos”, ao contrário da sua atual fase “pré-pubescente”. Eu nem sequer tinha imaginado namorar o Seth. Mas funcionou. Era bom ficar com ele. Confortável.

Talvez esse fosse o problema. Essa atração pela Ceci, esse crush, ou fosse lá o que fosse, era novo, interessante, imprevisível. Eu não fazia ideia de aonde isso ia me levar, nem de aonde eu queria que me levasse. Acho que sabia aonde *podia* me levar.

E, se acontecesse...

— Onde você está? — A voz do Seth me trouxe de volta para a realidade.

— Estou aqui. — Sorri para ele. — Com você.

Ele jogou duas almofadas do sofá diante da lareira e fez sinal com o dedo para que eu me aproximasse. Deslizei da poltrona. Ficamos juntos e aninhados perto do fogo. Seth começou a me beijar. Depois de um tempo, ele sussurrou:

— Vamos para o quarto.

— Sabe de uma coisa? Estou muito cansada. — Bocejei e me espreguicei.

— Quê? — Ele se afastou de mim. — Eu preparei tudo isso pra você. Pra nós. Qual é o problema?

O modo como ele olhava para mim... Tão bravo, ressentido. Eu não podia magoá-lo.

— Nenhum. — Balancei a cabeça, olhando para o chão. — Vem cá.



Deslizei para fora das cobertas tentando não respirar.

— Holl? — Seth se virou. — Aonde você vai?

— Pra casa. Desculpe. Volte a dormir. — Vesti minha calça de moletom.

— Mas temos a noite inteira. — Ele se apoiou nos cotovelos.

— Eu sei, mas não posso. — Minha voz soava rouca, vazia. — Não me sinto bem. Desculpe. — Cambaleei até a porta. Precisava sair, escapar. Ir o mais longe possível daqui.

Ela estava dentro de mim, no meu sangue, invadindo cada célula do meu corpo. Era ela quem eu queria. Era ela quem eu via, sentia e desejava. Isso era errado. Ele era errado. Tudo isso era muito errado.

CAPÍTULO 12

Sábado de manhã acordei com o estrondo da tampa da máquina de lavar. Fui até a lavanderia para encontrar Mamãe dividindo pilhas de roupas.

— Mãe?

Ela deu um salto.

— Holland, você está em casa. Não esperava ver você tão cedo. — Ela arremessou um par de shorts do Neal na pilha das roupas brancas. — O que aconteceu? Você e o Seth brigaram?

— Não. — Preferia que isso tivesse acontecido. Teria sido mais fácil. — Eu só quis vir pra casa.

Um frio repentino me fez tremer e eu me abracei. Mamãe se aproximou e ajeitou meu cabelo bagunçado. Tinha sido uma noite complicada.

— Fico feliz. — Ela sorriu. — Você está bem? Parece cansada.

— Estou bem.

Ela me seguiu até meu quarto. Faith, eu notei, era um bolinho na cama debaixo das cobertas. Encontrei meus óculos e os coloquei.

— Que horas são? — Olhei para o relógio. — Seis e meia? — Da manhã? Não era à toa que eu me sentia drogada. O que ela estava fazendo na lavanderia às seis e meia? Isso é que é uma Supermãe.

Supermãe disse:

— Já que você está em casa, que tal cuidar daquelas fichas de inscrição para a universidade? — Ela deu um tapa na pilha de formulários esquecidos sobre a minha cômoda.

Suspirei de cansaço.

— Ah, certo. — De qualquer forma, eu já não ia conseguir voltar a dormir.

— Você poderia terminar isso em vez daquilo ali, seja lá o que for. — Ela apontou para o caderno de desenho aberto ao lado da minha cama. Eu o tinha deixado aberto? — Por que, de todas as matérias, você foi fazer aula de desenho? Que perda de tempo.

Eu me arrepiei. Queria que ela fosse embora e, meu desejo foi realizado, assim que a secadora de roupas apitou.

Foi com má vontade, mas me dei ao trabalho de preencher todas as fichas de inscrição e colocá-las dentro dos respectivos envelopes: Cornell, Stanford, Antioch. Isso, sim, era perda de tempo. Ainda que me aceitassem, eu não tinha certeza se iria. De qualquer modo, onde ficava

Antioch mesmo? Ouvi Faith se erguer e se arrastar até o banheiro. Quando ela saiu, nossos olhares se encontraram por um instante. Ela talvez tenha resmungado. O rímel estava borrado até a altura do queixo. Assustador.

Ela atravessou o porão e subiu as escadas. Geralmente, ficava absorta na frente da tevê, assistindo a desenhos nas manhãs de sábado. Esse era o ritmo dela.

Tomei um banho, assei duas tortinhas na torradeira e voltei ao meu quarto para vegetar. Pensar. Sobre ele — não ele. Ela. Eu. Ela e eu.

Pare. Pare de pensar. Meus olhos desviaram para a cômoda, onde estava *Beowulf*, acenando para mim. Puxei o livro e o folhee até encontrar a parte em que ele nadava com seus homens alegres. Reli. Certo, era bem sugestivo. Fez com que eu lembrasse de todas as vezes, nos treinos de natação, em que as garotas bagunçavam, afundavam umas às outras, brincavam de fazer desafios. Momentos em que eu precisava me frear, porque estava ficando muito intenso.

Abaixei o livro no meu colo. Houve outros momentos também. A sra. Fielding na aula de alemão. Eu era tão apaixonada por ela. Eu costumava fingir que precisava de ajuda, só para poder ficar até depois do horário de aula. Ela não era gay, pelo menos acho que não. Era apenas linda. E Leah. Meu Deus. Tive uma atração tórrida pela Leah no sexto ano. Sétimo ano. Oitavo ano...

Meu pulso acelerou. Será que eu era? Quero dizer... gay? Se sim, o que é que eu estava fazendo com o Seth?

Talvez eu fosse bi. Isso explicaria tudo. Um coração aberto, pronto, para dar e receber amor de quem quer que fosse. Mas os sentimentos, os arrebatamentos, as percepções aguçadas que tinha com a Ceci; essas coisas eu nunca havia experimentado com o Seth. Com nenhum cara.

Um estouro contra a parede me fez saltar da cama. Corri para o outro lado da divisória, entre meu espaço e o da Faith. Observei a Virgem Maria, que jazia em estilhaços ao lado da lavanderia, e depois o olhar penetrante e candente da Faith. Mamãe gritou através da escadaria: — Esta é a *minha* casa e você vai obedecer às *minhas* regras!

Faith cravou os olhos nos meus. Ela abriu a boca, mas depois mudou de ideia, acho, e se abandonou de costas na cama, cruzando os braços. Uma onda de solidariedade me inundou. Faith não estava tendo muita sorte com as mães. Só vi a mãe verdadeira da Faith uma vez, quando ela a trouxe até em casa para passar o fim de semana. Além disso, ouvi, escondida, uma conversa entre Mamãe e Neal. Ele disse que sua ex-mulher era viciada em trabalho e que ela deixava Faith sozinha por tempo demais. Ele temia que a filha estivesse sem supervisão. Queria que ela viesse morar aqui definitivamente.

Mamãe rejeitou a ideia, graças a Deus. Eu deveria perguntar à Faith sobre a mãe dela, pensei. Era evidente que ela estava reprimindo muita raiva. Claro, e eu deveria me formar em psicologia na Universidade de Antioch. Mas, talvez, se a gente conversasse...

Faith ligou o som no seu habitual *death rock* e enfiou os fones de ouvido nas orelhas. Acho melhor não. Meu celular tocou.

Retornei ao meu espaço e respondi:

— Alô?

— Oi, gata.

Meu coração afundou.

— Oi.

— Posso ir aí? — Seth falou.

— Não. Minha mãe está em casa. — Coloquei a mão em concha ao redor da boca para abafar o barulho. — E minha irmã adotiva do mal está aqui também.

Ele riu.

— Não é por isso que quero ir aí. Você só pensa nisso. Está se sentindo bem?

— Estou — menti.

— Não vamos mais comer comida chinesa. Aquilo é mortal, ainda estou arrotando repolho. Precisamos planejar aquela conferência sobre liderança logo. Pensei se poderíamos começar a fazer isso hoje.

— Por que me envolveu nisso, aliás? Você sabe que já estou soterrada de trabalho.

— Se não estiver a fim de fazer, posso encontrar outra pessoa.

— Ótimo — falei. — Então faça isso.

Ele hesitou.

— Resposta errada.

Fechei os olhos com força. Não era culpa dele. Não tinha nada a ver com a conferência.

— Só pensei que a gente fosse se divertir trabalhando nisso, juntos — ele falou. — Fazendo alguma coisa além de... você sabe. Não era o que você queria?

Soltei um longo suspiro.

— Talvez amanhã eu consiga achar um tempo.

— Achar um tempo? Pra mim, você quer dizer?

Não respondi.

Ele desligou.

Ótimo. Considerei ligar para ele de novo, mas esse pensamento foi passageiro. Eu não tinha energia nem vontade. Talvez quisesse que ele ficasse furioso comigo.

Abri o livro de cálculo e folheei até o capítulo seis — a tarefa de segunda-feira. Os números saltavam para fora da página. *Eu* é que estava fora da página, deslocada de tudo. Precisava sair dali por um momento.

Vesti uma camiseta limpa de mangas compridas e calças com amarração nos tornozelos, guardei a carteira no bolso. Já havia dirigido por metade da cidade quando me dei conta de aonde estava indo. Sim, um donut cairia bem, mas havia dúzias de Dunkin' Donuts no meu lado da cidade.

Quem eu estava tentando enganar? Precisava vê-la. Nem sequer sabia se ela trabalhava aos sábados. Eu não tinha um plano.

Em frente ao Hott 'N Tott, dominei meu medo como faria *Beowulf* e avancei corajosamente. Ao subir na calçada, meus olhos vasculharam o interior da loja através das vidraças, e localizei Ceci espalhada numa das cadeiras de plástico, com um joelho dobrado de encontro ao peito. Meu coração falhou uma batida. Ela estava usando seu lenço cigano de novo e ria de alguma coisa que a pessoa sentada do outro lado da mesa havia dito. A pessoa fez um gesto exagerado e Ceci deixou a cabeça cair para trás e gargalhou.

Andei de ré para longe da porta. Minha bunda foi de encontro ao capô do jipe e arrastou o restante do ser humano acoplado a ela até o banco do motorista. Peguei a maçaneta, esperando, rezando para que ela não tivesse me visto. Enquanto eu saía, os pneus cuspiendo sal na pista, a pessoa ao lado da Ceci virou a cabeça e olhou através da janela. Eu não precisava ver seu rosto

para saber que era Brandi.



Naquela noite, tive um sonho. Um sonho erótico. Estava na piscina, nua, e diante de mim havia outra pessoa nadando, só que fora do meu alcance. Eu aumentava minhas braçadas para tentar alcançá-la. Agarrei um tornozelo e puxei para que ficássemos lado a lado. Ela se virou e sorriu. Ceci. Estava nua também, e instintivamente nossos corpos se aproximaram. Nossas pernas se entrelaçaram.

Acordei com um salto, ofegante, desejando poder voltar. Voltar para ela. Terminar de viver esse sonho. Descobrir até onde ele iria e o que me aguardava do outro lado.



Ceci não apareceu na piscina na segunda-feira. Não que eu estivesse esperando que ela fizesse isso... Maldição, eu não sei o que esperava. No andar superior, escancarando a porta do meu armário, olhei no espelho e a vi chegar naquele instante, deixando o café da manhã no chão, diante do próprio armário. Ela captou meu olhar e sorriu.

Aquele sorriso.

— Holl! — A voz do Seth fez minha cabeça virar. — Desculpa, eu não consegui ir ontem. Meu pai precisou de ajuda pra consertar a porta da garagem depois que minha mãe deu ré em cima dela... de novo. Depois o Coop passou lá para trabalhar no projeto de física. — Ele se pendurou ao meu lado. — Você está se sentindo melhor?

Lembrei, com um suspiro desesperançado, que Seth não conseguia guardar raiva.

— E se a gente fizer isso hoje no almoço, já que o Olander está viajando e não tem reunião do Conselho Estudantil esta semana?

— Fazer o quê? — Perguntei.

— A conferência sobre liderança? — Ele deu uma batidinha na minha cabeça. — Na próxima segunda-feira o Olander vai querer saber em que pé isso está.

Ele secou uma gota d'água debaixo da minha orelha, vinda do meu cabelo encharcado. Acho que havia esquecido de secar.

Recolhi meus livros.

— Certo. Tudo bem.

Seth levantou meu queixo e inclinou a cabeça.

— Amo você — ele disse.

Não faça isso, pensei. Pare. Simplesmente pare de me amar.

— Holland? — Os olhos dele afundaram nos meus.

Eu não podia fazer isso. Não podia.

— É. Eu também. — Forcei um sorriso.

Deixei que ele me beijasse, e ele se aproveitou disso e começou a beijar de língua. Soltei-me

dele.

— Seth.

Ele sorriu e tocou a ponta do meu nariz.

— Vejo você mais tarde. — E saiu desfilando.

Joguei a mochila sobre o ombro e tranquei o armário.

— Você o *ama*?

Tomei um susto. Ela estava parada bem ao meu lado.

— Quem?

Os olhos dela se arregalaram.

— Seth? — Olhei para trás e vi a figura dele a se distanciar. — Hã, a gente está junto faz bastante tempo. Um ano.

— Não foi isso que eu perguntei.

Eu não conseguia olhar para ela. Não podia arriscar que ela enxergasse através de mim, lesse meus sentimentos.

— Você vê passarinhos azuis? — Ela perguntou.

Ao ouvir isso, tive que sorrir.

— Passarinhos?

— Sabe, passarinhos azuis, borboletas no estômago, fogos de artifício. — Ela agitou as sobrancelhas.

Deixei escapar uma risada. Mas ela soou estrangulada, assim como eu me sentia.

— Só nos meus sonhos.

— Ah, é? — Ela arqueou uma sobrancelha.

Por que eu disse isso? Deus.

Ceci falou com suavidade:

— Talvez você devesse ouvir o que os seus sonhos querem te dizer.

Meu estômago entrou em ebulição.

Ela se afastou do armário, no qual estivera se apoiando na ponta dos pés, e disse:

— Pense nisso.

Como se eu não estivesse pensando.

— Você pensa nisso? — Perguntei às costas dela.

Ela parou e se virou.

— Eu não preciso. Eu sei.

Os passos de uma manada interromperam nossa conversa quando a equipe inteira de atletismo atravessou o corredor entre nós. Quando consegui abrir caminho, em meio à avalanche de corpos, ela já havia ido embora.



Concordei com tudo o que Seth sugeriu para a conferência sobre liderança. Se íamos arrumar as mesas em forma de ferradura ou em quadrado, não fazia diferença para mim. Era trivial. Queria me livrar disso. Queria me livrar dele.

— Não conversamos sobre dividir os participantes em corporações. — Seth me seguiu porta

afora do centro de mídia da escola. — Nem quem vamos convidar como palestrantes para a mesa.

— Tanto faz. Você decide. — Apenas vá embora, gritei em silêncio. Deixe-me ir.

— E depois da escola? A gente podia se encontrar...

— Tenho que trabalhar.

— Então, hoje à noite.

— A Leah e a Kirsten vão vir pra minha casa. As duas estão passando por um momento difícil, sabe. Prometi que a gente ia se reunir. — Eu era uma péssima mentirosa. Ainda bem que ele não era capaz de me ler como a Ceci.

O sinal do fim de período soou.

— Na quarta-feira vai haver um treinamento para os professores. — Seth avisou às minhas costas. — Vamos ter o dia livre. Que tal a gente se encontrar?

— Claro — falei, por cima do meu ombro.

— Às dez. Vem até minha casa.

Mal registrei o que ele disse. Corri para a ala das artes. Ela estava ali, na sala, conversando e rindo com a Brandi.

Brandi. Eu queria que ela desaparecesse também. Ceci e eu fizemos contato visual por um relés instante, antes que eu chegasse à minha cadeira. Entorpecida, tonta. Meu coração havia feito uma caverna no peito. Durante todo o período, tentei mandar para Ceci mensagens telepáticas. Olhe para mim, sorria para mim, fique comigo. Mackel nos deu como exercício desenhar a outra metade de uma face. O rosto de uma criança, de uma foto que ele tinha cortado ao meio. Isso me obrigou a concentrar minha atenção. Ótimo. Concentrar-me no rosto. Na criança. Na tarefa adiante.

Fiquei tão concentrada nesse exercício que a aula terminou e as cadeiras começaram a se arrastar. Ceci se levantou com Brandi. Rasguei a página do meu caderno de desenho e corri até a frente da sala para entregar minha tarefa, alcançá-la e conversar com ela.

Mackel fisgou meu desenho do topo da pilha.

— Ei, ei. Volte aqui, senhorita. — Ele acenou para que eu parasse. — Vamos dar uma olhada nisto.

Droga. Ceci saiu da sala com Brandi. Ela olhou por cima do ombro para mim, prendendo meus olhos.

— Ooh. Ooh. — Mackel ronronou para o meu desenho. — Me explique qual foi sua abordagem aqui.

— Hã. — Virei-me para ele. — Pra falar a verdade, eu preciso muito ir agora. — Fui me arrastando de ré em direção à porta.

— IN-CRÍ-VEL. — Mackel balançou a cabeça. — Não consigo nem dizer qual das metades você desenhou.

Disparei porta afora, corri pelas escadas, derrapei em uma parada brusca. Nenhum sinal dela. Nem nos corredores, nem nas escadas. Onde ela poderia estar?

Acho que tive um relance dela no caminho para a aula de economia e, depois da aula, ao lado do bebedouro, e depois espreitando do lado de fora da porta da academia. Mas, a cada vez que eu voltava, ela desaparecia. Como se fosse uma miragem. Ou uma ilusão. Era isso, uma ilusão. Assim como minha vida... uma realidade, só que fora de alcance.



Meu celular tocou no caminho para o trabalho. Vasculhei minha mochila no assento ao lado, xingando. Eu já estava atrasada por ter ficado postada no corredor dos armários, esperando a Ceci e perdendo-a de vista de novo. Onde ela estava?

— Sim. Alô? — Rosnei.

— Oi. Sabe quem é?

Fiquei sem ar.

— Ceci, oi. Tentei encontrar você o dia todo. Queria concluir nossa conversa.

— Qual conversa? — Ela falou.

Será que ela não se lembrava? A Conversa! Sobre sonhos, e passarinhos, e fogos de artifício.

— Olha, hã, eu estou ligando pra... — Ela riu um pouco, de um jeito nervoso. — Hã, tudo bem, se você não estiver ocupada amanhã à noite, que eu sei que está, provavelmente, com o Seth, mas estava pensando se... você gosta de A.P.?

Alguém me cortou pela dianteira e eu pisei no freio.

— Idiota! — rosnei.

— Certo, esqueça.

— Ceci, não, não era pra você. Meu Deus. Eu estou dirigindo e algum imbecil acabou de me jogar pra fora da pista. Eu adoro A.P..

Ela riu.

— Você também é uma péssima mentirosa ao telefone.

Tive que rir.

— Tá certo. E o que é isso?

— Arte performática.

— Ah. — Silêncio. Estática do outro lado da linha. — Desculpa — falei. — Ainda não entendi o que é.

— É meio difícil de explicar. Cada um faz sua própria interpretação, e é isso que torna a coisa tão fantástica. A maior parte é expressão. Expressão física e emocional, mas usa todos os sentidos. É muito sensual. Você vai gostar.

Uma onda de prazer me acertou.

— É, parece legal. Então... amanhã à noite?

— Tem uma performance no Teatro Rogue. Um monte de grupos de A.P. da cidade inteira. A gente conseguiu entrar no último instante. Nosso grupo, quero dizer.

— Você tem um grupo? Você faz performance?

— Aham. Quer vir? Posso arranjar pra você um par de convites.

Uma buzina soou atrás de mim e percebi que estava parada em um sinal verde, interrompendo o trânsito. Cantei o pneu.

— Parece ótimo! — Falei. — Adoraria ir. Não estou mentindo agora, estou?

Ela riu. Eu amava essa risada.

— Você está a caminho do Chalé das Crianças? — Ela perguntou.

— Estou.

— É um trabalho legal?

Comecei a responder quando alguém berrou o nome dela ao fundo da ligação. A voz de um homem, profunda.

— Preciso ir — ela falou rapidamente. — Levo os convites pra você amanhã. — E a ligação entre nós duas morreu.

Como ela sabia onde eu trabalhava? E como conseguiu meu número de telefone? Apertei *69 para resgatar o número dela e enfiei a mão na mochila em busca de papel e caneta. Quase rasguei a lateral de um ônibus de passageiros na pista ao lado.

CAPÍTULO 13

— *T*ia Holland, tia Holland, faz o meu! — Courtney pulava para cima e para baixo, abanando uma folha branca na frente do meu rosto.

— Você é a próxima — falei. — Deixe eu terminar o do Kevin. — Examinei o rosto gordinho do outro lado da mesa de desenho, tão angelical, mas com um brilho demoníaco nos olhos. A boca não estava certa, o lábio superior ficou torto.

— Tia Holland, tia Holland.

Judy colocou a mão no meu ombro.

— Está formando uma fila.

Olhei de lado para Courtney, depois atrás dela, onde havia um monte de crianças pegando folhas brancas de papel, tão rápido quanto a sra. Ruiz conseguia rasgá-las do bloco.

— Está muito bom, Holland — Judy disse, observando meu desenho. — Não sabia que você era uma artista.

— Nem eu — admiti.

— ‘Xa’ ver. — Kevin puxou a folha, que estava debaixo da ponta do meu lápis, e segurou em frente ao rosto. Abaixou. Os olhos dele ficaram grandes como um par de waffles. — Ah, legal! — Ele gritou.

Isso me fez rir. Fez Judy rir também.

— Próxima vítima — chamei.



Mamãe estava no porão, passando roupas, quando flutuei pelas escadas abaixo. Levantei Hannah da cadeira de bebê e brinquei com ela no ar. Ela soltou gritinhos. Mamãe franziu o cenho para mim. Uh-oh.

— Olhe isto — ela rosnou, esticando uma das camisetas pretas da Faith. DANTE estava inscrito como um brasão entre línguas de fogo. Nas costas, lia-se:

Não existe luz, senão do céu sereno e imperturbável. O

resto são trevas ou sombra da carne, ou seu veneno.
(Paraíso)

Mamãe perguntou:

— O que isso quer dizer?

— Não faço a menor ideia — falei.

— É obsceno. — Ela fez uma bolinha com a camiseta e jogou-a no lixo. — Queria que você conversasse com ela, Holland. Diga como fica ridícula. Arranque-a de uma vez dessa onda gótica. Isso não é normal.

— Não posso. Nós não habitamos o mesmo planeta.

Mamãe balançou a cabeça.

— Não consigo nem imaginar o que as pessoas pensam dela. Não fazem pouco dela na escola?

— Na verdade, não. — Porque temos aquelas políticas antibullying que nutrem a paz e o amor em nossos corações.

Mamãe prosseguiu:

— Ela parece uma personagem de filme B com toda aquela maquiagem e aquelas roupas.

Bufei um pouco.

— Não, não parece. Ela só está se expressando. Este é um país livre. — Não me pergunte por que eu estava defendendo Faith.

— O Neal fica constrangido até de levá-la para visitar os avós. Ele acha que o pai dele vai ter um derrame se vir a Faith entrando em casa parecendo a morte encarnada.

Já estava na hora de mudar de assunto.

— Posso jogar meu maiô na secadora? — Acomodei Hannah na cadeirinha e retirei dois maiôs pegajosos da mochila, com a toalha encharcada que os envolvia. Lancei tudo na máquina, depois levantei a cadeira de bebê e levei-a para o meu quarto.

Mamãe apareceu alguns minutos depois. Ela pousou uma pilha de roupas limpas ao lado da minha cama e falou:

— Tomei a liberdade de responder ao convite para o jantar com o governador.

— Mãe. — Me arrepiei. — Eu ia fazer isso.

— Quando? Uma semana antes do jantar?

Não, na mesma tarde.

— Espero que em março você já saiba em que universidade vai estudar ano que vem. Tenho certeza que o governador vai perguntar.

Ele também? Não havia mesmo escapatória.

Mamãe parou na entrada.

— Acho que eu devo avisar: a Faith vem hoje à noite e vai passar o resto da semana aqui. A mãe dela precisa viajar a negócios. — Mamãe se demorou, examinando meu quarto. — O Neal e eu estamos pensando em transformar o porão em um escritório durante o verão. Colocar uma mesa com um computador. Precisamos fechar o espaço da Faith, talvez mudar a cama dela pra cá. Ou então trancá-la aqui dentro. — Ela sorriu. — O que você acha?

Fiquei piscando.

— Acho que quando eu estiver de saída é bom não esquecer de bater a porta atrás da minha bunda.

— Ah, Holland. — Ela riu de mim. — Você leva tudo tão a sério.



Eu não queria ir sozinha à apresentação da Ceci e não estava a fim de chamar o Seth. Liguei para a Leah.

— Ei, Holland! — Ela soava animada. — Estou feliz que você ligou. Senti sua falta no almoço.

— É, o Seth e eu estávamos planejando a conferência sobre liderança. — Sobre a qual eu não queria nem pensar. — Como você está?

— Bem — ela falou. — A gente não conseguiu mais conversar. Lembra quando dormíamos uma na casa da outra todos os fins de semana? A gente nunca mais fez isso.

— Eu sei. Deveríamos.

— A Kirsten vai vir aqui mais tarde pra eu cortar o cabelo dela. Se você vier também, vocês poderiam passar a noite aqui, já que a gente não tem escola amanhã.

— Não posso. Estou... ocupada. — Droga. Não podia convidar as duas. De qualquer forma, não acho que eu convidaria Kirsten. Não era minha pessoa favorita nos últimos tempos. — Só liguei pra dar um oi. Ver como você está. Ops, minha bateria está acabando. Não tô conseguindo te ouvir. Ligo pra você amanhã. — Desliguei. Droga. Agora eu tinha que ir sozinha.

Caí na cama, observando meu guarda-roupas. O que alguém veste para ir a uma performance artística? Ouvi Faith chegar, a mala dela se arrastando pelo chão. Ela suspirou de desgosto.

— Ei, Faith. — Levantei em um impulso. — Quer vir a uma apresentação de arte performática comigo esta noite? — Contornei a divisória, entrando no espaço dela.

Parecia que ela estava sendo estrangulada por uma sucuri, de tanto que seus olhos saltaram.

— Tá brincando? — A voz dela embotou. — Ou foi sua mãe que obrigou você a isso?

— Não. Ela não sabe disso. Tenho dois convites, então pensei que eu e você podíamos...

— E onde está o Seth? — Ela perguntou.

— Ocupado — menti. — Está todo mundo ocupado. — Fiz parecer que ela era minha última escolha? Fiz. — Tudo bem, é que eu não queria ir sozinha — confessei. — Quero dizer, eu poderia, mas... — Sorri, tímida. — Sou covarde, detesto fazer as coisas sozinha. Se você não quiser ir, tudo bem. — Voltei para o meu espaço rezando, por favor, por favor, diga que vem comigo.

— Tudo bem — ela disse.

Refiz o caminho até o espaço dela.

— Você já assistiu a uma apresentação dessas?

— A.P.? — Ela mordeu o dedo mindinho. — Sim, várias vezes. — E cuspiu a cutícula.

— Então, que roupa eu devo vestir?

A expressão dela não mudou.

— Coisas góticas — falou. — Vou te emprestar um crucifixo.

Eu a encarei por um momento, depois caí na gargalhada. Ou ela era a pessoa mais engraçada da face da Terra ou então eu estava descontrolada.



Levei mais de uma hora para encontrar o Teatro Rogue. Estava encravado entre dois blocos residenciais sem nome, no bairro dos armazéns, no centro da cidade.

— Tranque a porta — ordenei à Faith.

E prepare o machado.

Algumas pessoas se amontoavam ali do lado de fora, fumando e bebendo vinho em copos descartáveis. Não eram o que se chamaria de “povo do teatro”, seja lá o que isso for. Nada de peles nem roupas formais. Eram mais como grunges. Faith deve ter se sentido em casa. Meu estômago saltitava, como se todos ali já soubessem as regras do jogo, menos eu. O host sorriu e nos deu calorosas boas-vindas, pediu que assinássemos o livro dos convidados, o que me acalmou um pouco.

Logo na entrada, havia um quiosque que vendia pipocas, doces e bebidas. Faith foi em linha reta na direção dele, mas eu a icei pelo sobretudo e disse:

— Vamos achar os assentos primeiro.

O teatro era velho, gasto, reformado pela metade. Aquelas poltronas de veludo vermelho tinham mais de um século. No entanto, eram confortáveis, e ao nosso redor as pessoas batiam papo e riam. Li o folheto com a programação:

O TEATRO ROGUE APRESENTA: UMA NOITE DE PRAZER SENSORIAL

Deus do céu, será que isso era para maiores? A página seguinte listava seis atos, e eu os investiguei tentando achar uma pista de que prazeres nos aguardavam. “Cantando com Gatos” era o primeiro ato. Depois “Virgens Virtuais”, “Sincroloucos”, “Aphrodisium”, “Unidade” e “Riso Enlatado”. Olhei para Faith, que estava me observando. Odiava o jeito como ela encarava as pessoas — e a mim.

— Conhece algum desses grupos? — Perguntei a ela.

— Aham — ela resmungou, olhando de esguelha para o quiosque da entrada.

Procurei minha carteira na bolsa.

— Tome. — Passei para ela uma nota de dez. Ela debandou pelo corredor e eu gritei às suas costas: — Sem álcool.

Um sujeito com a cabeça raspada atrás de mim piscou e eu me encolhi na poltrona.

O folheto tinha uma página de anúncios, pedidos de auxílio financeiro, agradecimentos a todas as pessoas que ajudaram na execução do show. Faith voltou com um saco de pipoca e um copo de vinho tinto.

Droga.

— Você tem uma identidade falsa? — Perguntei.

— Sim, mas eles não pediram. Quer um pouco? — Ela me ofereceu o copo.

— Não. — Imaginei nós duas confinadas em uma cela de prisão. Cidade dos horrores. Na última página, havia os nomes dos artistas. Meus olhos passaram pela lista, pararam. Joanie Fowler. Por que esse nome não me soava estranho? Ela era um membro da Unidade. Ali, abaixo de Joanie, estava o nome de Ceci. — Ela está na Unidade também.

— Hein? — Faith falou.

Eu realmente verbalizei isso?

— Minha amiga. Ela está nesse grupo, a Unidade.

— Quem? — Faith se apoiou em cima do meu braço.

— Ceci. Ceci Goddard. — Apontei para o nome.

— Ah, sim. Eu a conheço.

— Como?

Faith bebericou o vinho. Degustou-o longamente, só para me irritar.

— Ela está na minha aula de vida independente.

— Em que período?

Faith piscou as pestanas.

— Terceiro. Por quê?

As luzes desvaneceram e minha atenção se voltou para o palco. Vida independente? Essa era uma aula inútil. Um holofote iluminou o centro do palco e uma mulher com um vestido longo e translúcido veio flutuando da extremidade. Ouviram-se aplausos dispersos. Ela dobrou as mãos à sua frente e esperou. Esperou. Por alto-falantes ocultos, um gato de repente gemeu. O som atacou meus ouvidos e eu os tapei com as mãos. O gemido irritante diminuiu um pouco, então a mulher abriu a boca e uivou com o gato. Em harmonia.

Espere, isso era... interessante. Quero dizer, eu não conseguiria fazer isso.

Faith murmurou no meu ouvido:

— Não tente isso em casa.

Bati no joelho dela.

— Não tente isso à noite em um beco escuro.

— Para.

— Especialmente se estiver com tesão.

Ri sem conseguir me reprimir.

Virgens Virtuais foi um espetáculo de luzes e sombras, o que era sensual, com certeza. Fiquei tentando descobrir se as três mulheres por trás da tela estavam mesmo nuas. Sincroloucos era esse misterioso grupo musical que usava sons eletrônicos e vozes digitalizadas. Aphrodisium era totalmente para maiores. Faith ficou murmurando “aaah hããã” e resfolegando, e eu fiquei dando cotoveladas nela.

As luzes do palco se apagaram e o teatro caiu na escuridão.

Unidade era o próximo. Meu coração se agitou. Uma pequena luz despontou no chão e um rosto surgiu, seguido por outro ao lado, e mais outro, até que cinco rostos apareceram para encarar a plateia. Cada rosto estava maquiado para parecer exatamente igual ao outro, mas pude identificar Ceci. Era a do meio. Juntos, começaram a se mover, ou, na verdade, ondular, porque, pelo que percebi, eram todos uma coisa só. Uma gigantesca criatura em forma de polvo, dentro de um tecido elástico preto.

E havia essa música *new age* que emanava suave das caixas de som estéreo enquanto a

Unidade pulsava em um círculo. Depois a música mudou, ficou mais estridente e dissonante. Cada elemento se libertou, abrindo um zíper que o conectava ao tecido e se afastando. Eles vestiam maiôs segunda pele com capuz em diferentes tons pastel. Ceci usava amarelo.

A batida acelerou e os indivíduos, que estavam tão calmos no instante anterior, começaram a se sacudir e se contorcer em agonia. Ceci abriu a boca, mas nenhum som saiu. Senti um frio percorrer minha espinha. Isso não era encenação. Ela estava sofrendo.

Continuou por excruciantes minutos. Não conseguia assistir. Mas precisava. Ela me hipnotizou. Em determinado momento, todos deram as mãos no centro do palco, suas dores abrandaram. A música ficou lenta, suave, e os elementos se moveram todos para o centro, de frente uns para os outros. Mais e mais próximos, até que se espremeram firmemente em uma coisa só, uma unidade, um ser multicolorido.

A plateia bateu palmas e pés, e eu soltei a respiração que estava prendendo. Faith arqueou as sobrancelhas para mim e disse:

— Legal.

— Muito.

Depois do espetáculo, todos se reuniram no lobby, esperando a vez de parabenizar os artistas. Localizei Ceci com os outros membros da Unidade, rindo e tagarelando, seu rosto exultante como jamais vi.

Costurei através da multidão para chegar até ela. Ceci obviamente conhecia boa parte dessas pessoas, que não paravam de abraçá-la e de chamá-la. Um surto inesperado de autoconsciência se apossou de mim.

Os olhos da Ceci encontraram os meus e o rosto dela se iluminou. Ela abriu caminho entre as pessoas, debaixo de braços e copos de vinho.

— Você esteve fabulosa — eu disse quando nos encontramos no meio da multidão. Sentia uma vontade poderosa de lançar meus braços em volta dela, abraçá-la, mas meus músculos não queriam se mover. Percebi que ela queria me abraçar também. Mas não me abraçou, e a espontaneidade desse momento passou desajeitada por nós.

Ela olhou por cima do meu ombro, procurando.

— Ele não está aqui — falei.

Ela sorriu. Um sorriso ainda mais amplo.

— Você gostou mesmo? — Perguntou.

— Sim. Foi fantástico. Hipnótico. Elettrizante.

Ela piscou.

— Você entendeu?

— Acho que sim. Sobre nascer, e se separar, e ficar sozinho. Como a solidão pode ser dolorosa. E depois voltar a se unir, a ser um só. Ser uma Unidade. E a alegria disso. — Hesitei. — Certo? É isso mesmo?

Outro sorriso lento se infiltrou nos lábios e nos olhos dela.

— A mensagem é a que você quiser que seja. — A atenção dela mudou de direção, para alguém ao meu lado. — Ei, amiga. — Ceci lançou os braços ao redor da Faith. — Como vão as coisas?

Por que ela não me abraçou?

— Bem — Faith respondeu. — Você estava demais.

— Obrigada. — O sorriso da Ceci iluminou o ambiente de novo. Ela abraçou Faith uma segunda vez. — Faith, essa é a Holland — ela falou. — Holland, Faith.

Nós duas rimos.

Ceci olhou de Faith para mim.

— O que foi?

— Ela é minha irmã. — Faith me apontou com o polegar.

— Meia-irmã — corriji.

— Não pode ser — Ceci disse.

— Pode ser — Faith respondeu.

— Louco. — Ceci balançou a cabeça. — Mundo pequeno.

— Pequeno demais — Faith roubou minhas palavras.

Outra garota da Unidade tocou o ombro da Ceci.

— Ceci, vamos lá fora fumar um cigarro. Quer vir?

— Não — Ceci falou. — Eu parei.

As sobranceiras da garota arquearam.

— Você parou? Quando? Você não tinha me contado. — Os olhos da garota encontraram os meus e ela sorriu. — Oi. — Ela estendeu a mão. — Eu sou a Joanie.

Quando estiquei o braço para apertar a mão dela, Ceci abaixou o braço de Joanie com um tapa.

— Bem, obrigada por terem vindo, meninas — Ceci falou, apressada, girando para puxar Joanie de volta para o meio da multidão, longe de nós. De mim.

O que foi aquilo? Eu estava esperando que Ceci nos convidasse — me convidasse — para fazer companhia a elas — a ela. Ou algo assim. Qualquer coisa. Eu não queria ir embora.

— Estou faminta — disse Faith. — Aqueles caras do Riso Enlatado com o feijão e o bacon me deram fome. Podemos parar no Wendy's?

Observando Ceci abraçar outra garota, dei as costas e disse:

— Claro, por que não?

CAPÍTULO 14

O toque do meu celular me despertou. Com a boca entorpecida, agarrei-o de cima da cama e resmunguei:

— Alô.

— A que horas você vem? Pensei que tivéssemos combinado às dez.

Lutei para me sentar, olhando de relance para o relógio.

— Que horas são?

— Quase onze — Seth respondeu.

— Tá de brincadeira. — Arranquei o edredom e chutei os lençóis amarrotados procurando pelo chão. Nunca dormia até tão tarde. Eu havia sonhado... o Aphrodisium tinha implantado em mim uma ou duas sugestões subliminares. — Já vou estar aí. Só preciso me vestir.

Que dia era? Para que eu ia ver Seth?

— Esquece — Seth falou. Não sou nada feliz.

— Sério, eu vou estar aí em dez minutos. Nove.

— Aonde você foi a noite passada? Eu liguei e sua mãe disse que você tinha saído com a Faith. Como se eu pudesse acreditar nisso.

Uh-oh. A culpa cutucou minha consciência. Depois a raiva superou a culpa.

— Tenho que te dar um relatório de cada noite? Você vai ficar me controlando agora?

— Não. — Ele parou. Sua voz baixou. — Eu só quero saber onde você esteve, Holland.

Meu coração afundou no peito. Ele merecia saber? Sim. Em todo caso, qual era o problema? Nada havia acontecido.

— A Faith e eu fomos a uma apresentação de arte performática.

— Por quê?

— Nossa, não sei. Porque existe? — Eu precisava pedir permissão para ter uma vida agora?

— Se você quer que eu vá até aí, preciso desligar.

— Tenho que ir para o trabalho em meia hora — ele disse. Solto um longo e alto suspiro.

— Arte performática, hein? Por que a Faith convidou você? Ela não podia chamar alguma das amigas trevosas para ir? Hã?

Ah, Seth. Fechei os olhos.

— Acho que não.

— Ligo pra você depois — ele disse. — Ou você pode ligar.

— Tudo bem, eu ligo. — Desligamos e fechei o celular.

Eu deveria tê-lo chamado para ir comigo na noite passada, já que ela mal registrou minha existência.

Isso não era verdade. Ela ter ficado contente por me ver não foi imaginação minha. Senti uma corrente elétrica passando entre nós, mesmo com Faith ali. Então, veio aquela Joanie e cortou o fio que nos ligava.

O celular acenou para mim. Eu o abri novamente e apertei os números. Os números que tinha memorizado. Tocou uma vez, duas vezes... Meu estômago deu um nó. Desliguei. Fiquei parada. Apertei o botão do redial. Tocou uma vez, duas... E quando eu estava prestes a desistir, uma voz disse:

— Sim, alô?

Desliguei. Era a voz de um cara. Caí de costas na cama, depois reabri o celular e apertei o redial de novo.

— Alô — ele respondeu.

— A Ceci está? — Minha voz soou como a de uma garotinha assustada. Detesto isso.

— Um segundo. Ceci! — Ele berrou. Houve um momento de silêncio, depois: — Ceci, atende a porcaria do telefone. — Não havia como ser o pai dela; talvez o irmão? Ele voltou e disse: — Não. Não está aqui. Quer que eu peça pra ela te ligar?

— Não — falei apressada. — Outra hora eu falo com ela.

— Falou! — Ele disse e desligou. Meu coração estava esmurrando cada osso da minha caixa torácica. Eu queria tanto vê-la que chegava a doer.



Nadando. Para cima, para baixo, contando braçadas. Uma, duas, três, quatro. Inspira, expira. Tocando, retraindo, para baixo, para trás. Ela.

Tudo era ela. A luz, a sombra, o dia, a noite. Ela. Ela.

Ela era meu primeiro pensamento na manhã e meu último durante a noite. Ela havia se apoderado da minha alma. Estava dentro de mim, me consumindo, me compelindo a...

Quê?

Afogue isso. Lute contra a corrente. Você pode, Holland. Você é forte. Resista. Pode suplantar as forças da natureza. Você deve.

Nade. Lute. Conte. Conte.

Não posso. Não posso. Não posso.



Ela estava apoiada no meu armário, esperando, bebericando seu café. Quando me viu chegar, se pôs de pé e sorriu. Derreti. Hoje, ela estava com uma camiseta que dizia: TENHO UMA CONSCIÊNCIA QUEER. E VOCÊ?

— Oi — ela falou. — Obrigada por ter ido à minha apresentação.

Pega leve, Holland, meu cérebro avisou.

— Sem problemas. Me fale da Unidade. Como vocês se juntaram? — Estiquei o braço em volta dela para abrir o meu armário.

— Duas de nós nos encontramos no Departamento de Teatro da Washington Central. Eu tive a ideia e colocamos um cartaz no mural da Rainbow Alley. Por quê?

— Só estava imaginando. — Leve, bem leve. Peguei meus livros da manhã, tentando não sentir a respiração dela, o sangue dela pulsando nas minhas veias. — Então, por que você se transferiu da Washington Central? — Perguntei, fechando meu armário.

Ela não respondeu.

Abraçando os livros de encontro ao peito, comecei a andar pelo corredor e ela caminhou ao meu lado. Perto, perto demais. No cruzamento principal, paramos. Olhei para ela, minha pergunta ainda pairando no ar. Um grupo de garotas passou por nós, e eu nem teria notado se não fosse pelo fato de uma das garotas medir Ceci de alto a baixo. Ela olhou a camiseta com uma careta de desprezo. Ceci deu as costas para elas.

— Não era um ambiente saudável — ela finalmente respondeu.

Eu ironizei:

— E este aqui é melhor? — Achava difícil de acreditar.

Ela fitou o corredor na direção dos nossos armários, o olhar distante.

— Talvez — ela disse. — Estou esperando para descobrir.



Na aula de cálculo, tivemos um professor substituto que não sabia nem soletrar “matemática”, então ele nos deu uma hora de estudo livre. Eu podia tê-la usado para terminar de ler *Grendel* e começar a análise comparativa com *Beowulf*, que precisava ser entregue na semana seguinte. Ou ler o capítulo que discutimos hoje em economia, ou estudar para a prova oral de cálculo de amanhã. Em vez disso, puxei meu caderno de desenho. Os olhos dela eram tão bonitos e expressivos. Cor de musgo: profundos, verde-escuros, mas também castanhos no entorno. Cílios loiros. Os olhos eram difíceis de desenhar. Nem tanto pelo formato ou pela cor, mas pela profundidade. Pela pessoa por trás deles.

Ela era tão provocante, pensei, sorrindo. Será que era proposital? Como ela dissera, não gostava de fazer jogo. Poderia estar flertando? Comigo? Quem poderia saber? Todo esse conjunto — ela — era uma incerteza. Um mistério. Ainda assim, quando conversávamos, quando estávamos juntas, ela parecia tão familiar. Parecia saber quem eu era, de onde vinha. Acho que ela me conhecia melhor do que eu a mim mesma. Era fácil estar com ela.

E eu queria estar com ela, tipo, o tempo todo. Eliminar os obstáculos, as pessoas e as coisas em nossas vidas que estavam tentando nos manter afastadas: Brandi, Seth, Kirsten, a sociedade e eu.

Eu? Na verdade, o meu medo. O que eu temia exatamente? O que as outras pessoas pensariam? Acho que sim, um pouco. Mas não era isso que estava me impedindo de agir de acordo com meus sentimentos. Era a intensidade deles. Meu desejo por ela. Eu sabia que, se

cedesse a ele, teria que me entregar completamente. Perderia todo o controle. Tudo o que eu conhecia, tudo o que eu era; as muralhas que construí para me proteger por todos esses anos viriam abaixo. Poderia me perder entre os escombros. Ainda assim, ela fazia com que me sentisse mais viva do que nunca. Passarinhos azuis, borboletas no estômago e fogos de artifício.



Mackel devolveu alguns trabalhos da semana anterior. Acima do meu desenho de uma metade de rosto, ele colou um bilhete: “Inacreditável p/ kct. Nota A+”. Devo ter irradiado calor, porque Ceci virou para trás e sorriu. Brandi surrupiou a atenção dela mostrando seu próprio desenho e dando uma risadinha, e fiquei imaginando se era possível apontar tão bem um lápis até deixá-lo afiado o bastante para furar um crânio.

Ah, que ideia saudável, Holland, pensei. Considerar um assassinato, por que não? Talvez, você pudesse contratar um assassino de aluguel para tirar todas as pessoas indesejáveis do seu caminho.

Tudo bem, propus um contrato mental a mim mesma: se a Ceci vier falar comigo depois da aula, deixo a Brandi viver.

Ela ficou, ali, parada, com cara de quem faria isso, de quem queria fazer isso. E então Brandi estava de novo em cima dela. Em todo caso, onde encontrar um assassino de aluguel? No Disque Morte 0800?

Depois da aula, encontrei uma rosa amarela enfiada na ventilação do meu armário. Minha alma murchou. Seth. Ele sempre me dava rosas depois que brigávamos. Mas nós brigamos? Ele sabia que amarelo era minha cor favorita. Amarelo. Engraçado. Eu tinha conseguido evitar o Seth ao longo do dia, mas não poderia fazer isso para sempre.

O que eu faria com ele? Contar a verdade, é claro. Seria traição permitir que nosso relacionamento continuasse assim. Agora, eu percebia que só o amava como um amigo. Que o lado físico de nosso relacionamento só evoluiu porque era isso que esperavam de nós. Uma garota encontra um cara, eles se apaixonam, transam e se casam, não necessariamente nessa ordem.

As expectativas. Elas mandavam na minha vida.

Corte o final. Revise o roteiro. O cara dos sonhos dela é uma garota.

Eu estava cheirando a rosa e pensando em como decepcionar Seth da forma mais indolor. Quando cheguei ao meu jipe, Ceci estava encostada no capô, braços cruzados, um pé dando batidinhas no chão.

— Holland. — Ela se impulsionou do para-choque. — Você pode me dar uma carona?

Um raio me atravessou. Será que ela sempre me deixaria assim, excitada?

— Claro. — Sorri para ela. Segui o olhar dela até o asfalto, o pneu furado do lado do motorista do seu carro Neon. — Essa não — falei. — Odeio quando isso acontece. Quer que eu te ajude a trocar o pneu?

— Estou sem estepe — ela falou, e sua voz soou fria. — Só preciso de uma carona, tudo bem?

— Tudo bem, claro. — Abri a porta do passageiro e ela entrou. Corri para o lado do motorista. — Quer que eu deixe você no posto de gasolina ou algo assim? — Pousei a rosa amarela sobre o painel. — Tem uma borracharia não muito longe daqui.

— Não, eu vou ligar pro meu pai depois. Se você puder me levar até o Hott 'N Tott, já está ótimo.

Virei a chave da ignição. O motor tossiu.

— Ah, droga. Preciso de gasolina. Vou ter que passar em casa pra pegar um pouco de dinheiro. Isso vai te atrasar?

— Não. Sua casa é caminho. — Ceci afivelou o cinto de segurança. — Depois pago a diferença.

— Nem precisa. Tenho que abastecer o tanque de qualquer forma. — Como ela sabia onde eu morava?

Ela perguntou:

— E eu vou atrasar você?

— Vai. — Não fazia sentido tentar mentir para ela. — Mas não tem problema. — Dei a ré, saindo da vaga. — Vou ligar e avisar que estou doente. — O quê? Essas palavras tinham mesmo acabado de sair da boca de Holland Jaeger? Ela nunca havia faltado no trabalho. Esperava-se que estivesse lá, e com pontualidade. Ela era escrava das expectativas.

Enquanto saíamos do estacionamento, Ceci comentou:

— Não fazia ideia de que você e a Faith eram da mesma família. Ela é muito legal.

Apenas olhei para ela.

Ceci riu.

— Você é tão fácil de ler.

Isso fez todo o sangue subir ao meu rosto.

— Ela é sua meia-irmã, né? É filha da sua mãe ou do seu pai?

— Pai — falei. — Padrasto. Minha mãe ficou grávida de mim quando estava no ensino médio, ela tinha quinze anos. Ela não me queria. — Prendi a respiração. Por que contei isso a Ceci? Nunca havia contado a ninguém, nem mesmo para a Leah.

Ceci franziu a testa.

— Ela disse isso pra você?

— Não com todas as palavras. — Minha voz soou fraca, assim como eu me sentia. — Os pais dela a expulsaram de casa, então ela não teve escolha.

Os olhos de Ceci se arregalaram.

— Uau. O que eles eram? Fanáticos religiosos?

— Não sei — admiti. — Ela nunca me contou o motivo. Ela não fala com eles desde então. Acho que a mãe escreveu para ela ao longo dos anos, tentando uma reconciliação, tentando se envolver com a minha criação. Mas Mamãe se recusa terminantemente a ter qualquer contato com eles.

— E como você se sente a respeito disso? — Ceci perguntou.

— Eu? — Olhei para ela. E de volta para a estrada. Todos esses anos. — Esperava que ela conseguisse perdôá-los. Ou que me deixasse conhecê-los. Quero dizer, são meus avós, sabe?

Ceci meneou a cabeça de modo compreensivo. Senti os olhos dela sobre mim, me estudando. O que será que ela via? Uma pilha de nervos à flor da pele? Depois de um tempo,

ela disse:

— Sempre há uma escolha. Sua mãe não deu você para adoção, então ela realmente queria ficar com você.

Eu nunca havia pensado sobre isso. Por que será que não pensei? Sempre achei que tudo o que ela queria ter feito era um aborto. Fim do problema. Meu fim.

— Onde está seu pai? — Ceci perguntou.

— Quem é que sabe? Mamãe disse que ele acabou sendo um babaca e, graças a Deus, eles nunca se casaram. Ele nem quis me conhecer. E o meu padrasto, Neal? Ele é um cara legal. É o primeiro homem realmente bom que a Mamãe encontrou. Ele a faz feliz. Isso é o que conta. Infelizmente, ele trouxe também a bagagem.

Ceci me disparou um olhar maldoso.

— Sinto muito, mas esse lance de ser gótica me dá vontade de gritar.

— Por quê? — Ela se virou para me encarar.

— É um negócio doentio! — Dei um sorrisinho contrariado.

— É claro que não. — Ela apoiou um braço no encosto do meu banco. Não tocou meu ombro por um centímetro. — A maioria dos góticos que eu conheço são gente boa. Acho que o movimento só ganhou má reputação por causa do massacre de Columbine. O que eu entendo que eles querem é não violência, paz, celebrar a vida. E celebrar a morte também. Eles tentam encontrar beleza em tudo. Mesmo na dor. Para alguns, é como uma busca pela imortalidade. Pelo nirvana.

Mirei a estrada a minha frente, processando as palavras dela. Castigando a mim mesma por nunca ter parado para conversar sobre isso com a Faith, nunca ter perguntado o que o gótico significava para ela.

Ceci deixou cair o braço.

— Acho que ela só quer ser notada. Sinto muito pela Faith ter que competir com você.

Minha cabeça virou de supetão.

— O que você quer dizer com isso? Nós não estamos competindo.

— Ah, vamos. — Ela se virou para mim de novo, enfiando uma perna debaixo da outra, o joelho quase resvalando no meu, a mão descansando sobre a coxa. — De repente, ela cai de paraquedas nessa família. Tem que dividir o pai dela. — Precisei reunir cada grama da minha força de vontade para me concentrar em dirigir, e também no que ela dizia, e não olhar para a coxa dela. — Ela tem essa nova irmã que é linda, e inteligente, e atlética, e popular. Como ela deveria se sentir?

Meu rosto se acendeu. Ela acha que sou linda?

— Nós não estamos competindo — repeti.

— Você pode não estar. — Ceci desviou o rosto. — Você nunca precisou.

Em vez de estacionar na entrada para carros, encostei na calçada e puxei o freio de mão. Apenas fiquei parada ali, fitando Ceci. Ela havia me enxergado por dentro, eu sentia como se tivesse acabado de fazer uma autópsia.

Saí do jipe e Ceci me seguiu.

Mamãe estava na sala de estar, assistindo as suas novelas e dando mamadeira para Hannah.

— Oi, mãe — eu a cumprimentei. — Esta é a Ceci. Ceci, minha mãe.

— Oi — Ceci esticou a mão.

Como estava com ambas as mãos ocupadas, tudo o que Mamãe pôde fazer foi sorrir.

— Olá.

— E esta é a Hannah, minha irmãzinha. — Fiz cócegas na barriga da Hannah e ela gorgolejou. Mamãe, pelo que notei, estava avaliando Ceci, lendo a camiseta dela. — Pode me pegar uma toalha, Holland? Esta aqui já está molhada.

— Claro.

Levei minhas coisas até a cozinha e as descarreguei ao lado da escada. Quando voltei, Ceci estava sentada no sofá ao lado da Mamãe.

— Não, eu me transferi para a Southglenn neste semestre — ela falou. — Quanto tempo a Hannah tem? — Ceci fez cócegas no pezinho dela.

Mamãe se levantou.

— Você não deveria estar no trabalho? — Ela disse para mim, arrancando a toalha da minha mão.

— Tirei um dia de folga — menti. — Vamos, Ceci. Vou te mostrar a cripta.

Ceci se levantou e me acompanhou até o porão. Enquanto eu pegava a chave debaixo do abajur e abria o meu cofre — que eu havia comprado como medida de precaução contra Faith e agora me sentia terrivelmente arrependida disso —, Ceci passeou pelo meu quarto, mexendo nas minhas coisas. Pare de mexer, pensei.

Ela pegou o CD das Dixie Chicks e sorriu para mim. Sorri também. Colocando vinte dólares no bolso, falei:

— Certo. Estou pronta.

— Para quê? — Ela arqueou a sobrancelha.

Eu balancei a cabeça.

— Como você é má.

— Você não imagina o quanto.

— Por que não você me mostra?

— Por que *você* não me mostra?

Um riso nervoso tropeçou nos meus lábios.

— Está dando em cima de mim?

O rosto dela ficou rígido, e ela disse de um jeito frio:

— Nem toquei em você.

Isso era verdade, ela não havia tocado em mim — fisicamente, quero dizer. Aliás, parece que havia feito um grande esforço para *não* me tocar. A eletricidade entre nós era palpável. Quase visível. E perigosa.

— Vamos. — Respirei, saindo dali. Nem sequer me lembro de ter dirigido até o trabalho dela, onde a deixei, e depois voltado para casa. Ela não me tocou. Mas, meu Deus, como eu queria que ela fizesse isso.

CAPÍTULO 15

*E*stávamos concentrados em um exercício sobre tridimensionalidade quando Ceci levantou-se e andou casualmente, vindo deixar um bilhete sobre a minha prancheta. Ele saltou e foi parar na mesa, no espaço entre eu e Winslow. Ele esticou a mão para pegá-lo, mas o alcancei primeiro. Abri no meu colo. “Minha mãe vai provisionar o Duelo de Bandas da rádio KBTO no sábado à noite”, ele dizia. “Ela disse que vai pagar quinze dólares por hora, se você ajudar. É meu jeito de compensar você por faltar no trabalho. De quebra, a gente assiste ao show de graça. Só nós duas. Quer?”

A letra de mão dela era miúda, um garrancho. Escrevi minha resposta embaixo, depois me levantei e entreguei o bilhete. Eu ainda não tinha voltado para a minha carteira quando ela explodiu em uma risada.

“Só se você mantiver as mãos longe de mim”, escrevi.



O sábado parecia nunca chegar. Enrolei o Seth dizendo que estava menstruada, isso sempre o repelia. Sei que eu precisava cortar as amarras, e faria isso no momento certo. Quando conseguisse fabricar as palavras. Tão logo eu as reunisse. “Olha só, Seth. Conheci outra pessoa com quem prefiro estar. Ah, e agora vem a melhor parte: ela é uma garota.”

Meu Deus. Eu nunca poderia fazer isso com ele.

Ceci falou para eu passar na casa dela às quatro horas, para que eu ajudasse a carregar e montar o equipamento.

— Que tipo de show? — Mamãe perguntou enquanto eu me aprontava para sair. Ela tinha se convidado a entrar depois de trocar as toalhas do meu banheiro.

— Um show de rock, acho. É um duelo de bandas.

— Você vai com o Seth?

Passei uma escova no cabelo, querendo que ele fosse mais longo para que eu pudesse fazer algum penteado interessante. Cachos, tranças, qualquer coisa.

— Não. Com a Ceci.

— Onde você arrumou essa Ceci?

Minha cabeça levantou para travar olhares com Mamãe. O tom de voz dela me irritava.

— Você fala como se ela fosse uma doença.

Mamãe levantou um catálogo de universidade da minha cômoda e começou a folhear.

— O que você viu nessa garota?

Se ela soubesse...

— Ela é legal. Eu gosto dela.

Mamãe abaixou o catálogo e disse:

— Não quero você saindo com gente igual a ela. Depois de hoje, diga a ela pra ir procurar amigos em outro lugar.

Meu queixo caiu.

Mamãe acrescentou:

— E esteja em casa antes das onze.

Desde quando eu tinha toque de recolher? E desde quando minha mãe escolhia meus amigos? Esperei até que os passos dela terminassem de subir a escada, então murmurei:

— Vá pro inferno. — E aponte o dedo do meio.



A casa da Ceci ficava a dois quartos da Washington Central. Era uma casa em estilo vitoriano, com dois andares e, na frente, um alpendre envidraçado. Aconchegante. Toquei a campainha e um menino de seis ou sete anos correu pela porta.

— Oi. — Ele sorriu me cumprimentando. Tinha um nariz bonitinho igual ao da Ceci.

— A Ceci está? Vou ajudar com os preparativos do show.

— Mãe! — Ele berrou sobre o ombro e através da porta da frente. Depois desapareceu do lado de dentro.

Segurei a porta exterior, antes que ela batesse e entrei. O aroma foi a primeira coisa que reparei — comida mexicana. Meu estômago roncou. Durante o dia todo, estive nervosa demais para comer. Mais que nervosa, paranóica. Ceci surgiu de um corredor nos fundos, carregando uma montanha de tecidos — toalhas de mesa e guardanapos.

— Holland. — Ela estacou no mesmo lugar. — Oi. — Os olhos dela se estreitaram na direção do irmão, já entretido diante da tevê. — Eric, seu malcriado. — Ela balançou a cabeça para mim. — Ele não tem modos. Vamos entrando. Minha mãe está na cozinha.

Eu a segui por um conjunto de portais arqueados. O cheiro picante era mais forte na cozinha e fiquei com água na boca.

— Mãe, essa é a Holland.

A mãe da Ceci se endireitou na frente do fogão, recolhendo o suor da testa com uma luva de forno.

— Oi, Holland. — Ela sorriu para mim. — Obrigada por ajudar.

— Obrigada por me pagar tão bem — falei. — Muito generoso de sua parte.

A mãe da Ceci estreitou os olhos para ela.

— E quão generosa eu fui?

Ah, meu Deus. Ceci...

Ceci falou apressada:

— Você pode dar a ela a minha parte. Vamos terminar de levar as coisas pra van. Pegue aquela caixa, Holland. — Ela indicou com o cotovelo.

Enquanto eu passava diante da mãe da Ceci, ela me olhou, me avaliando. Fez com que eu me sentisse uma ameba sob a lente de um microscópio. O que mais Ceci havia dito a ela?

A van estava estacionada na saída de carros dos fundos. Na lataria, estava escrito: “*Katering da Kate*”. Ceci equilibrou a caixa no joelho e abriu a porta lateral. Empurramos para dentro do veículo seis longas mesas, depois tecidos, pratos, talheres, copos e bandejas. Finalmente Kate — que, suponho, era a mãe da Ceci — nos passou a última tigela de *enchiladas* e verificou a lista de afazeres.

— Vá acordar seu irmão — ela pediu para Ceci. — Avise a ele que horas são. Diga que estamos saindo agora.

Ceci desapareceu de vista antes que eu pudesse me mexer, me deixando sozinha com sua mãe.

— Não precisa me pagar — falei, abanando a barra da minha jaqueta jeans, pois estava suando como um porco agora. — Não é nenhum incômodo ajudar.

— Quanto ela disse que eu pagaria? — Kate perguntou, sem levantar os olhos da lista. Engoli em seco.

— Quinze por hora.

A cabeça dela levantou devagar.

— Aquela menina. — Um lado do lábio dela repuxou, do mesmo modo como Ceci fazia. Depois a expressão dela ficou mais sombria e ela disse: — Tome cuidado com ela.

O que ela quis dizer com isso?

— Vou tomar — eu disse, automaticamente.

Um homem saiu da garagem, esfregando um tubo de cobre com uma lixa.

— Já está tudo na van? — Ele perguntou.

— O seu *timing* é perfeito, como sempre. — Kate forçou um sorriso para ele. — As garotas ajudaram. — O braço dela passou ao meu lado para fechar a porta lateral.

Estendi uma mão para o homem e falei:

— Oi, eu sou Holland Jaeger.

— Holland? — Ele chacoalhou minha mão. — Igual ao país?

— É, com os moinhos e as tulipas.

Ele riu. Tinha um sorriso caloroso que se estendia para seus olhos.

— Vocês, garotas, se divirtam.

— Vamos, sim — Kate falou. Eles deram um beijo, e então ele abriu a porta do carro para ela. Ceci atravessou a porta externa da casa, com o boné de beisebol na cabeça, um lençol dobrado sobre o braço e um moletom por cima.

Kate espiou do lado de fora da janela do motorista.

— Você *tem* que vestir essa camiseta?

— Sim, é obrigatório — Ceci zombou. Era a camiseta com os dizeres: ASSUMIDA! E COM ORGULHO!

Kate revirou os olhos diante do marido.

— Bem, entra — ela disse com um suspiro, esticando o braço para destravar a porta do

passageiro.

Ceci falou:

— Vamos na parte de trás.

A mãe dela observou o lençol, depois enviou a Ceci o mesmo olhar que havia dado na cozinha.

— O quê? — Ceci falou. — A gente não vai *fazer* nada. — Ela não deu chance para a mãe responder antes de abrir a porta lateral.

Ceci subiu e gesticulou para que eu entrasse. Havia um espaço estreito ali dentro, com toda a comida e os suprimentos para o *Katering*, mas Ceci reorganizou duas caixas e estendeu o lençol. Enquanto a van começava a andar, nos debatíamos para sentar. Terminamos de frente uma para a outra, com as pernas estendidas.

— Seu irmão não vem? — Perguntei.

— Meu irmão? Ah, você diz o Greg? Não, eles vão mais tarde. — Ela deve ter lido a confusão no meu rosto. — Ele vai com a banda dele. Estão na competição.

— Sêrio? Você nem me contou isso.

— Não fique animada. Você ainda não os viu tocar. — Ela sorriu um pouco, depois olhou para mim e continuou olhando.

Meu estômago fazia acrobacias.

— Então, hum... — Eu me acomodei, de modo que nossas pernas não ficassem tão juntas, para que eu conseguisse falar. — Suponho que seus pais sabem sobre você?

— Ah, sim — ela respondeu.

— E como eles lidam com isso?

Ela deu de ombros.

— Meu pai é bem legal. Minha mãe... — Ela desviou os olhos. Alisou o lençol ao lado dela. — Ela não gosta, mas o que pode fazer? Minha irmã é lésbica também, então é como uma praga em dose dupla.

Caramba.

— Só posso imaginar. Uau. E quando foi que você, hã, se assumiu?

Ela me fitou de novo.

— Pra minha família? Quase dois anos atrás, acho. Minha irmã só saiu do armário depois de mim. Mas eles já sabiam. Tinham que saber, só não queriam acreditar. A negação se enraíza bem fundo.

— Onde está sua irmã?

— Nova York. Ela é mais velha que eu, tem vinte e três. — Ceci deu uma baforada de ar. — Foi fácil pra ela. Tudo o que ela fez foi mandar um e-mail pra Mamãe dizendo: “Ah, Ceci se assumiu? Bem, adivinha? Sou gay também”.

Ceci agitou um pulso mole. Isso me fez rir.

— Então você leva suas namoradas em casa?

Ela franziu a testa.

— Por que você quer saber isso?

Meu rosto ferveu.

— Eu só... — Por que eu queria saber? Porque eu precisava. — Você trouxe a Brandi para apresentar para os seus pais?

— Brandi? — Ceci franziu a testa um pouco. — Não. Por quê? — Ela inclinou a cabeça. — Deveria?

Meu cérebro entrou em pane. Fiquei tonta, destrambelhada, fora da realidade. Engolindo em seco, perguntei:

— Você não está... namorando ela?

— Brandi? Deus, não. Foi isso que você pensou?

— Bem, foi.

— Não. Somos só amigas. Ela *gostaria* de ser mais... — Ceci ajustou o boné, puxando-o para baixo, mais perto dos olhos.

— Mas você não está interessada? — Eu arrisquei. Esperei.

Ceci falou:

— Ela não é o meu tipo.

— Qual é o seu tipo?

Ela espiou o lado de fora, por baixo da aba do boné.

— Bem, vamos ver... — Ceci me olhou de cima a baixo.

Eu mal podia respirar. Por favor, rezei, faça isso. Toque em mim. Só uma vez. Bastaria.

Ela prendeu meu olhar por um momento e soltou um suspiro.

— Eu gosto de garotas com fome. Você está com fome? Porque eu estou faminta. — Ela se levantou. — Não comi nada o dia inteiro.

Eu me pus de pé, sentindo-me frustrada, decepcionada. Ceci resgatou dois garfos e comemos *enchiladas* direto da panela. Preenchemos o espaço entre nós com “mmmms” e “delícia”.

O jantar que a mãe da Ceci organizava estava sendo oferecido pela estação de rádio para os DJs e seus convidados. Nós arrumamos as mesas do buffet atrás do palco, no auditório, e imediatamente começamos a servir. As equipes técnicas precisavam de espaço, então tivemos que nos apressar. Segui os comandos da Ceci, colocando e reabastecendo as bandejas de metal, acendendo os fogões portáteis, limpando comida derramada. Que bando de relaxados. Esse foi o esforço físico mais duro que já fiz, além de nadar. Pelo menos, quando nado, não fico suada.

Quando tínhamos retirado todas as mesas e carregado para a van, o duelo de bandas havia começado. Kate disse:

— Olhe, estou com enxaqueca. Queria ficar para ver o Greg, mas não posso. Estou presumindo que vocês duas queiram ficar.

Ceci concordou e olhou para mim. Confirmei.

— Se o Greg não puder dar uma carona pra vocês de volta pra casa, chame o papai. — Kate beijou Ceci. Ela tocou o meu braço e disse: — Muito obrigada, Holland. Vou fazer um cheque pra você assim que me pagarem. Ah, e Ceci — ela apontou um dedo rígido para a filha —, você conhece as regras da casa.

Ceci mostrou a língua para as costas da mãe. Enquanto a van se distanciava, perguntei:

— E quais são as regras da casa?

Ela fitou a estrada.

— Estúpidas. Vem, vamos ouvir a música.

Entramos nos bastidores, onde uma banda, DVOX, estava apenas começando a se apresentar. O grupo era formado por dois rapazes e duas garotas, e logo ficou evidente quem

eram os músicos. Os rapazes meio que fingiam tocar guitarra e não eram muito convincentes. A baterista era incrível. Como se lêssemos a mente uma da outra, Ceci e eu começamos a dançar.

Eu tinha esquecido o quanto adorava dançar. As únicas oportunidades que tinha para dançar eram nos bailes de boas-vindas e de formatura da escola. E, ainda assim, só com minhas amigas, porque Seth não dançava.

Ceci saltitou ao meu redor, dançando animada, e minha exaustão evaporou. As paredes se dissolveram e tudo ao nosso redor, entre nós duas, desapareceu. Éramos só eu e ela. Em nosso próprio lugar, em nosso próprio momento, nossa pequena bolha. Nada era capaz de penetrá-la, ninguém podia invadi-la. A apresentação continuou por uns vinte minutos — uma só música — e, quando terminou, nós duas estávamos ofegantes. Quando outro grupo subiu ao palco, Ceci gemeu.

— Ah, não. Eles são os próximos?

Devia ser a banda do irmão dela.

— Qual é o nome da banda? — Perguntei a ela, observando enquanto plugavam os cabos nos amplificadores e faziam a checagem de som.

— Pus — ela respondeu.

Olhei para ela.

— Tá de brincadeira.

A expressão dela não mudou. Foram apresentados como “Pus” e o primeiro acorde que tocaram, se é que dá para chamar aquilo de acorde, fez com que eu me encolhesse. Ceci apontou para o irmão, Greg, que era o vocalista principal.

— Ele é bom — precisei gritar para Ceci ouvir.

Ela falou no meu ouvido:

— Ele é péssimo. Todos eles são. O nome deles é *Pus*.

Eu ri. Ela sorriu.

— Vamos lá. — Ela gesticulou para que nos afastássemos da cortina. — Preciso tomar um pouco de ar.

A porta da saída de emergência era mantida aberta por uma cadeira. Nós passamos por trás do prédio, onde dois ajudantes de palco estavam fumando. Estavam sentados no cascalho, mas logo voltaram para dentro.

Ceci se encostou na parede de tijolos, usando um pé para se equilibrar. A cabeça dela caiu para trás e ela fechou os olhos. Eu me encostei ao lado dela.

Então aconteceu. A corrente elétrica surgiu entre nós, através de mim, e se apossou do meu coração. A atração era tão forte que eu não podia resistir. Não queria. Ela estava tão próxima, tão próxima, a cabeça dela tão perto da minha. Eu podia ouvir a respiração dela, sentir o coração dela bater. O ar estava gelado, mas não era isso que me fazia tremer.

— Ceci. — Minha voz soou áspera, sussurrante.

— Hum?

Virei para encará-la, apertando meu ombro de encontro aos tijolos.

— Eu quero... — Parei. Não podia dizer. Não podia dar esse passo.

Ela virou a cabeça e abriu os olhos.

— O quê, Holland? O que você quer?

Eu estava tremendo tanto. Vai. Faz isso!

— Quero beijar você.

Ela se ergueu, endireitou-se rápido e se virou para mim.

— Eu não te impediria. — Ela molhou os lábios.

Fechei os olhos. Abri, estiquei a mão e arranquei o boné dela, fazendo-o deslizar pelas suas costas. Com a outra mão, mergulhei meus dedos nos cabelos dela. Estava tudo acontecendo em câmera lenta. Minha mão acariciando a cabeça dela, puxando-a para perto de mim...

E aconteceu.

Ah, Deus. Os lábios dela eram macios. Ela era morna, quente. Eu a queria inteira. Eu estava caindo, caindo, sem ter onde pousar. Precisei me afastar.

Ela ficou ali, congelada, a cabeça inclinada, os olhos fechados. Um sopro visível de ar escapou dos lábios dela, como se tivesse segurado a respiração, assim como eu. Então ela pareceu esvaziar.

Ela odiou. Fiz tudo errado.

— Ceci? — Minha garganta estava raspando. Entrei em pânico, tentando ressuscitar as batidas do meu coração. — Diz alguma coisa.

Os olhos dela se abriram. Ela balançou a cabeça devagar e disse:

— Meu Deus, Holland. Por que você demorou tanto?

CAPÍTULO 16

O telefone tocou três vezes. Assim que o correio de voz estava para entrar, ele respondeu:

— Alô?

— Seth, oi. Sou eu. O que você está fazendo?

— Ajudando meu pai a montar esse rack para televisão. Você achava que dois caras inteligentes, como nós, fossem capazes de enfiar o parafuso A no buraco A, certo? Esta é a terceira vez que precisamos desmontar a geringonça e começar tudo de novo.

Ótimo. Ele soava normal, feliz.

— Preciso ver você — falei. — Em algum momento hoje.

— Que tal agora?

— Agora? — Meu coração disparou. Eu estava preparada para isso agora?

— Topo qualquer desculpa para fugir disto aqui — ele falou. — Quer que eu vá até aí?

— Não. Eu vou buscar você. Daqui a dez minutos. — Desligamos. No andar de cima, roubei um muffin da mesa do café da manhã, enfiei na boca e entrei na minha blusa de moletom com capuz.

— Volto logo — falei de boca cheia.

— O quê? — Mamãe franziu as sobrancelhas por cima de sua leitura. — Ah, Holland. Você viu este catálogo de Michigan? O campus em Ann Arbor é lindo. Deveríamos inscrever você lá. Eles têm um programa pré-advocacia. Claro que a escola de direito de Stanford é mais proeminente e seria perfeito se...

— Agora não, mãe — falei, retirando o muffin da boca. — Tenho que ir ver o Seth.

Ela suspirou pesadamente.

— Pergunte a ele sobre Stanford. E não fique fora o dia inteiro. Eu sinto sua falta, e quero que me ajude a fazer aquela pintura em estêncil na parede da Hannah.

Neal espiou por cima das tirinhas do jornal e piscou para mim. Pisquei de volta.

— Bom dia, Faith — falei, entrando na sala, onde ela estava esparramada no sofá, assistindo a uma reprise de *Buffy*. Ela deve ter resmungado uma resposta. — Ei, Hannie. — Beije sua bochecha de bebê, depois surrupiei mais um muffin e saí.

Meu jipe parecia querer desacelerar sozinho enquanto se aproximava da casa do Seth. Ele estava sentado na varanda, acariciando o gato, Toby. O Toby de duas toneladas. Um animal que Seth havia resgatado de uma caçamba de lixo quando era criança. Isso era tão a cara do

Seth. Quando ele me viu manobrar para a entrada da garagem, levou Toby para dentro de casa e saiu correndo pelo jardim.

Eu havia decidido que a conversa seria rápida.

— Aonde vamos? — Seth perguntou, inclinando-se sobre o banco dianteiro para me beijar. Eu me virei para verificar o trânsito, os lábios dele roçaram meu rosto.

— Passear — respondi. *Aonde* íamos? Para a serra, onde fomos fazer trilhas *off-road* no último verão? Não, Deus, não. A nenhum lugar dos velhos tempos. No espelho retrovisor, materializou-se o Parque Crandell atrás da casa dele, e levei o carro até o estacionamento.

Seth descansou o braço em torno dos meus ombros.

— E aí?

Abri minha porta.

— Vamos andar um pouco.

Ele descruzou as pernas e saltou para fora do carro. Emparelhando ao meu lado, pegou minha mão e apertou. Eu apertei também. No local das churrasqueiras, parei e descansei em um banco de piquenique. Seth se espreguiçou ao meu lado. Havia duas crianças brincando nos balanços, a mãe e a avó delas estavam ali perto, entretidas com seus livros.

Não havia um jeito fácil de fazer isso. Enfiei a mão no bolso do moletom, senti o pedaço circular de metal nos dedos e o apertei. Estiquei minha mão, abri a mão de Seth, e coloquei o anel na palma dele.

— Acho que deveríamos sair com outras pessoas — falei. Tão tola.

Ele abriu os dedos e observou o anel. Apenas observou. Traumatizado. Então os músculos da mandíbula se apertaram e, piscando os olhos, ele disse:

— O que levou você a isso?

— Eu... — engasguei. — Estou gostando de outra pessoa. Não seria certo com você...

— Quem? — Ele gritou.

Isso me fez pular de susto.

— Você não saberia... ninguém que você conheça. — Minha boca estava seca como um deserto. — Seth. — Virei para encará-lo. — Isso não tem nada a ver com você. Eu amo você. Você sabe disso. Queria que continuássemos amigos. Você é um dos melhores amigos que já tive. — O que era verdade. Nunca foi o sexo que nos manteve unidos. Pelo menos, não para mim.

— Amigos — ele falou, sua cabeça começando a balançar. — Amigos. — Ele se levantou abruptamente. Seu braço chicoteou no ar e o anel saiu voando pelo playground. — Vai se foder, Holland.

Eu me encolhi, não por causa das palavras, mas pelo modo como ele as disse. Pelo veneno em sua voz. De repente, a avó começou a recolher suas coisas e reunir a tropa para debandar dali.

— Seth, por favor...

Ele segurou meus ombros com força, me inclinando de costas na direção da mesa. Disse, direto no meu rosto:

— Vai se foder!

Meu coração parou de bater.

Ele se endireitou e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Seth. Não.

Ele saiu como um furacão, espirrando cascalho no seu rastro. Com o pulso, esfregou uma lágrima no rosto.

— Ah, meu Deus. — Minha cabeça caiu entre minhas mãos. Não era para ser assim.



Ceci ainda estava na cama quando eu cheguei. O pai dela berrou do alto das escadas:

— Ceci! — Depois se virou para mim e disse: — É preciso intervenção divina para arrancá-la da cama antes do meio-dia. — Como não houve sinal de que ela escutou, ele colocou as mãos em concha em torno da boca e gritou: — Cecelia!

Uma porta se abriu.

— O quê?

— Você tem visita.

Ela espiou na direção da escada. Nossos olhos se encontraram e o rosto dela se iluminou.

— Um momento — ela disse.

Não precisava se preocupar. Eu não iria a nenhum outro lugar.

Alguns segundos depois, vestida com jeans largos e uma camisa de beisebol, ela correu escadas abaixo. Agarrando-me em um abraço apertado, sussurrou:

— Ah, meu Deus, eu pensei que fosse um sonho. Foi de verdade, não foi? Me diz que é de verdade.

— É de verdade — eu disse, sorrindo. Sentindo-me aliviada.

Ela se afastou, examinou meu rosto.

— O que há de errado? O que aconteceu?

O nó ainda estava alojado na minha garganta, mas consegui balbuciar:

— Eu terminei com o Seth.

Os olhos dela se fecharam. Depois ela os abriu e fitou dentro dos meus, perguntando:

— E você se arrepende?

— Não. É que não terminou bem. — Minha vista embaçou.

Olhando por cima do ombro para o pai e o irmãozinho, que estavam boquiabertos nos olhando do sofá da sala, Ceci segurou minha mão e me levou até a varanda envidraçada.

Sentamo-nos juntas no banco suspenso, o braço dela ao meu redor.

— Você contou a ele sobre nós? — Ela perguntou.

Enfiei a mão no bolso, procurando um lenço de papel, e balancei a cabeça.

— Não consegui. Desculpe.

Ceci deu um tapa no próprio peito.

— Graças a Deus.

Assoei o nariz e franzi a testa para ela.

— Quero dizer... bem, não liga. Estou feliz que você está aqui. — Ela me puxou para perto e me beijou. Fez o calor se espalhar pelo meu corpo. Uma confirmação bem-vinda de que eu tinha feito a coisa certa.

A conversa foi deixada de lado por um tempo. Estar ao lado da Ceci parecia tão certo. Algo

que desejei com tanta intensidade e contra o qual lutei por tanto tempo. Queria saber tudo a respeito dela, explorá-la, fazer uma incursão por sua mente. Estranho. Tinha a sensação de conhecê-la desde sempre e, ainda assim, não saber praticamente nada sobre ela. A aventura de descobri-la me excitava, como nada nem ninguém conseguira antes.

Ceci se afastou de mim e mostrou a língua. Não para mim, mas para a janela atrás de nós. Virei para ver Eric beijando a vidraça. Isso me fez rir. E fez Ceci saltar do balanço, afastando-se de mim.

— O que foi? — Falei.

Ela olhou por cima do meu ombro, estreitando os olhos.

— Mamãe não quer que o Eric testemunhe minha perversão. Ele pode achar que ver duas garotas se beijando é natural ou coisa assim. — Ela se esticou no banco, apoiando a cabeça no braço do móvel e com as pernas dobradas acima das minhas coxas. Abracei os joelhos dela e deixei minha bochecha descansar sobre eles, observando-a. Absorvendo-a.

Ainda fitando a janela, ela acrescentou:

— Pelo menos não temos dois pesos e duas medidas, o que deixa o Greg doido da vida.

— O que você quer dizer?

Ela sacudiu um ombro.

— Eu disse para Mamãe e Papai que, se não posso ser eu mesma aqui, com minhas namoradas, então o Greg também não deveria poder. Papai disse que eu tinha razão. — Ela sorriu.

E eu sorri.

— Você é tão incrível. — Fiquei imaginando quantas namoradas ela estava incluindo nessa conta. — Desde quando você sabe, Ceci? — Perguntei.

— Sobre você?

Não era essa minha pergunta, mas a resposta me deixou intrigada. Meneei a cabeça.

— Desde a primeira vez que eu te vi no armário — ela respondeu. — Dia dois de janeiro, às seis e cinquenta e três da manhã.

— Não pode ser. — Franzi o nariz.

Ela riu.

— Garota, você fez meu gaydar disparar como um alarme.

— Não pode ser — repeti.

Ela sorriu.

— Foi, sim. E meu gaydar nunca mente. Apesar de que, depois, eu pensei que você podia ser bi.

Não, eu não era bi. Tinha certeza disso agora. A profundidade do desejo... era inacreditável. Além da convicção de que isso estava certo. De que eu estava sendo eu mesma. Mas como ela podia saber disso antes de mim?

— Como você sabia disso antes de mim?

Ela riu de novo.

— Eu não sabia. Você que sabia.

Ela estava certa. Eu sabia. Só não tinha encontrado ainda a pessoa que acenderia a tocha e me guiaria pelo caminho.

— Por que você esperou tanto? — Perguntei a ela. — Por que você não foi logo, sabe,

dando em cima de mim?

O rosto dela ficou sério.

— Eu não tinha certeza do que estava acontecendo com você. Quero dizer, você dava sinais contraditórios. Então caiu minha ficha, dã. Você ainda não tinha saído do armário nem para si mesma. Pensei que eu tinha que deixar você decidir como lidar com isso. Você precisava ter certeza. Você tinha que dar o primeiro passo. E, garota — ela passou o braço pela testa —, você estava me matando.

Sorri.

— E se eu nunca desse o primeiro passo?

Ela me espiou por baixo do antebraço.

— Eu estava preparada para fazer uma cirurgia de mudança de sexo.

Estapeei suas canelas e nós duas caímos na risada. A porta da frente se abriu de supetão e Kate colocou a cabeça para fora.

— Olá, Holland — ela falou.

— Oi, sra. Goddard. — Me endireitei no banco, libertando as pernas da Ceci.

— Ceci, você conhece as regras — ela disse.

— Mãe — Ceci gemeu de desgosto. — Pelo amor de Deus, a gente só tá conversando. Estamos completamente vestidas e você pode ver onde estão nossas mãos. Mostra pra ela, Holland. — Ceci ergueu as mãos para a inspeção. Eu meio que envolvi meu corpo com as minhas.

A mãe da Ceci a fuzilou com o olhar, antes de voltar para dentro.

— Você é má — falei.

— Bem — Ceci fez uma carranca —, ela me envergonha.

— Deixa eu adivinhar. Festa do pijama é um tabu na casa dos Goddards?

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto da Ceci.

— Ah. — A cabeça dela caiu para trás. — Aqueles foram grandes dias.

Fiz cócegas até que ela se rendesse.

Conversamos e brincamos até ficarmos malucas. Eu não sentia essa vertigem desde os meus Natais quando era criança. Ceci era uma alegria de viver. Tão engraçada. Um espetáculo. Era difícil deixá-la, mas eu tinha que fazer isso. Mamãe poderia ligar para o Seth, o que geraria um confronto com o qual eu ainda não estava preparada para lidar. Isso tudo era tão novo, tão inebriante.

— Ligo pra você à noite — Ceci falou, com a ponta dos dedos enganchada na janela do jipe enquanto eu a abaixava. Investiguei cada anel daquelas duas mãos. Nos despedimos com um beijo e eu não conseguia parar, não queria, até que finalmente, *finalmente* gritei:

— Ok, chega!

Nunca seria o bastante. Fechei a janela. Dei a partida no carro enquanto nossas mãos se uniam através do vidro.

Dei a partida para uma vida nova.

CAPÍTULO 17

Aproximei-me de fininho atrás da Ceci na fila do almoço e cobri os olhos dela com as mãos.

— Faz tempo que não te vejo — murmurei junto do cabelo dela. Ela girou nos calcanhares. Os outros na fila se viraram para nos olhar. Os olhos da Brandi se arregalaram.

— Procurei por você a manhã inteira — eu disse a Ceci. — Senti sua falta no corredor dos armários.

— Hã, com licença. — Ceci sorriu para os amigos e veio para o meu lado, tomando cuidado para não me tocar. Por quê? Por cima do ombro, ela acrescentou: — Preciso tirar uma dúvida de Matemática com a Holland. Divirtam-se. — E virou o punho diante deles. — Sei que vai ser difícil.

Levando-me para fora da cafeteria e debandando pelo corredor, até o canto ao lado do bebedouro, ela sussurrou com urgência:

— O que você está *fazendo*?

— Hã, fingindo que amo você? — Estiquei a mão para afastar uma mecha de cabelo da boca dela.

Ela se afastou. O olhar dela vasculhou os arredores.

Meu estômago se retraiu. Que olhar era esse? Nojo? Horror?

Meu Deus, tinha terminado? O fim de semana tinha sido só uma miragem? Uma brincadeira?

Ela deve ter visto minha palidez, porque falou:

— Ah, Holland, não. Não é isso. — Ela apertou rapidamente minha mão. — A gente só... — Os olhos dela espreitaram o lugar de novo. — A gente precisa pegar leve aqui. Na escola. Entende o que quero dizer?

— Não. Não entendo o que quer dizer. Achei que você fosse assumida e com orgulho.

— Eu sou. Mas você, não.

— Eu quero ser. Quero gritar do alto da montanha: eu amo a Ceci Goddard!

— Droga. — Ela tapou minha boca com a mão. — Vamos conversar sobre isso depois, tudo bem? Por enquanto, pega leve.

A mágoa deve ter transparecido no meu rosto.

— Holland, eu amo você — ela disse suavemente, acariciando meu rosto. — Só não quero que isso te machuque.

Machucar? Como poderia o amor machucar?

Ela beliscou minha bochecha e se afastou, deixando-me ali, em suspenso. Saudosa, no vácuo.



Ela se sentou com a Brandi na aula de artes, nem sequer tentou me passar um bilhete ou olhar para trás. Brandi olhou por cima do ombro uma vez, meio que me estudando, mas Ceci disse algo no ouvido dela que fez as duas rirem.

Fez com que me sentisse o alvo da piada.

Não entendi. Será que esse era um mundo novo com regras sociais completamente diferentes? Se sim, esperava que ela me desse umas dicas.

Elas saíram da aula juntas, Ceci e Brandi. Como um cachorrinho abandonado, caminhei como uma sombra atrás delas. Se Brandi tocar no braço dela mais uma vez, fervilhei, ela vai beijar o chão. Na escada, elas se separaram, Brandi prosseguindo na ala das artes e Ceci subindo os degraus. A meio caminho, Ceci virou a cabeça para encontrar meus olhos e sorrir. Eu não sorri em resposta.

— Espero que esteja planejando fazer mais cursos de artes na universidade.

Dei um salto. Mackel havia se aproximado e estava agora ao meu lado.

— O quê? — Rebobinei a fita na minha cabeça. — Eu... não pensei nisso.

Não havia pensado em nada, a não ser nela.

— Você tem um dom — ele falou. — É raro e você não deve desperdiçá-lo.

As palavras se embolaram na minha semiconsciência. Um dom raro.

— Obrigada — falei automaticamente.

— Queria ter a sua visão. Ah, como eu queria ter a sua visão. — Ele suspirou e marchou pelas escadas.

Minha visão? Nesse momento, eu estava praticamente cega.



Ceci me ligou enquanto eu dirigia para o trabalho.

— Você consegue dar uma escapada depois? — Ela perguntou.

O som da voz dela me deixou exultante.

— Sim, claro — falei.

— Vou trabalhar até as onze, mas você pode me ligar na loja ou a gente podia se ver depois? Ir a algum lugar conversar?

— Depois — decidi. — Pego você no Hott 'N Tott.

— Do lado de fora, nos fundos — ela falou. — No beco.

— Tudo bem. — Será que ela estava envergonhada de ser vista comigo em público? Era isso? Aparentemente, “com orgulho” não necessariamente acompanhava “assumida”.

Cheguei em casa depois do trabalho para encontrar Neal na cozinha, dando tapinhas nas costas da Hannah enquanto ela chorava.

— Sua mãe saiu para pegar seus remédios. — Ele precisou gritar para ser ouvido. — Os dentes dela estão nascendo.

Deixei cair minha mochila e fui até ela.

— Aqui, deixe eu tentar. — Neal transferiu o bebê para os meus braços. — Já passou, maninha. — Balancei-a devagarinho. — Está tudo bem. — Enfiei um dedo na boca dela e massagei as gengivas. O choro se reduziu a alguns soluços. Não me pergunte como eu sabia fazer isso. Instinto maternal?

— Obrigado, obrigado, obrigado. — Neal juntou as mãos em agradecimento.

Carreguei Hannah para o porão, onde Faith estava plugada em seu *death rock*. Ela me viu e apagou uma haste fumegante de incenso.

E daí? O mundo inteiro podia estar em chamas desde que Ceci emergisse da fumaça. Acomodei Hannah na minha cama, depois troquei de roupa e resgatei o pacote de bolinho recheado que a sra. Ruiz havia colocado no meu bolso no Chalé das Crianças. Descarreguei meus livros na cama para começar os estudos. No momento em que eu estava terminando o último problema de integrais definidas, Mamãe apareceu. Ela entrou nas pontas dos pés levando um dedo aos lábios.

— Hã? Oh. — Eu não percebi que Hannah havia dormido na dobra do meu braço. Ela encaixava-se tão naturalmente ali.

— Seth apareceu aqui mais cedo — Mamãe sussurrou, levantando Hannah.

Abaixei meu livro de cálculo.

— O que ele queria?

— Ver você, eu imagino.

Hã. Eu não tinha visto Seth o dia todo. Ele obviamente estava me evitando do mesmo modo que eu a ele.

— Faith, você poderia, por favor, não acender velas aqui dentro? — Ouvi Mamãe dizer. — Foi difícil arrancar a cera de cima da sua cômoda hoje de manhã.

Faith soprou a vela, audivelmente. Enquanto Mamãe saía, Faith disse:

— Enquanto você estava aqui, chegou a ver minha cobra? Eu não consigo encontrá-la.

— Sua o quê?!

Ah, Mamãe. Balancei a cabeça. Ela deve ter percebido, ou então desejado, que Faith estivesse de brincadeira, porque suspirou e saiu pisando firme escada acima.

— Ponto — falei por cima da divisória.

Visualizei a careta de desdém de Faith. Então ela disse:

— Você viu minha cobra? Ela é bebê, tem só uns sessenta centímetros. Verde.

Ela *estava* brincando, não estava?

— Sim, eu vi ela serpentear debaixo das suas cobertas e deixar um presentinho — falei.

Faith bufou.

Arrastei-me para baixo das minhas cobertas. Tudo o que queria era fechar os olhos e recapitular a noite de sábado. O beijo.

Meu telefone me assustou.

— Oi — Ceci falou. — Você vem?

Ah, meu Deus. Eu havia dormido. Pisquei e olhei para o meu relógio. Já eram onze e vinte.

— Logo estarei aí. Desculpa. Vai demorar uma meia hora.

— Eu espero — ela falou. — Mas se apresse.



Ela estava encolhida na porta da loja, a lâmpada halógena projetando raios irregulares sobre o rosto dela.

— Desculpa — nós duas dissemos juntas enquanto ela entrava no jipe e trancava a porta. Isso nos fez rir um riso nervoso.

— Do que você está se desculpendo? — Ela perguntou.

— Porque atrasei. Eu não esqueci. Eu dormi.

Ela se inclinou por cima do banco e me beijou. Eu a beijei também. Não queria soltá-la.

— Tem um café vinte e quatro horas no final da rua — Ceci falou. — Podemos conversar lá. Eu a soltei, relutante.

— E por que você se desculpou? — Perguntei, engrenando a marcha a ré e fazendo o caminho reverso no beco.

— Por hoje — ela respondeu. — Não consigo acreditar que tratei você daquele jeito. — Ela alcançou minha mão no meu colo e a segurou. — Me perdoa?

— Claro. — Como não perdoaria?

— Isso vai ser difícil na escola. Vire à esquerda, aqui.

Segui as coordenadas dela até o café, o Blue Onion. Ao chegarmos, desliguei o motor e ficamos ali, no estacionamento. Me detive segurando a mão dela sobre minha perna, sentindo o calor dela irradiar através de mim. Ela levantou minha mão e beijou os nós dos dedos.

— Vem. Vamos conversar. — A porta dela rangeu, abrindo-se.

Apenas uma mesa estava ocupada. Três mulheres com uniformes hospitalares, que pareciam ter acabado de chegar do trabalho, estavam tomando o café da manhã. Ceci perguntou à garçonete se poderíamos ocupar uma cabine nos fundos, e nos sentamos de frente uma para a outra. Ela colocou os cotovelos sobre a mesa e esticou as mãos. Entrelacei meus dedos nos dela. Adorava as mãos dela. Tão fortes e macias. Adorava todos aqueles anéis.

— O que vocês vão querer, garotas? — A garçonete perguntou.

— Café preto — Ceci respondeu, sem desviar os olhos dos meus. — Acho melhor fazer o descafeinado.

— E o meu vai ser chocolate quente. — Sorri para a garçonete.

— Já trago.

Ela saiu e Ceci falou:

— Amo você.

— Mesmo? — Depois de hoje eu não tinha tanta certeza.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não, eu só levanto todo dia na porra da madrugada pra fingir que estamos tomando café da manhã juntas em frente aos nossos armários. Eu nem sequer tenho aula às sete, desisti no primeiro dia.

— O quê!

— Depois eu tenho que arrastar minha bunda por três lances de escada pra passar por você no corredor entre o terceiro e o quarto períodos. E eu fico parada na frente do banheiro do estúdio de arte pra ver você passar no corredor. Chego atrasada à aula de matemática todo dia. Eu amo o jeito como você se move, aliás. — Ela me olhou de cima a baixo. Depois os olhos dela ficaram mais sombrios e ela acrescentou: — Tentei subornar aquele idiota do Winslow pra mudar de lugar comigo, mas ele é muito a fim de você.

— Você subornou o Winslow? — Deixei escapar uma risada. — Com quanto?

Ela bufou.

— Vinte paus. Eu disse que, se não fosse o bastante, eu fazia sexo com ele. Mas mesmo assim ele não quis sair do lugar.

Caí na gargalhada. Ela soltou nossas mãos para contar nos dedos:

— Vejamos. Eu vou até o Chalé das Crianças depois da aula pra ver se você ainda está lá, se consigo ver você na janela. Passo diante da sua casa quando vou pra escola. Às vezes, da biblioteca, eu vejo você e os outros saírem para o almoço. Umas duas vezes eu até segui você pra descobrir o que você gosta de comer. Só pra saber, se alguma vez, *se alguma vez*, eu fosse sair com você... — Ela parou e desviou o olhar para longe. — Mas era duro demais ver você com ele.

— Tudo bem, para. — Eu tinha um nó na garganta do tamanho de um abacaxi.

Por sorte a garçonete trouxe nossas bebidas, então tive alguns instantes para me recompor. Meu Deus, ela se sentia do mesmo jeito que eu. Total e descaradamente apaixonada. Levantamos nossos copos em sincronia e estudamos uma à outra. Ceci abaixou o copo dela primeiro.

— Não podemos ficar juntas na escola, Holland. Nem em qualquer lugar onde as pessoas nos conheçam. Conheçam você.

Soprei a xícara de chocolate quente e franzi a testa.

— Por quê?

— Porque não quero que você passe por toda aquela merda.

— Mas...

Ela levantou a mão.

— Você não sabe como é. O que aconteceu nos armários foi um incidente menor. Tudo bem, se qualifica como um crime de ódio, mas não custou nada. Não como os pneus furados.

Meu queixo caiu.

— Alguém furou seus pneus? Quem? Foi isso que aconteceu no estacionamento da escola?

— Na escola. No shopping. Em vários lugares. Esse tipo de coisa dá pra consertar. São as outras coisas, quando cochicham às suas costas, riem na sua cara, como se você não tivesse sentimentos. Quer saber quantas vezes sou chamada de “sapatão” todo dia? Vixe, eu não sei.

— Ela inclinou a cabeça. — Perdi a conta. Mas os piores são os que te dão *aquele olhar*, sabe... — E balançou a cabeça. — Existe ódio demais nas pessoas. Isso me assusta, ok? Tenho muito medo de agressão física. Aquele dia na máquina de refresco? Meu Deus, aquilo me traumatizou. Isso não significa que eu vou deixar o medo me controlar, ou que eu vá ter medo de ser quem eu sou. Tenho orgulho de ser gay. Mas levei muito tempo pra conseguir chegar até aqui. E eu tenho que enfrentar um monte de merda. E não consigo suportar a ideia de que você vai passar por isso, por qualquer uma dessas coisas. — A voz dela sumiu de repente.

Estiquei a mão e acariciei um anel no dedo indicador. Prata, gravado com um padrão em ziguezague.

— Eu aguento, Ceci.

— Bem, *eu* não — ela retrucou. — Olha. — Virou as mãos e segurou as minhas entre as suas. — Você tem só mais dois meses antes de se formar, certo? Depois vai pra longe de todo mundo que você conhece. Não que a sociedade seja muito melhor, mas é mais fácil ignorar as pessoas quando elas são estranhas. Além disso... — Ela correu os polegares pelos meus. — Não acho que você entenda todas as consequências da sua decisão.

— Não foi uma decisão. Eu sou assim.

— Que seja. Você ainda não aceitou o que significa ser lésbica.

Lésbica? Era isso o que eu era? Ainda não havia pensado sobre uma nova identidade. Um rótulo. Tudo o que eu sabia era: eu a amava.

Ela sondou meu rosto, meus olhos.

— Tem muita coisa que você precisa processar, Holland. Confie em mim. A verdade vai desabar sobre você.

Desabar sobre mim. Imaginei me tornar o alvo de todos aqueles psicopatas, senti a verdade do conhecimento e da experiência dela se infiltrar em mim. Ceci e eu ficamos respirando fundo e expirando. Ela recolheu as mãos e, com o dedo indicador, circulou a borda do copo.

— Detesto dizer isso, mas, se você se assumir agora, em público, imagine o que vai acontecer com o Seth.

Seth. Como eu podia ser tão insensível? As pessoas seriam cruéis. A família dele, os amigos. Coop.

— Você tem razão. — Meneei a cabeça. — Está certa. — Recostei-me no banco e cruzei os braços. Ele não merecia isso. Meu amor por ela não tinha nada a ver com ele.

— Promete que não vai contar pra ninguém? — Ceci falou. — Não agora, pelo menos?

Olhei nos olhos dela... seus olhos preocupados, em pânico. Entendi completamente o ímpeto dela em me proteger. Eu nunca, jamais queria vê-la magoada novamente.

— Prometo.

— Bom. — Ela suspirou aliviada. Levantando a xícara, fez menção de beber e sorriu para mim. — Até lá — falou —, enquanto o momento não chega, você é meu segredo.

CAPÍTULO 18

Tentamos descobrir, entre nossos cronogramas apertados, quando conseguiríamos estar juntas. Ceci ajudava a mãe a organizar festas nos fins de semana e, ocasionalmente, fazia apresentações de arte performática. Southglenn High não ia para a competição estadual de natação — grande surpresa —, então essa obrigação cairia fora do meu cronograma muito em breve. Durante a semana, o único momento em que Ceci estava livre era depois do trabalho, às onze da noite. Sugeri que nos encontrássemos antes de ir para a escola também.

— A piscina abre às seis e fica vazia até as seis e quarenta e cinco ou sete horas — contei a ela. — Existe esse programa de exercícios para os professores três vezes por semana, mas eles não costumam começar antes das sete.

Ceci gemeu.

— Ei. — Abaixei a aba do boné dela. — Todos nós temos que fazer sacrifícios.

Era difícil me manter longe dela na escola. Ela ainda devia estar me procurando entre as aulas, porque nos cruzávamos nos corredores três ou quatro vezes por dia. Sempre que isso acontecia, ela fazia contato visual e, sem mudar de expressão, apertava um punho fechado sobre o coração. E, todas as vezes, eu sentia um fluxo de eletricidade me atravessar.

Pelas duas semanas seguintes, fui encontrá-la todas as noites. Nossos encontros clandestinos eram no Blue Onion. Depois, Ceci me telefonava para me desejar boa noite e dormíamos com o telefone grudado na orelha. Era excitante, como ter um amante secreto. Ela era excitante. Minha vida aumentou em intensidade.

Uma noite, passei em casa depois do trabalho e Mamãe estava diante do fogão grelhando hambúrgueres.

— Ah, que delícia. — Abracei-a pela cintura. — Estou com tanta fome.

— Chegou uma coisa pra você hoje — ela falou.

— O quê? — Descansei minha cabeça na dela.

— Está na sala.

Fui adiante e fiz cócegas na barriga da Hannah, que estava no colo do Neal.

— Ah, meu Deus. — Meus pés estacaram. — Isso é pra mim?

Mamãe ficou atrás de mim, limpando as mãos em uma toalha de prato.

— Seu nome está no cartão.

Nunca havia visto tantas rosas juntas. Devia haver duas dúzias delas, em um lindo vaso de

cristal. Rosas amarelas, minhas favoritas. Meu estômago apertou. Não podia ser o Seth. Ah, não. Ele não faria isso. Na última ocasião em que nossos caminhos se cruzaram, ele nem deu sinal de ter notado minha existência.

Do vaso em cima da tevê, retirei o cartão do envelope da floricultura e li:

Para minha namorada. Para sempre. Amo você. C.

— Deixe-me ver. — Mamãe estendeu a mão.

Abracei o cartão junto ao peito.

— É pessoal.

Mamãe sorriu.

— As coisas parecem estar esquentando entre vocês dois. Tenho notado como você está feliz ultimamente. Devo começar a pesquisar os preços de vestido de noiva?

E Neal soltou um:

— Uh-oh.

Meu rosto queimou. Uma pontada de tristeza fisgou meu coração. Nunca haveria um vestido de noiva. Nunca haveria um casamento.

Enquanto eu levantava o vaso, Mamãe lamuriou:

— Ah, você não poderia deixar ele aqui pra todo mundo ver?

— Talvez, mais tarde. — Sorri para ela e para o Neal. — Antes, eu queria ficar sozinha um pouco com elas.

Mamãe apertou meu braço quando passei por ela.

— Holland, eu tenho uma preocupação. — Ela me segurou. — Esse negócio de você ficar todas as noites fora de casa até tarde... Você ainda está na escola, sabe.

Droga. Ela reparou.

— Estou acompanhando bem as matérias — menti. Pela primeira vez na vida, eu havia sido reprovada em um exame. E tinha um relatório de dez páginas de história que precisava entregar amanhã e não havia nem começado. Agora, a escola parecia tão insignificante. Assim como todo o resto. — Não estou passando *todo* o meu tempo com ela. Às vezes, eu só vou até a Starbucks pra me afastar um pouco de... — Não terminei, uma vez que Neal estava ouvindo.

Mamãe me lançou um olhar severo. Mas ela me soltou e eu voei.

Faith saltou da cama quando me viu passar com as flores. Parecia que agora ela ficava o tempo todo aqui. Minha noção de tempo e espaço estava completamente distorcida, é claro. Eu existia em outro plano, outra dimensão.

— Uau — Faith disse às minhas costas. — Ela deve amar muito você.

Meu coração parou. Pousei o vaso na minha cômoda e girei devagar nos calcanhares.

— O que você disse?

Faith deu um sorrisinho.

— Sabe, eu não sou idiota. Essa divisória não é à prova de som.

Cada músculo no meu corpo ficou tenso. Ela tinha escutado nossas conversas. Faith abriu um sorriso perverso e se retirou para o seu lado da cripta. Um pressentimento caiu sobre mim, como uma mortalha.



Sexta-feira, depois das aulas, eu bati a porta do armário e gemi. Seth estava ali, de braços cruzados.

— Oi — falei, dando um passo para trás.

Ele irradiava raiva. Eu o tinha visto mais cedo, na reunião do Conselho Estudantil, onde agora ele sentava o mais longe possível de mim. Depois da reunião, Kirsten me parou para perguntar o que havia acontecido entre nós dois. Contei a ela:

— Nós terminamos.

— O quê? — Pensei que os olhos dela fossem saltar para fora das órbitas e rolar pelo corredor. — Ah, meu Deus, Holland. Quando?

— Umas duas semanas atrás.

Kirsten franziu a testa.

— Você contou pra Leah?

— Não. — Leah tinha me ligado, quando? Semana passada? Mas não liguei de volta. Eu andava um pouco distraída.

— Que diabo aconteceu? — Kirsten perguntou. — Ele...?

— É. — Não a deixei terminar. — Sabe, eu não quero mesmo falar sobre isso. — Disparei, deixando-a para trás com o queixo caído. Deixe-a pensar que foi ele quem terminou. Salvaria a dignidade dele, pelo menos.

— Quero minhas coisas fora do seu jipe — Seth rosnou, içando-me de volta para o presente.

— Ok. Sinto muito. Eu esqueci que elas estavam lá.

Ele girou e se encaminhou para a saída. Ceci tinha acabado de chegar ao seu armário e ouviu, ou sentiu, a terra tremer. Compartilhamos uma careta.

Trotei atrás do Seth. Quando ele chegou ao jipe, ficou rígido, mirando além do estacionamento vazio. Abri a porta do motorista e agarrei o saco de dormir dele, o fogão de camping, um taco de hóquei e o puck. Passei todas as coisas para ele. Sem dizer uma palavra, ele virou-se para ir embora. Deu apenas dois passos antes de se voltar para mim, perguntando:

— O que nós tivemos, Holland? Me diga. Você estava fingindo?

Ah, Deus. Eu não queria esse confronto. Nem agora, nem nunca. O que eu poderia dizer a ele? Nosso relacionamento foi uma mentira, Seth. Eu estava mentindo para mim mesma. Mas não estava fingindo com você. Não totalmente.

O que ele estava perguntando... sobre fingir. Ele sabia da verdade? Suspeitava? Meu coração martelou. Abri a boca para dizer... dizer o quê? Não havia nada que eu pudesse dizer.

Antes de me abandonar ali, ele me fulminou com um olhar, que fez meu sangue gelar.

Senti que ela estava atrás de mim.

— Acho que ele sabe — falei.

— E como ele poderia saber?

Balancei a cabeça.

— Eu não... — A resposta se apresentou sozinha. — Faith.

— Eu não me preocuparia com a Faith — Ceci disse. — Ela não contaria.

Apenas olhei para Ceci. Ela não conhecia Faith tão bem quanto eu.



Ceci e eu passamos o sábado juntas. Um dia gloriosamente inteiro. Fomos à Casa das Panquecas para o café da manhã, depois dirigimos até as montanhas e estacionamos. Uma trilha aberta conduzia à Floresta Nacional Arapaho, então seguimos por ela, de mãos dadas e conversando, compartilhando nossos pensamentos mais íntimos, nossos sonhos. Compartilhando-nos. Mal notamos quando a neve começou a cair.

Quando voltamos ao jipe, liguei o aquecedor e começamos a nos beijar. Terminou do modo como sempre terminava.

— Ceci — sussurrei rouca no ouvido dela, enquanto nos encolhíamos debaixo de um lençol na traseira do jipe, abraçadas uma à outra e morrendo de frio. — Detesto isso. Precisamos achar um lugar.

— Eu sei — ela disse, ainda respirando pesado. — Ando trabalhando nisso.

— Trabalhe mais rápido — falei.

Na segunda-feira, um coração de papel cor-de-rosa e um bombom Hershey's Kiss estavam presos com durex na prateleira do meu armário. Ela andava deixando bombons para eu encontrar desde o Dia dos Namorados. No bolso do meu casaco. Na mochila de natação. Impreso na frente do coração, com uma flecha, estava escrito: *Por cima*. Eu o abri. *Esta noite, meu amor* — ela escreveu —, *me encontre depois do trabalho. TEMOS UM LUGAR.*

Meu estômago deu um salto triplo. De jeito nenhum eu ia esperar até o fim do dia.

Leah e Kirsten me pararam do lado de fora do centro de mídia, logo antes do almoço. Eu andava me ocultando por ali na esperança de ficar fora do caminho do Seth. Ficar fora do caminho de todos.

— Estamos sequestrando você — Kirsten falou, apertando um dos meus braços. Leah agarrou o outro.

— Aonde estamos indo? — Olhei da Kirsten para Leah, e elas me carregaram para o corredor.

— A Ilha da Bulimia — Kirsten falou. — Também conhecida como minha casa. Estamos tirando o resto do dia livre para fazer cookies de chocolate. Depois vamos comer toda aquela massa e enfiar o dedo na garganta.

— Não, não vamos. — Leah estalou a língua. — Vamos nos dar máscaras faciais e unhas postiças. Talvez fazer luzes nos cabelos. Vamos fazer maquiagem completa umas nas outras.

Meus pés se enterraram no carpete ao final do corredor e nós paramos.

— Não posso. Tenho prova de economia hoje.

As duas gemeram.

— Desculpem — falei, pegando meus braços de volta.

— Então, de noite — Kirsten disse. — Sei que você jamais daria o cano no trabalho, senhorita Chata e Responsável, mas a gente pega você lá depois.

— Não. — Balancei a cabeça. — Tenho muita coisa a fazer. — Havia um desenho que eu precisava terminar essa noite. Tinha que ser feito essa noite sem falta.

— Viu? — Kirsten virou para a Leah, com as mãos na cintura. — Eu disse que ela nos abandonou como amigas.

— Não — protestei. Por que elas pensariam isso? Porque estive totalmente incomunicável por semanas? Dã.

— Kirs me contou sobre o Seth — Leah falou. — Você nem sequer me ligou.

Ela soou magoada. Meu coração afundou. Eu deveria ter contado a ela. Inventado uma história qualquer. Mas odeio mentir. Provavelmente, esse é o motivo para que eu seja tão ruim nisso. E meu plano de aperfeiçoamento pessoal não incluía me tornar uma boa mentirosa.

— Por que ele terminou com você? — Ela perguntou. — O que aconteceu, Holland?

O que eu podia contar a ela? Que me tornei lésbica? Que sempre fui, só não reconhecia? Tudo o que eu podia dizer era... nada.

— Ela não quer conversar com a gente. — Kirsten abaixou os braços. — Falei pra você. Ela não precisa de nós como amigas.

— Isso não é verdade. — Eu precisava delas. Apenas não agora.

Leah pegou minha mão.

— Sinto muito, Holl. Sei como isso dói.

Kirsten deu um tapa nos dedos dela.

— Tenho uma ideia. Vamos formar um clube. O Clube Estou-Desistindo-dos-Homens-Pra-Sempre.

Eu ri. Isso era mais engraçado do que elas imaginavam.

— Gostei — Leah comentou. — Me inscreva.

— Está dentro? — Kirsten apontou o queixo para mim, depois enfiou a mão na bolsa e pegou uma caneta e um bloco de notas.

— Estou dentro. — Sorri. Queria poder contar para elas. Queria demais poder conversar sobre isso. Sobre Ceci. Sobre nós.

Leah disse:

— Precisamos nos reunir, nós três. Sério. Estou começando a ter síndrome de abstinência de amizade. Vamos combinar de dormir na casa de alguém no sábado.

— Por mim, pode ser — Kirsten falou.

O sinal tocou e portas começaram a se abrir por todo o corredor. Pessoas se derramaram para fora das salas de aula.

— Que tal às sete em ponto? — Leah nos encostou na parede. — Você pode me pegar no caminho, Holland?

— Não posso. Não posso ir. Acho que vou estar ocupada.

As duas ficaram olhando para mim. O que eu disse?

— Quero dizer, eu vou estar. Vou estar ocupada.

Houve uma mudança de clima entre nós, uma queda de temperatura.

— Vamos, Leah. — Kirsten enfiou o caderno de volta na bolsa e agarrou a manga do suéter de Leah. — Nós estávamos certas da primeira vez.

Enquanto Kirsten a manobrava através da multidão, Leah olhou para trás, por cima do ombro, e encontrou meus olhos. Ligue pra mim, ela pediu sem falar, colocando um telefone invisível na orelha.

Eu fingi que não vi.



Ceci estava esperando, como sempre, na porta dos fundos do Hott 'N Tott.

Parei o carro e fiquei esperando, mas ela gesticulou para que eu entrasse. Não era o que fazíamos sempre. Estacionei no beco, perto do Neon dela, e tranquei o jipe. Depois, me lembrei da mochila de natação e a peguei na parte de trás.

Ela me abraçou debaixo da luz halógena. Depois, abriu a porta e me puxou para dentro.

— Temos até as quatro e meia — ela falou. — É quando a equipe da manhã chega para começar a cozinhar. Não sei por que não pensei nisso antes.

Ela tinha estado ocupada. Perto das prateleiras para o descanso da massa, Ceci havia preparado uma mesinha com uma porção de velas. Um CD player portátil estava ligado, despejando uma música instrumental sonhadora pelo ambiente. O lugar tinha aroma de canela, noz-moscada e baunilha. Assim como ela. Perto da mesa, Ceci havia juntado dois sacos de dormir e acrescentado um travesseiro.

Olhei para ela e sorri. Ela tomou minha mão e me conduziu para lá.

— Tenho um presente pra você — ela disse, ajoelhando entre os sacos de dormir.

— Outro? — Ajoelhei diante dela. — Você já me deu as flores. Agora é minha vez.

— Aqui. — Ela estendeu um objeto retangular. Meus olhos precisaram se ajustar à luz bruxuleante das velas.

— O que é isso? — Revirei o objeto. Não havia rótulo.

— É uma fita demo do Pus, já que você gosta tanto deles.

Eu ri.

— Adoro fazer você rir. — O lábio dela se contraiu. — Aqui está o presente verdadeiro. — Ela esticou a mão debaixo do travesseiro e retirou dali uma caixinha. Estava embrulhada em papel vermelho e trazia um laço prateado.

— Ceci...

— Abre! — Ela pediu.

Enquanto eu retirava o papel, ela acrescentou:

— Sei que você não usa joias, mas pensei... — Ela parou e mordeu o lábio. Abri a tampa da caixa para encontrar uma correntinha de ouro. Havia um amuleto pendurado nela.

— É uma tornoeleira — Ceci falou, tomando-a de mim. — Este é o símbolo de Vênus, duas mulheres unidas por toda a eternidade.

Eu o examinei de perto.

— É maravilhoso.

— Você não precisa usar.

— É claro que vou usar. Aqui, coloque pra mim.

Ela sinalizou para que eu lhe desse meu tornozelo, então sentei e estendi as pernas. Ela tirou meus sapatos e as meias. Ao redor do tornozelo esquerdo, ela fechou a corrente. Eu nunca a retiraria. Nunca. Voltei a ficar de joelhos.

— Tenho um presente pra você também.

Os olhos dela se acenderam. Busquei minha bolsa, abri e puxei a folha.

— Tive que fazê-lo de memória, já que não tinha uma foto. Não está exatamente igual. —

Passei-o para ela.

O queixo dela caiu. Ela piscou e disse:

— Esta sou eu?

— Não, é só a garota estranha que fica aparecendo nos meus sonhos. — Arregalei os olhos para ela.

A expressão dela não mudou enquanto examinava o desenho.

— É assim que você me vê? Quero dizer, estou tão bonita.

Aproximei-me e segurei o rosto dela gentilmente entre as mãos.

— Sim, você é.

Os braços dela me envolveram, a mão segurando o desenho atrás das minhas costas.

— Ah, Holland, eu te amo tanto — ela falou.

— Amo você também — contei a ela. — De todo o coração.

CAPÍTULO 19

Ao olhar-me no espelho, poderia pensar que era a mesma Holland Jaeger de sempre. Contudo, eu não era mais a mesma. Havia descoberto essa parte de mim, no centro do meu ser, que me fazia sentir genuína e viva. Mais consciente do meu lugar em relação aos outros. Em relação à Ceci, claro, mas também ao restante do mundo. Consciente do que o mundo pensava de mim e do que poderia fazer comigo.

Ceci tinha razão... De repente, desabou sobre mim a percepção da minha vulnerabilidade. Porque importava o que as pessoas pensavam.

Da minha cabine de estudo, nos fundos do centro de mídia, vi um carro abarrotado de gente fazendo a curva e acelerando. Provavelmente, indo para o McDonald's ou o Taco Bell. Fechei os olhos e suspirei. Meu isolamento autoimposto estava começando a me desgastar.

Sentia falta dos amigos, da Leah, da Kirsten e até do Seth. Sentia saudades do bate-papo, das risadas. Sentia falta de sair para almoçar, para patinar ou ir a qualquer lugar em grupo. Não é que Ceci não preenchesse minhas necessidades. Ela preenchia. Eu só queria que mais pessoas participassem da minha vida.

— Você está guardando este lugar para alguém?

Minha cabeça girou.

— Leah, oi. — Eu me animei. — Não. Senta. — Virei-me e gesticulei para que ela viesse se sentar na cadeira ao meu lado.

Ela se acomodou.

— O que está acontecendo com você? — Ela perguntou.

O sangue subiu ao meu rosto.

— O que quer dizer? — Abaixei a cabeça, fingindo uma tentativa de achar a página onde havia parado em *Os Contos da Cantuária*.

— Liguei pra você quatro vezes esta semana e você nunca me ligou de volta. O que eu fiz? Você está brava comigo?

— Não, não estou.

O olhar dela me prendeu. Havia mágoa em seus olhos.

— Leah, você não fez nada. Não estou brava com você. Juro. — Cruzei os dedos sobre o coração duas vezes, como costumávamos fazer quando crianças.

Leah me estudou por um bom tempo.

— A gente nunca mais viu você. *Eu* nunca vejo você. É como se você tivesse deixado o planeta. Parou de almoçar conosco, nunca vem à minha casa, nem me liga.

— Só estou com coisas demais a fazer — contei a ela. — Coisas demais. — Para provar, comecei a descarregar a mochila sobre a mesa da cabine. — Estou tão soterrada neste semestre que vou ficar louca.

Leah examinou meu rosto. Eu não conseguia nem encará-la. Em uma voz mais baixa, ela perguntou:

— Você quer conversar sobre isso, Holland? Porque, você sabe, eu sou sua amiga, não importa o que aconteça. Você pode me contar qualquer coisa.

Uma pontada de medo se alojou na minha espinha. Ela não estava se referindo ao Seth. Ela sabia. Será que ele havia contado a ela? Ou era minha imaginação correndo solta? Por que me assustava tanto a possibilidade de Leah saber?

Mais do que tudo, eu queria contar a Leah que meu coração estava à beira de explodir com o amor que sentia pela Ceci. Mas eu não podia. Não iria.

— Não tenho nada pra contar. — Fingi um sorriso alegre e dei de ombros.

— Certo, tudo bem. — Leah se levantou para ir embora.

— Leah...

Ela enganchou a bolsa no ombro.

— Sinto muito — eu disse às costas dela, retirando os óculos e esfregando os olhos. — Não é você. Sou eu. Eu só... não posso.

Ela se virou.

— Nós somos melhores amigas, Holland. Você pode me contar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, que vou continuar amando você.

Lágrimas encheram os meus olhos. Não era isso. Eu me virei para a janela. Não é que eu não quisesse confiar nela.

— Holl?

Dominei o meu colapso iminente.

— Ligo pra você hoje à noite. Tudo bem? — Voltei-me para ela e sorri. — Prometo. Assim que eu chegar em casa.

Ela me lançou um olhar caloroso.

— Tudo bem. Eu vou estar lá, esperando.

Enquanto eu a observava atravessar as portas do centro de mídia, reconheci minha mentira. Não ligaria para a Leah. Não podia. Porque, se começássemos a conversar, eu não confiava que conseguiria manter a promessa que fiz a Ceci.



O clima estava excepcionalmente quente para a primeira semana de março.

Judy abriu o playground do Chalé das Crianças, e, quando cheguei, todas as crianças da Escavação dos Dinossauros se ajuntaram ao meu redor.

— Tia Holland, vem me ver escorregar — Courtney disse, pegando minha mão.

— Não — Kevin gritou, agarrando minha outra mão. — Ela vai brincar comigo na areia.

— Ei, sosseguem. Eu vou brincar com todo mundo. — Fiz um olhar vesgo para Judy e ela riu.

Depois de atender a todos, um por vez, me empoleirei à beira da caixa de areia da tartaruga, absorvendo o sol, me impregnando com o brilho da vida. Um grito lancinante vindo do balanço cortou meu devaneio. Por que as crianças pequenas têm que gritar tanto?, me perguntei, sorrindo comigo mesma. Porque elas amavam o som da própria voz. E eu adorava as vozes delas. Uma súbita onda de tristeza me agarrou. Talvez eu nunca tivesse filhos.

Essa dor me roeu por dentro. Crianças. E as crianças?

Havia algumas formas de tê-las, suponho. Não é? Adoção. Poderíamos adotar? Eu nem sabia. Inseminação artificial. Colocar no seu corpo o sêmen de um cara que você nem sequer conhece? Eca. Isso quase me fazia desejar ter engravidado do Seth. Ele teria sido um excelente pai.

Talvez eu pudesse pedir para o Seth...

Não. O que eu estava pensando? Eu o estaria usando. Assim que eu engravidasse, voltaria para Ceci. Eu iria querer que nós duas criássemos nossos filhos juntas.

E se eu nunca tivesse filhos?

— Tia Holland, você tá me apertando.

Voltei à vida, soltando Courtney. Nem sequer notei que eu a estava segurando. Relutante, eu a deixei ir.



Sendo noturna, nem sempre ela conseguia, mas uma manhã Ceci apareceu na piscina. Eu estava terminando uma volta de nado de costas quando percebi sua presença. Ela se sentou na borda, cotovelos nos joelhos, segurando um copo de café entre as mãos.

— O que eu não faço por amor? — Ela disse quando eu a alcancei.

Joguei água nela. Ela deixou o copo de lado e me afundou.

A perseguição continuou no vestiário, onde eu a agarrei e a preendi contra a parede. Coletei meu prêmio.

Catei uma toalha e a chicoteei com ela, antes de me dirigir ao chuveiro. Enquanto enxaguava meus cabelos, senti um arrepio percorrer minha pele. Abri os olhos.

Ceci estava lá, nua.

Prendi a respiração.

— O que está fazendo?

— Lavando seu cabelo. — Ela assumiu o controle.

Começamos a rir e ensaboar uma à outra e aí não estávamos mais rindo, quando escutei:

— Holland, é você?

Cobri a boca de Ceci com a mão.

— Hã, sim — respondi.

— É a Bonnie Lucas — ela falou, a voz ecoando da área da pia.

— Ah, oi, sra. Lucas. — Fiz uma careta para Ceci. Ela retirou um a um meus dedos colados no rosto dela.

— Sua mãe me contou que Vassar e Brown rejeitaram sua inscrição. Sinto muito por isso.
— Não tem problema — falei. Na verdade, foi um alívio, porque tirou minha mãe do meu pé por um tempo.
— São universidades difíceis de entrar. Em todo caso, a perda foi delas.
— Certo. Obrigada. — Vá embora, rezei. Por favor, vá embora.
— Sabe, você pode tentar fazer uma transferência ano que vem.
— É uma boa ideia. — Fechei os olhos. Com o sabonete, Ceci estava fazendo coisas em mim que tornavam impossível me concentrar em uma conversa.

A sra. Lucas falou:

— Gostaria que eu fosse te buscar para irmos ao jantar do governador, no sábado?
Isso era sábado? Decidi faltar, fingir uma doença terminal se Mamãe me perguntasse.
— Não — respondi. Minha falta de fôlego começava a me trair. — Encontro você lá. — Meus joelhos começaram a fraquejar.

— E em quais outras universidades você se inscreveu?

Deus. Segurei o pulso da Ceci.

— Não lembro. — A água de repente começou a fluir congelante. Fechei as torneiras, ainda alvoroçada, e me apoiei em Ceci. Sussurrei no ouvido dela: “Fique aqui”. Peguei a toalha e a enrolei em mim.

Saí da cabine do chuveiro.

Enquanto passava por trás da sra. Lucas, ela me olhou através do espelho. Borrando o batom, ela disse:

— Assim que decidir para onde vai, você me conta, não é?

— Com certeza. — Forcei um sorriso e marchei até os armários.

A sra. Lucas veio atrás de mim. Ela deixou cair o batom em sua bolsa, que jazia aberta sobre o banco.

— Passei na sua casa outro dia — ela falou. — A Hannah está ficando tão grande.

— Está mesmo. — Sorri de novo.

Não conversamos enquanto a sra. Lucas dobrava e guardava seu moletom na bolsa, e isso foi um grande erro. Eu deveria ter continuado o bate-papo. Ceci emergiu do chuveiro, metida em uma toalha. Ela derrapou sobre o piso, paralisada ao ver a sra. Lucas. O olhar amedrontado da Ceci foi de um lado para o outro enquanto ela tentava descobrir o que fazer. E o que poderia fazer? Ela correu e agarrou seu sutiã, os jeans e a camiseta do topo de nossa pilha compartilhada, balbuciando:

— Com licença.

Os olhos dela evitaram os meus e ela contornou os armários, indo para o outro lado do vestiário.

Mesmo sem os óculos, captei todo o impacto da reação da sra. Lucas. Ela não disse uma palavra, apenas fechou a bolsa e saiu. A voz da Ceci ecoou esganiçada acima dos armários:

— Ops!

Durante o resto do dia, fiquei preocupada com isso. Será que a sra. Lucas estava em seu escritório ligando para minha mãe? O que ela diria? O que Mamãe diria?

Eu deveria ter contado à Mamãe. Ela não deveria ter que saber por intermédio da Bonnie Lucas; não deveria saber por meio de mais ninguém, a não ser de mim.

Depois da aula, cruzei com Kirsten saindo do banheiro no mesmo momento em que eu entrava.

— Ei, Kirs — falei.

Os olhos dela varreram os arredores e depois pararam em mim.

— Ah! Você está falando comigo? — Levou a mão ao peito. — Achei que tinha ouvido meu nome. Mas parecia improvável que *você* fosse lembrar dele.

Bufei de leve.

— Desculpa por não ter ligado.

— Ouvi que você anda ocupada. Tendo uns momentos *alegres*, pelo que ouvi dizer.

Meu coração parou. Mesmo se eu pudesse encontrar minha voz, não saberia o que dizer. Meus olhos fugiram do rosto dela e resvalaram no chão. Não! Essa era uma admissão de culpa, e eu não era culpada por nada. Ergui a cabeça para falar, mas Kirsten foi mais rápida:

— Eu não acredito em você — ela disse. — Acho que agora sabemos por que estava tão entusiasmada com aquele clube.

Tive vontade de me enfiar em um buraco. Por quê? Eu não tinha feito nada de errado.

— Para com isso, Kirsten — consegui balbuciar. — Isso não é da sua conta.

Ela exagerou um sorriso.

— Bem, então eu vou ter que transformar isso em algo da minha conta. — Ela se virou e saiu.

O que isso significava? Foi uma ameaça? O que ela faria? Ela me assustou.

Fiquei no Chalé das Crianças o maior tempo possível, limpando prateleiras e empilhando cadeiras. O que esperava por mim em casa?, pensei. Imaginei a voz da Mamãe me saudando com um tom de precisamos-ter-uma-conversa-séria.

Porém, o que encontrei foi a casa vazia. Havia um bilhete preso à geladeira:

Estamos com os pais do Neal. Eles querem juntar todos os netos para um retrato de família. Netos. O que, obviamente, não incluía a mim. Ela havia desenhado um coração e, perto dele: *Mamãe*. Abaixo: *Obs: Deixei frango frito no forno.*

Nada muito sinistro.

Quando ela chegou, uma hora depois, parou para perguntar como tinha sido o meu dia.

— Bom — eu disse a ela.

Ela beijou minha testa e saiu.

Talvez, a sra. Lucas não tivesse interpretado o que viu do jeito que eu temia. Talvez, Kirsten estivesse só blefando. Fiquei preocupada com isso por uns dois dias e, como nada aconteceu, achei que tivesse sido absolvida.

Então, de repente, na escola, todo mundo sabia. Ninguém me confrontou nem disse nada. Mas, quando andei pelos corredores, senti como se as pessoas pudessem ver aquilo em mim — um rótulo, uma marca, um “L” no meu peito piscando em luz vermelha. Os olhos deles me espreitavam tempo demais, e eu podia vê-los me julgando. Me exilando. A pior parte era que eu nem sequer podia me defender. Queria gritar: “Parem! Parem de olhar pra mim! Eu sou a mesma pessoa. Vocês me conhecem, votaram em mim. Sou eu, Holland. Eu não mudei”.

Isto cheirava a Kirsten. Ela havia cumprido com a ameaça. Maldita. Por que fez isso

comigo? Se ao menos eu pudesse me assumir e ficar assumida. Eu amava Ceci. Não me envergonhava disso. Queria que todos na escola soubessem. Queria que o mundo inteiro soubesse. E queria que uma pessoa em particular soubesse: Mamãe.

Estava me matando ter que omitir a verdade dela. Todas as vezes que ela me perguntava sobre o Seth, uma sensação de traição roía minha consciência. Queria que ela soubesse a verdade. Era minha mãe. Eu devia isso a ela.

No entanto, a ideia de contar isso a Mamãe me apavorava mais do que qualquer outra coisa. Por quê? Sempre pudemos conversar. Comparada a muitas outras pessoas, tínhamos uma ótima relação. Eu só não sabia como abordar o assunto, principalmente depois que ela me mandou desistir da Ceci como amiga. Mamãe e eu nunca havíamos conversado sobre homossexualidade. Quero dizer, o assunto nunca apareceu.

Por enquanto, minha promessa à Ceci me protegia. Quando fosse o momento certo, eu contaria à Mamãe. Contaria ao mundo que eu a amava. Mamãe entenderia. Como ela mesma dizia: ela entendia o amor. Depois que passasse a conhecer Ceci, ela a amaria também.



As noites em claro estavam cobrando seu preço. Parecia que minha vida fluía em uma correnteza longa e contínua, e eu nem sequer queria remar para a terra firme. Uma pessoa só consegue viver tanto tempo assim sob o efeito de adrenalina, apesar de que eu não conseguia nem acompanhar a passagem dos dias. Em uma terça ou quarta-feira, enquanto ia para casa depois do trabalho, doida para dormir, mas sabendo que ainda precisava terminar umas leituras antes de sair para ver Ceci, encontrei Mamãe na cozinha colocando a cobertura em um bolo de chocolate.

Será que eu tinha esquecido de algum aniversário? Não era o meu, era? Não, eu não estava tão mal assim. Da Mamãe ou da Hannah? Não. Da Faith? Do Neal?

— Qual é a ocasião? — Mergulhei um dedo na tigela de cobertura.

Mamãe jogou a faca na tigela e girou para me encarar. Ela me empurrou para trás e quase me fez cair. Disse:

— Isso é verdade? Você está saindo com aquela garota?

Meu olhar tremulou na direção da Faith, que estacionou no portal entre a cozinha e a sala de jantar.

Eu podia mentir para Mamãe.

Não, não podia.

— Estou — falei.

Os olhos da Mamãe se incendiaram.

— Você está dormindo com ela?

Ah, Deus. Temos mesmo que fazer isso aqui? Agora?

— Bem, na verdade — dei um sorrisinho —, a gente não consegue dormir muito.

Senti um estouro quente na cabeça, antes de entender que Mamãe havia me dado um tapa. Lágrimas minaram dos meus olhos, mais por causa do choque do que da dor.

— Mãe, você não entende. — Aproximei-me dela. — Eu amo a Ceci.

Ela me bateu de novo, com mais força, e eu caí na sala de jantar, meu quadril foi se chocar contra o aparador. Neal estava dando comida para Hannah na mesa, onde Faith voltou para se sentar. Mamãe partiu para cima de mim, batendo nas minhas costas.

— Mãe! — Tentei afastá-la, mas não consegui. Ela estava enfurecida.

Neal saltou para nos separar. Ele agarrou Mamãe por trás e disse:

— Chega! Não precisamos de violência aqui.

Mamãe gritou comigo.

— Eu não criei você pra ser lésbica! — Ela disse isso de modo que soasse a palavra mais feia da língua. — É nojento. Perverso. *Você* é uma perversa. — Neal a segurou com uma força mortal.

— Não é assim. — Ergui as mãos na direção dela, tentando acalmá-la e me explicar. — É bonito. A gente se ama.

Ela se soltou do Neal e veio para cima de mim. Me bateu de novo. Começou a me estapear e me dar bofetadas no rosto, nos braços, qualquer lugar que estivesse no caminho de suas mãos. Neal se colocou entre nós, aparando os golpes dela. Ou tentando.

— Você me dá nojo! — Ela gritou.

Ouvi Hannah começar a chorar. Meus olhos encontraram os da Faith, do outro lado da mesa, onde ela havia congelado como uma estátua. Quase. Ela sorriu?

Mamãe disse ao Neal:

— Quero ela fora desta casa.

Neal disse para mim:

— É melhor você ir.

— Ir? Ir pra onde? — Perguntei.

— Para o inferno — Mamãe respondeu.

— Mãe...

— Vai! — Ela gritou. — Sai daqui, sai daqui. Sai. Daqui!

— Certo. Meu Deus. Posso pelo menos empacotar minhas coisas?

O rosto dela estava tão roxo que pensei que ela explodiria.

— Dois minutos. — E para o Neal ela disse: — Quero ela fora desta casa em dois minutos.

Ele arregalou os olhos para mim. Hannah berrou e soluçou.

— Ah, Hannie. — Parei para consolá-la.

Mamãe me arrancou dali e gritou:

— Não ponha as mãos no meu bebê! *Nunca mais* toque nela!

Meu estômago revirou enquanto eu descia as escadas. Deus, ah, Deus. O que eu ia fazer?

Empacotar. Empacotar o quê? Dois minutos? Abri a mochila de natação e comecei a enfiar coisas. Tudo o que estava na minha cômoda veio em uma única leva. O que mais? Roupas. As gavetas estavam lotadas, eu jamais conseguiria empacotar tudo. Meu guarda-roupas também. Sapatos. Não havia espaço para os sapatos.

— Você tem um minuto — Mamãe guinchou pela escada.

As rosas? Não, elas teriam que ficar. Estavam mortas, de qualquer forma. Ela que ficasse com elas e fizesse bom proveito. A Faith também. Ela podia comer minhas flores mortas.

Recolhi tudo o que conseguiria carregar, ouvi coisas caindo pelo chão enquanto eu marchava pelas escadas. Sentia-me humilhada, abandonada, devastada. Faith vinha descendo

as escadas e nós colidimos. Eu a empurrei para o lado, fervilhando.

— Espero que esteja feliz. É tudo seu agora.

Ela abriu a boca para falar, mas passei por ela com um esbarrão. Não conseguia acreditar que ela tinha feito isso comigo. Ela me odiava tanto assim?

Mamãe puxou a porta. Depois bateu-a atrás de mim.

Eu cambaleei até o jipe. Dirigi. Apenas dirigi. Estava trêmula e com frio e minhas mãos não paravam de escorregar do volante. Meu peito doía. Minhas bochechas queimavam. Meu quadril doía onde a ponta do aparador me acertou. O telefone no fundo da minha mochila tocou, acho. Tudo parecia retinir. Inclusive meus ouvidos, de tanto ouvi-la gritar. Eu não conseguia respirar. Não conseguia enxergar. Tudo virou um borrão. Tudo ficou preto.

CAPÍTULO 20

— **S**im, alô? — Ele disse, as palavras entrecortadas.

Engoli em seco.

— Desculpe tê-lo acordado. Posso falar com a Ceci? — Minha voz soou vazia, ausente.

— Quem é? — Ele perguntou.

— É a Holland. Desculpa, sr. Goddard. Eu preciso conversar com a Ceci.

Ele soava obviamente irritado.

— Só um minuto.

Minha testa descansou contra o volante.

— Alô? — A voz de Ceci soou pastosa. Ela limpou a garganta. — Quem é?

— Sou eu.

— Holl? — A voz dela avivou. — Faz horas que estou ligando pra você. Onde você está?

Minha garganta estava seca. Dolorida. Me recostei e falei:

— Estou sentada em frente à sua casa. Preciso de você.

Uma cortina na janela do andar superior se abriu.

— Já estou descendo — ela falou. — Não vá embora.

Eu ri, amarga.

Alguns segundos depois, Ceci saiu pela porta da frente, com a camisa de beisebol caindo na altura das pernas, um tênis de cano alto em um pé e o outro na mão dela. Ela correu pela calçada e cruzou a rua. A mão dela espalmou na minha janela fechada e ela espiou do lado de dentro, antes de dar a volta para o lado do passageiro.

— Holland? Querida. — Ela fechou a porta e se virou para mim. Continuei a fitar adiante. Cega. Entorpecida. — O que aconteceu? — Ela perguntou.

Olhei para ela.

— Minha mãe me pôs pra fora de casa.

— Não. — Ceci saltou sobre o banco e passou os braços ao meu redor. — Holland, não. — Ela me agarrou, mergulhou a cabeça no meu pescoço. — Ah, meu amor, não.

— Ah, meu amor, sim.

Ceci recuou.

— Você contou a ela? Sobre nós?

— Não. — Minha voz soou áspera, como eu me sentia por dentro. — Não precisei.

Ceci franziu a testa.

— Alguém expôs você? Quem?

— Chuta. Você tem uma chance.

— Não sei.

— Amiga sua e minha.

Ceci estava confusa.

— Faith — falei.

Ela balançou a cabeça.

— Não acredito nisso. Tem certeza?

Assenti. Eu tinha certeza.

— Você está tremendo. Está congelando aqui dentro. Onde está seu casaco?

Devo ter rido de novo.

— Acho que esqueci nos dois minutos que tive pra empacotar as coisas. — Lágrimas queimaram meus olhos. — O que vou fazer, Ceci?

Ela me abraçou de novo.

— Fique aqui comigo, claro.

— Não posso.

— Pode, sim. Vem. — Ela saiu do lado do passageiro e correu para abrir minha porta. Me arrastou pela rua e para dentro de casa.

Os pais da Ceci estavam ambos acordados agora. O sr. Goddard estava parado ao lado da escada, enquanto Kate perambulava pela cozinha, amarrando o cinto do robe.

— A mãe da Holland a colocou pra fora de casa — Ceci informou a eles.

— Oh, querida. — Kate correu e me abraçou. Não pensei que houvesse restado lágrimas, mas uma inundação delas escorreu pelas comportas.

— Ela pode ficar aqui, não é? — Ceci disse. Havia desafio na voz dela.

Quando nenhum dos pais dela consentiu de imediato, eu disse:

— Tudo bem. Eu vou para um hotel.

— Ela pode dormir no sofá-cama — o pai da Ceci falou. Eu o vi lançar um olhar a Kate. — Vamos conversar sobre isso amanhã de manhã. Agora vamos voltar pra cama e dormir.

Meus olhos se perderam na cornija da lareira, onde um relógio anunciava duas e trinta e cinco.

Por quanto tempo fiquei dirigindo? Por quanto tempo permaneci parada em frente à casa de Ceci? Que dia é hoje?

Houve uma agitação pela sala e, de algum modo, o sofá se transformou em uma cama.

— Isso é idiotice, pai. — Ouvi Ceci dizer em meio à névoa no meu cérebro. — Por que ela não pode dormir no meu quarto?

— Ceci — ele advertiu.

Ela xingou em um murmúrio quase inaudível. Em seguida, eu já estava debaixo das cobertas. Eu tinha tirado a roupa? Depois Kate estava acariciando meus cabelos, ou era a Ceci? E meu telefone estava tocando.

Alguém colocou o celular nas minhas mãos?

— Alô? — Respondi baixinho.

— Oi, amor. Sou eu. Você está bem? Que pergunta idiota, é claro que não está. Quer

conversar sobre isso?

— Acho que não. — Rolei, dobrando os joelhos junto do peito. Tremendo de novo, mas não de frio.

— Queria que estivesse aqui na cama comigo. Queria poder abraçar você.

— Fala comigo, Ceci. Fala comigo até eu adormecer.

— Já contei sobre a vez que meu pai me pegou beijando uma menina da vizinhança atrás da garagem? — Ela riu baixinho. — Meu primeiro amor. Eu tinha seis anos.

Sorri e me agarrei ao telefone, à voz dela, até que todos os outros sons na minha cabeça se dissipassem, calassem, desaparecessem noite adentro.



O café da manhã na casa dos Goddards era uma balbúrdia. Todos se dirigiam para a cozinha ao mesmo tempo, agarrando uma tigela do seu cereal favorito sobre o balcão. Colheres tilintavam enquanto uma caixa de leite passava de mão em mão. Ceci me colocou na cadeira ao seu lado. Do outro lado da mesa, Greg falou:

— Ei — e moveu o queixo, com uma expressão solidária. Ceci devia ter contado tudo a ele.

Eric apontou com a colher, a boca cheia de Froot Loops, e perguntou:

— O que ela tá fazendo aqui?

Ceci respondeu:

— Ela mora aqui agora.

— Não, não moro. — Fitei Ceci. As lágrimas ameaçavam transbordar de novo, então me levantei apressada.

Enquanto eu começava a dobrar os lençóis do sofá-cama, ouvi o sr. Goddard dizer:

— Vamos, pessoal. Vamos nos mexer. — Senti que ele se aproximou de mim e se demorou ali. — Agente firme, garota. — Ele segurou meu ombro. — Não é o fim do mundo.

Era fácil para ele dizer isso, ele estava vivendo o sonho americano. O relógio na cornija tocou oito horas e eu voltei para a cozinha.

— Esqueci meu dinheiro. Alguém poderia me emprestar cinco dólares pra gasolina, pra que eu possa ir à escola? — Não consegui me segurar, irrompi em lágrimas.

Ceci me abraçou. Do balcão onde estava passando o café, Kate falou:

— Por que você não fica em casa hoje? Você não está bem pra ir à escola. Ceci, leve-a pro seu quarto pra que ela possa dormir.

— Mesmo? — Os olhos da Ceci se arregalaram.

— Sozinha — a mãe dela entoou. — Vocês duas parecem exaustas, mas você vai pra escola. — Ela pousou um olhar sério em Ceci.

— Mãe...

— Não!

Ceci pegou minha mão e me arrastou pela sala e escada acima.



Essa história de que as coisas são mais luminosas de manhã é um mito. Cada vez que eu cochilava e acordava, o pesadelo era mais sombrio. Mais desolador. Exausta demais para dormir, fiquei deitada na cama da Ceci, absorvendo os arredores. O quarto dela. Nunca havia estado aqui antes. Ela tinha uma coleção de bichos de pelúcia em uma rede acima da cama. Pilhas de CDs ao lado. Armário sem portas e apinhado de roupas. O espelho da penteadeira era coberto de adesivos: triângulos cor-de-rosa, corações de arco-íris e relâmpagos. Algumas fotos estavam presas debaixo da moldura e eu me arrastei para fora da cama para olhar.

Havia uma foto de família — Ceci, a irmã mais velha dela, imaginei, Greg e Eric postados diante de uma árvore de Natal. Uma da Ceci em um vestido curto vermelho, posando como modelo. As outras fotos eram de amigos, pensei, uma mistura de garotas e garotos. Dois daqueles rostos eu conhecia, mas não da Southglenn High. Onde eu os vira? Retirei uma das fotos e examinei mais de perto.

Era a foto de um grupo. Havia atrás deles uma bandeira de arco-íris, onde se lia “LGBT Queer e Questionando”. Só podia ser o clube LGBT da Washington Central. Havia uns seis ou sete rapazes, e o mesmo número de garotas. Ceci estava sentada no chão, à frente dos demais, abraçando os joelhos. O cabelo dela era mais comprido e mais escuro. Todos estavam sorrindo ou rindo, os braços enganchados nos ombros dos amigos. Ceci sorria também, mas não era um sorriso feliz. Ela parecia distante, desconectada dos outros. Isso me levou a indagar, de novo, por que ela tinha se transferido. Mas apenas por um momento. Graças a Deus que ela se transferiu.

Recoloquei a foto no mesmo lugar. Notei um folheto sobre a penteadeira anunciando uma performance da Unidade no último sábado à noite. No sábado passado? Franzi a testa. Ceci havia me dito que estava trabalhando no sábado. Por que ela mentiria? Nunca havia mentido para mim. A apresentação devia ter sido cancelada, ou remarcada.

O aroma de pão fresco envolveu meu nariz. Fome e instinto me dominaram. Calcei os tênis da Ceci e desci as escadas.

Kate estava na cozinha, verificando dois pães no forno. Outros dois estavam esfriando na prateleira. O cheiro era extraordinário.

— Oi, querida — ela disse quando hesitei na entrada da cozinha. — Por que não se senta enquanto eu ponho um prato de sopa pra você? Nada como um pouco de canja para aquecer o coração.

Minha garganta apertou. Isso me lembrava o livro que dei de presente para minha mãe no Natal: *Histórias para Aquecer o Coração das Mães*.

Kate arrumou um enorme prato de sopa de macarrão e serviu com pão caseiro coberto de manteiga. Ela também me cortou uma fatia de cheesecake. Depois, ocupou uma cadeira à minha frente, cruzou as mãos sobre a mesa e falou:

— Ela vai mudar de opinião. Só precisa de tempo.

Olhei para ela.

— Você não conhece minha mãe.

Kate inclinou a cabeça.

— Quer que eu ligue pra ela? Posso falar com ela.

Meus olhos desabaram.

— Não. — Deus, não. Não ajudaria nada ter minha mãe gritando com a Kate. — Eu vou

lidar com isso. Mas obrigada. — Engoli uma colher de sopa. Não tinha sabor de canja; não tinha sabor de nada.

Ótimo. Eu tinha perdido os sentidos.

— Está delicioso. — Forcei um sorriso.

Kate enrolou um fio solto na manga do suéter.

— Ela só exagerou. Pode ser um despertar difícil, sabe. — O timer do forno apitou e Kate afastou a cadeira. — Ela precisa se acostumar com a ideia. Só isso.

— Quanto tempo você demorou pra se acostumar? — Perguntei.

Ou ela não ouviu ou ignorou a pergunta. Observei enquanto ela retirava os pães do forno e os colocava sobre o fogão.

— Não tem sido fácil lidar com a Ceci — ela finalmente disse. — Não porque ela seja... gay. — Kate hesitou, como se doesse dizer a verdade. — Mas porque ela se expõe demais. Fico temendo por ela o tempo inteiro. Não quero que ela se machuque.

Ela se virou e olhou para mim, através de mim. Não sei o que ela esperava que eu dissesse.

— Assim como o incidente dos armários? — Resolvi dizer.

— Que incidente dos armários? — Ela rebateu.

— Nada. — Droga. Enfiei um monte de pão na boca.

— Diabo. — Kate cruzou os braços. — Não entendo por que ela tem que exibir sua sexualidade, isso é um assunto particular. Ela deveria mantê-lo assim. Ser discreta, assim como a irmã dela. Eu não vejo você se expondo pro mundo.

Não porque eu não quisesse, tive vontade de dizer. E isso não tinha a ver com sexualidade. Não totalmente. Tinha a ver com identidade. Amor.

Kate acrescentou:

— Ela está pedindo pra arrumar problemas.

Eu achava que ela estava pedindo aceitação. Quase disse isso. Ainda bem que minha boca estava cheia, porque agora eu não estava no melhor momento para debater visibilidade. Não estava no melhor momento para debater nada.

Retirando o avental, Kate deixou escapar um suspiro cansado e disse:

— Eu quero que ela seja feliz. Isso é tudo o que eu e o Tom sempre quisemos pros nossos filhos. Tenho certeza que sua mãe também se sente assim, Holland. Queremos tanto que os filhos cresçam e conquistem as coisas que nós nunca tivemos. Temos grandes esperanças pra vocês. Expectativas, sonhos. E, então, uma coisa como essa... — A voz dela sumiu.

Uma coisa como essa. Certo. Sonhos despedaçados. No que diz respeito a Mamãe, sonhos despedaçados eram a minha especialidade.

CAPÍTULO 21

*F*iquei na casa da Ceci por mais dois dias. Meu celular se tornou minha companhia constante. Eu o verificava a cada hora, checava se estava ligado, se as baterias estavam cheias. Mamãe sabia meu número. Uma vez que não tive notícias dela até a sexta-feira, resolvi parar na frente de casa após o trabalho. Pelo menos para pegar mais roupas e o dinheiro no meu cofre. Não podia continuar pegando dinheiro emprestado da Ceci para a gasolina e o almoço.

O carro da Mamãe estava parado na garagem. Minha pulsação disparou. Talvez, quando ela me visse, quando se lembrasse de quem eu sou...

A porta dos fundos estava trancada, então peguei a minha chave e inseri na fechadura.

Mas a chave não entrou.

Não sei por quanto tempo me detive ali, em negação. Ela estava na cozinha. Pude ver a silhueta dela atrás da cortina. Ela me viu, sei que me viu. A figura dela desapareceu. Registrei a mensagem. Cambaleei de volta para o jipe.

Quando entrei pela porta dos fundos da casa da Ceci, ouvi ela e a mãe discutindo na cozinha. Ceci gritava:

— Por que ela não pode ficar aqui? O que você vai fazer, mandar ela pra rua?

Kate falou:

— Sossegue. Isso não vai acontecer, você sabe. Mas eu liguei e conversei com a mãe dela.

Meu estômago doía. Fraquejei um pouco, precisei me segurar nas prateleiras da despensa. A voz da Kate abaixou:

— Parece que vamos precisar achar um lugar mais definitivo para ela.

Tive vontade de vomitar.

Ceci falou:

— Mãe, ela *tem* que ficar aqui. Tudo o que aconteceu foi culpa minha.

— Não, não foi. — Kate rebateu. — É preciso duas pessoas pra dançar tango!

— Não quis dizer isso. — Ceci estalou a língua. — Quero dizer... — A voz dela vacilou. — É minha culpa.

— Não, não é. — Atravessei a porta. — Sua mãe está certa, Ceci. Preciso encontrar um lugar pra morar.

— Não. — Ela correu pelo recinto e me abraçou. — Quero que fique aqui.

— Ceci, você sabe que eu não posso. Não assim. — Olhei de relance para Kate. — É difícil

demais.

A expressão da Ceci desmoronou. Ela sabia que eu estava certa. Era uma agonia não podermos ficar juntas. Abraçar uma à outra, beijar, e tocar, e dormir juntas. Ela se dirigiu para a mãe, mas eu a puxei para fora da cozinha, antes que ela dissesse algo de que fosse se arrepender depois. Não precisávamos que ambas fossem para rua.

— Ceci. — A mãe dela nos parou a meio caminho da sala de estar. — Volte aqui um minuto.

Ceci apertou minha mão e se retirou. A mãe dela a abraçou e a beijou. Isso fez meu estômago revirar e eu corri para o banheiro.



Faith estava pendurada diante do meu armário na manhã seguinte. Literalmente. Ela estava caída como uma boneca de pano, seu cabelo preto seboso varrendo o chão. E havia um canto atonal saindo de sua boca, soando como uma toada fúnebre.

Do seu próprio funeral, eu esperava.

— O que você quer? — Falei.

Ela saltou. A cabeça bateu contra o armário, produzindo um barulho estridente.

Ai. Em qualquer outro momento, eu teria me preocupado com uma possível concussão. Porém, agora, não conseguia reunir tanta compaixão.

— Eu só... — Ela engasgou, como se pudesse detectar minhas vibrações homicidas. — Queria conversar com você.

— Não tenho nada a falar com você, Faith. Dá licença? — Indiquei meu armário bloqueado.

Ela saiu da frente. Abri o armário e enfiei dentro dele minha mochila de natação. Recolhi livros e cadernos e, quando fechei o armário, ela ainda estava ali.

— O quê? — Disparei.

— Você tá bem? — Ela perguntou.

— Ah, sim. Estou ótima. Obrigada por se importar — falei com ironia.

— Eu me importo — ela disse às minhas costas. — Eu queria pedir desculpas.

Desculpas? Fervi por dentro. Desculpas não consertam nada, Faith. Desculpas nem começam a remendar.



Nas duas noites seguintes, Ceci e eu pesquisamos apartamentos nos classificados. O estúdio mais barato que encontramos custava quinhentos dólares por mês.

— Não ganho nem metade disso — contei a ela. — O que vou fazer? — O pânico tomou meu peito. — E se eu acabar morando no jipe?

— Não seria tão ruim — Ceci falou. — É acolhedor lá dentro. Ponha uma tevê, um abajur.

Eu não conseguia nem improvisar uma careta de zombaria.

— Não se preocupe, linda. — Ela descansou a testa na minha. — Tudo vai se resolver.

Claro, pensei. Assim como minha vida até aqui.

No sábado de manhã, Ceci me acordou, jogando-se sobre meu cadáver.

— Levanta. É dia de mudança.

Gemi. Nossos bate-papos por telefone à meia-noite estavam dessincronizando meu relógio interno.

Ceci falou:

— Não sei por que não pensei nisso antes. — Ela levantou o lençol e se enfiou por baixo, torcendo-se ao meu lado. — Você sempre vai ter uma família agora — ela murmurou. — Você é uma de nós. — Ela correu um dedo pelo meu rosto.

— Ceci, não faz isso — adverti, cobrindo o dedo dela com minha mão. — Você sabe o que isso faz comigo.

— Saia já daí! — Kate guinchou, fazendo-me saltar. E Ceci também.

— A gente só tava conversando — Ceci falou.

— Não importa. Saia!

Ceci jogou os lençóis para o alto e passou por cima de mim.

— Vamos, Holland. Nós vamos até o Centro pra checar os auxílios moradia. Como eu disse, você tem uma família *de verdade* agora. — Ela cravou um olhar na mãe.

Eu me conformaria com qualquer coisa próxima a “de verdade”.



O Centro era o Centro de Auxílio a Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros. Ficava em um inofensivo prédio de tijolos, situado em um shopping aberto e ao lado de uma copiadora. Eu jamais o teria notado se não fosse pela bandeira de arco-íris. Na porta havia duas placas: LOCAL SEGURO e FALAMOS A LÍNGUA DO AMOR. Busquei a mão de Ceci e entrei.

Havia algumas pessoas em volta de uma tevê, assistindo a *O Preço Certo* e gritando: “Mais alto! Mais alto!”. Uma mulher mais velha passou por nós no caminho e sorriu, fazendo um olá. Talvez, eu pudesse morar aqui, pensei. Parecia acolhedor.

Deixei Ceci abordar o assunto. Ela explicou minha situação para o recepcionista, que ficou balançando a cabeça e dizendo que ele sentia muito. Sinto muito, sinto muito, sinto muito. Eu não precisava tanto da solidariedade dele, precisava era ter onde morar.

— Esperem aqui — ele falou. Gritou de sua cadeira: — Não se movam. — Como se eu tivesse escolha.

Ele disparou para um corredor. Um minuto depois, reapareceu:

— Vão até a terceira porta à sua direita. — O telefone dele tocou e ele respondeu em um único fôlego: — Centro LGBT. Estamos felizes que você ligou. Meu nome é Terry, em que posso ajudar?

Uma mulher estava esperando diante do escritório.

— Oi, eu sou Syd — ela disse, apertando nossas mãos. — Sou a coordenadora de recursos. Entrem, sentem-se. — Ela sinalizou para que entrássemos. — Terry me contou o que houve. Sinto muito, Holland. Você veio ao lugar certo. — Syd contornou sua mesa e se sentou. — O

Centro tem um programa de moradia para jovens em situação de rua.

Jovens em situação de rua? Meu Deus. Nunca pensei que eu fosse me tornar um deles.

Syd pegou o telefone. Demorou um pouco para que ela encontrasse alguma vaga. Todos os abrigos estavam lotados. Havia até listas de espera, o que deveria ter feito com que me sentisse melhor, menos sozinha. Mas não. E se eu terminasse morando na rua?

Ceci segurou minha mão. Isso me acalmou um pouco.

— Você tem? Maravilha! — Syd levantou o dedo indicador. — Ótimo. Obrigada, William. Vou mandá-las para aí. — E desligou. — Há uma vaga na Taggart House. Aqui está o endereço. — Ela escreveu em uma folha rosa do bloco de notas. — Você gostaria de conversar com alguém sobre isso, Holland? — Perguntou, passando a folha para mim. — Temos conselheiros aqui.

— Estou bem — murmurei.

— Ela está bem — Ceci ecoou. — Ela tem a mim pra conversar.

Syd sorriu. Ela sabia que éramos um casal e a sensação era reconfortante, maravilhosa. Ela nos deu as coordenadas para chegar à Taggart House e saímos.

Quando paramos em frente ao prédio, eu quase xinguei. Era um hotel velho, um pulgueiro no centro da cidade, perto da linha do trem, que havia sido convertido em abrigo. Um abrigo para pessoas sem-teto. Ceci praticamente teve que me arrancar do jipe e me arrastar pela porta.

— Aqui não é o Ritz, mas, olha, o que falta em beleza a gente compensa em amor.

O sujeito que gerenciava o lugar, William, tinha um sotaque forte do sul. Certo, ele era fofo. Disse que ele e o companheiro dividiam um apartamento no térreo.

— Mas as suítes de cobertura ficam no segundo andar. Por aqui. — Ele sinalizou com o dedo e subiu as escadas.

Enquanto abria a porta do meu dormitório, acima da escadaria rangente, ele acrescentou:

— Você tem sorte. Essa suíte ficou disponível ontem.

Não consegui conter o engasgo. O apartamento era um lixo. O papel de parede estava todo descascando e a mobília, se dava para chamar assim, estava toda arranhada e suja. O colchão — ai, meu Deus — o colchão estava todo manchado. O lugar inteiro fedia a mofo, podridão e urina de gato.

Ceci entrou e se pôs a passear pelo quarto, dedilhando as coisas.

William me puxou para o lado, no corredor.

— Certo, querida, aqui está sua chave. Nós pedimos encarecidamente que não dê nenhuma cópia para sua namorada. Já tivemos problemas com os ex, se você entende o que quero dizer.

Não, eu não entendia o que ele queria dizer. Como o quê? Roubo? Violência doméstica?

Ele pôs a chave na minha mão.

— Deixe-me mostrar a casa pra você. — Ele cruzou o vão. — Você tem todas as comodidades. Salão, quarto principal, cozinha de luxo, gabinete de trabalho. — O braço dele girou por todo o recinto. Havia a cama, uma pia enferrujada, uma geladeira velha, um micro-ondas todo incrustado e um conjunto de mesa e cadeiras dos anos 1950. Quis dar uma espiada no banheiro à minha direita, mas decidi me poupar da visão. — Não há lugar pra guardar muitas coisas — William falou. — Mas, se precisar de mais espaço, há um guarda-volumes de aluguel do outro lado da rua. Se quiser usar nossa cozinha pra dar uma festa ou algo assim, é só pedir. Servimos um *brunch* no domingo pra todos os moradores da casa e depois nos

reunimos pra uma hora da família. Só pra ver como está cada um.

— Este aqui é o banheiro? — Ceci perguntou. Ela enfiou a cabeça ali dentro e retirou rápido. O horror na face dela era indescritível.

William listou as regras: somos livres para ir e vir, nada de festas durante a semana, sejam razoáveis com o barulho. Não era nada muito rigoroso. Fiz a pergunta que andava evitando:

— Quanto é o aluguel?

— Pra você? — Ele me mediu com os olhos. — Grátis.

— Grátis? Tá de brincadeira?

William piscou e sorriu.

Sendo gratuito, era um luxo.

— Até que você consiga se reerguer — ele acrescentou. — Depois é uma escala progressiva.

— O que é isso? — Ceci e eu perguntamos juntas.

— Significa que você paga o quanto puder. Você, se cuide. — Ele apertou meu braço num gesto solidário. — Temos uma filosofia aqui: aceite a ajuda de que precisa, ofereça a ajuda que puder.

Ceci perguntou:

— Quantas outras lésbicas moram aqui?

William respondeu:

— Nenhuma... até o momento. Pra falar a verdade, não aparecem muitas mulheres.

— Que bom — Ceci falou.

O que era bom?, fiquei imaginando. Que eu fosse uma raridade? Ah, sim, eu me sentia tão especial.

— Espera — falei para William enquanto ele se encaminhava para as escadas. — Todos aqui são sem-teto?

O rosto dele se contraiu.

— Não, querida. Você não é sem-teto. É? Ramon, alguém aqui é sem-teto? — Ele gritou através do corredor.

Um rapaz alto e com *dreadlocks*, que havia acabado de sair do seu apartamento, se virou.

— Nem sem-teto, nem sem namorado — ele brincou. Uma covinha se formou em sua bochecha.

— Vai, sai daqui — William o enxotou pelas escadas. — Todo mundo aqui está, como a gente costuma dizer, em transição. Indo pra uma vida melhor. — Ele sacudiu um dedo diante do meu rosto. — Você *não* é sem-teto. Agora, quando estiver disposta, desça e venha preencher o registro. Ah, e eu tenho alguns lençóis e toalhas limpos. E, como presente do Centro, uma cesta de boas-vindas cheias de guloseimas também.

— Não é tão ruim — Ceci disse quando fechei a porta. — Podemos pintar e colocar cortinas. Comprar tapetes e acessórios de cozinha nos brechós de quintal. — A mão que ela passou sobre o tampo da mesa e deixou uma trilha na sujeira. Ela limpou os dedos na calça. — Hoje vamos fazer uma bela faxina...

— Hoje não — interrompi. — Hoje, preciso ficar sozinha.

Ela franziu um pouco a testa. Aproximando-se de mim, falou:

— Não queria deixar você sozinha.

— Estou bem.

Ela pegou minhas mãos.

— Holland...?

— Por favor, Ceci. Vá embora.

Ela pareceu magoada, mas deve ter entendido minha necessidade. Ela me beijou e disse:

— Não se preocupe, linda. Tudo vai se resolver. Sua mãe provavelmente vai ligar na semana que vem e implorar pra você voltar pra casa.

Eu devo ter dado risada.

— Desculpa — ela disse. — Talvez, demore um pouco mais no caso dela. Mas, ei, olhe pelo lado bom. — Ela arrancou o boné de beisebol e o colocou na minha cabeça, depois puxou meu rosto para perto do seu. — Pelo menos, agora nós temos um lugar.

Depois que descarreguei minhas humildes posses e tranquei a porta, fui até a janela suja. Minha vista era o beco das caçambas de lixo, onde uma velha com suas sacolas estava revirando os restos. Ontem, pensei, eu era Holland Jaeger, uma pessoa normal, com uma vida normal. Tinha casa, família, uma história de vida. E hoje sou...

Não sei o que sou, onde estou, quem sou.

Verifiquei se meu celular estava ligado, com as baterias carregadas. Deixei-o descansando em cima do micro-ondas. Sem qualquer aviso, uma montanha imensa de tristeza desmoronou sobre mim, dissolvendo-me até os ossos. Escorri pela parede até o chão, abafando um grito com as mãos.

CAPÍTULO 22

No domingo, Ceci e eu esfregamos o apartamento desde o teto até o chão. Ou o vapor de desinfetante me deu um barato, ou me manter ocupada afastou minha depressão.

— Mamãe vai mandar mais lençóis, cobertores e toalhas — Ceci falou. — E também coisas de cozinha. Acho que ela se sente culpada por abandonar você.

— Não. — Parei de raspar a crosta de cima do micro-ondas e olhei para ela. — Sua mãe é ótima. Você tem sorte e sabe disso.

Ceci mergulhou a esponja no balde e continuou a esfregar a parede.

— Eu queria pedir pra sua mãe... — Engoli em seco. — Deixa pra lá.

— Pedir o quê?

Suspirei.

— Se ela me contrataria por meio período. Eu preciso de mais dinheiro. Vou precisar comprar comida, pasta de dentes e xampu, tudo. Meu trabalho no Chalé das Crianças me paga uma ninharia.

— Preferia que você tivesse me dito que estava pensando nisso. — Ceci limpou uma teia de aranha que havia colado na sua cabeça. — Mamãe acabou de contratar uma ajudante de meio período. — Mas — ela estalou os dedos — aposto que meu tio contrataria você pra trabalhar no Hott 'N Tott. Ele sempre está à procura de gente pra trabalhar no turno da manhã.

— É? — Minhas esperanças aumentaram. — Isso seria ótimo.

— Vou falar com ele hoje à noite.

Vocalizei meu próximo pensamento:

— Talvez, eu tenha que largar a escola.

Ceci girou nos calcanhares.

— Não. O que está dizendo? Você não pode largar. Tem que se formar! *Precisa*. Que exemplo seria se a presidente do Conselho Estudantil abandonasse os estudos?

Revirei os olhos.

— Quem se importa?

Ela largou a esponja no balde e veio para o outro lado do quarto. Apertando meus braços, ela me fez girar e encará-la.

— Eu me importo. Você tem que se formar. Tem que ir pra universidade. Tem que pensar no seu futuro.

— Você fala igual a minha mãe.

— Ah, por favooooor... — Ceci parou. Mordeu o lábio. — Não está falando sério, está? Você não largaria a escola por causa disso. Por causa de... mim?

— Não é por sua causa. Não é culpa sua.

— Holland — ela disse, me sacudindo —, não faça isso. Não faça nada de que possa se arrepender.

Como guardar segredo sobre nós duas? Eu não disse isso. O aperto dela estava machucando meus braços e eu me virei, afastando-me dela.

— Provavelmente não vou sair — murmurei.

— Prometa.

Uma vez que não fiz isso de imediato, Ceci falou diante do meu rosto:

— Prometa!

— Tudo bem, eu prometo. — Caramba.

Sorrindo, ela deu tapinhas nos meus braços e disse:

— Essa é minha garota.

Por que ela me dava a impressão de ser minha mãe, meu pai, minha amiga e minha amante, todos juntos em uma única pessoa? Porque ela era. Ela era meu tudo.

— O que você vai fazer ano que vem? — Perguntei enquanto ela voltava ao seu balde. — Ficar na Southglenn High ou voltar pra Washington Central?

— Nunca mais volto pra lá. Não posso.

— Não pode? Como assim?

Ela respondeu:

— Aumenta o rádio, adoro essa música.

Aumentei o som do rádio portátil que Ceci havia trazido. Ela começou a dançar e se balançar, obviamente evitando minha pergunta.

Continuei a raspar. De todo modo, isso resolvia um problema. Eu não sairia do estado para cursar a universidade... se é que cursaria. Nesse momento, os estudos universitários eram minha última preocupação. Sobreviver um dia de cada vez havia se tornado minha prioridade.

A música acabou e a esponja da Ceci caiu na água. Ela se deixou desmoronar de costas na cama e se espreguiçou com um gemido.

— Vamos sair pra comprar uma pizza ou algo do tipo. Estou exausta.

Larguei minha faca em cima do micro-ondas, me aproximei e me esparramei ao lado dela. Ficamos observando o teto repleto de infiltrações e rachaduras. Voltando-me para ela, falei:

— Você quer experimentar?

Um sorriso vagaroso se esgueirou nos lábios dela.

— Pensei que nunca perguntaria.



Abandonar a escola nunca foi uma opção, na verdade. Bem, talvez fosse, mas restavam apenas oito semanas. Não fazia sentido jogar tudo isso fora, como *Mamãe* havia feito. A vida *dela* fora arruinada. O futuro *dela*, destruído.

O ressentimento, a raiva que sentia dela começou a me consumir e eu não podia deixar isso acontecer. Tinha três provas e uma apresentação para a semana seguinte, sem mencionar a conferência sobre liderança. Seth havia ido em frente e organizado o evento todo, e eu me sentia terrivelmente culpada por isso. Queria agradecê-lo, dizer que ele havia feito um trabalho fantástico, mas como falar com ele. Ele agia como se eu fosse a escória do mundo.

A aula de artes era a minha salvação. Eu podia me desligar completamente enquanto Mackel achava que eu estava concebendo a próxima Capela Sistina. De vez em quando, Ceci olhava para mim, com o rosto preocupado, e apertava o punho sobre o coração, fazendo-me dar gritinhos de êxtase — apenas internos, é claro.

Em uma tarde de sexta-feira, sentindo-me exaurida de tanto estresse e trabalho, deslizei minha cadeira no estúdio e dei seguimento à minha rotina de sempre. Verificar o celular, tirar meu caderno de desenho, olhar para a nuca da Ceci. Mackel nos mostrou slides de vários objetos e falou sobre como desenhar em perspectiva. Como dar dimensão a prédios, salas, móveis.

Uma visão veio a mim. Meu apartamento horrível. Saquei um lápis e comecei a desenhá-lo. Isso era deprimente. Rasguei a folha.

Mackel me olhou. Fiz uma careta de desculpas. Que tal desenhar minha visão de como o lugar *podia* ser?

Tudo bem, havia possibilidades. Observem além da superfície, Mackel havia dito.

O ato de criar ou de transferir minha visão alterada para a página era estranhamente consolador. Possibilidades. Elas estavam ali.



Estávamos sentadas em uma cabine, dividindo uma caixa de restos de donuts e reabastecendo os porta-guardanapos quando Ceci levantou o rosto e sorriu. Virei-me. Faith estava postada diante do balcão, envergonhada.

— Eu trouxe as suas coisas — ela murmurou, empurrando duas sacolas de lixo cheias na minha direção.

Então é a isso que minha vida ficou reduzida, pensei.

Faith acrescentou:

— Ela ia jogar tudo fora.

Uma dor percorreu meu coração.

— Meu cofre está aí? — Cortei.

— Não. — Faith disse. — Ela ficou com ele. Ela disse que... — E parou.

Meus olhos se estreitaram.

— Ela disse o quê?

Faith levou o polegar até a boca e começou a roer.

— Nem precisa dizer, eu posso adivinhar. — Mesmo que ela nunca tivesse expressado esse sentimento, eu sabia que Mamãe sentia como se eu devesse a ela tudo o que eu possuía. — Como você sabia onde me achar? — Perguntei a Faith.

Ela e Ceci trocaram olhares. Fitei-as.

— Acho que ouvi os enroladinhos de canela me chamando — ela disse, saindo apressada da cabine. — Vocês duas, conversem. Vocês precisam uma da outra. — Ceci tocou no ombro da Faith e acrescentou: — Conte a ela.

Meu olhar abocanhou Faith.

— Me contar o quê? Por que você me expôs?

— Não fui eu. — Faith cuspiu a cutícula. — Nunca faria.

Meu olhar sustentou o dela. Ela abaixou a mão e repetiu:

— Não fui eu.

— Mas você pediu desculpas.

— O quê? — As sobrancelhas dela franziram. — Ah, sim. Por não ter defendido você naquela noite, não ter ficado do seu lado. Eu deveria ter feito isso. Mas é que tudo aconteceu tão rápido.

Examinei o rosto dela, procurando a verdade e não conseguindo encontrar nada, senão um vago sinal.

— Senta. — Gesticulei para a cadeira de plástico que havia ficado vazia à minha frente.

Faith se acomodou. Ofereci a ela um pedaço de donut da caixa. Ela balançou a cabeça, depois levou o polegar à boca e começou a roer de novo.

— É difícil falar com você enquanto faz isso — eu disse.

Ela abaixou a mão.

— Não fique brava com a Ceci — ela disse. — Fiz ela me contar onde encontrar você. Eu estava preocupada.

Ela estava preocupada comigo? Meus ombros caíram. Pelo menos, alguém se preocupava comigo. Senti-me culpada por acusá-la, por xingá-la a cada vez que esmagava uma barata no meu banheiro.

— Então — eu disse, forçando um sorriso —, como está você? Como estão as coisas?

Os olhos dela encontraram os meus. Ela pôs a língua para fora como se fosse vomitar.

— Você sabe quem contou a ela sobre mim?

Os olhos da Faith resvalaram pela mesa.

— Acho que sei.

Esperei. Ela não se ofereceu para compartilhar a informação. Eu queria dar um bote, agarrá-la pelo pescoço, forçá-la a olhar para mim, falar comigo, contar...

Contar o quê? Que nada disso tinha acontecido? Que era tudo culpa dela? Culpa de outro alguém? De qualquer pessoa, menos eu? Porque era minha. Tinha acontecido. As ações, as decisões, as consequências; era tudo responsabilidade minha.

Aceite isso, Holland, minha voz interior repreendeu. Supere.

Eu estava lidando com isso. Ainda assim, queria saber.

— Foi a Bonnie Lucas?

Faith dobrou o lábio.

— Quem?

— A amiga da Mamãe. A conselheira vocacional da escola.

— Eu não a conheço.

Outra pausa longa e desconfortável. Será que eu precisaria arrancar a informação da Faith? Porque eu iria...

— Sua mãe ligou pra todos os seus amigos em um sábado, tentando achar você. Vocês tinham que sair pra comprar um vestido ou algo do tipo?

Ah, droga, o vestido, que eu tinha concordado em comprar sob um falso pretexto. Eu o usaria no jantar com o governador. O jantar em que nunca fui. Depois que me tornei uma mendiga sem-teto, o jantar com o governador parecia uma preocupação um tanto leviana.

— Kirsten — sussurrei. — Eu já devia saber.

— Não. A Kirsten não estava em casa — Faith disse. — A Leah, sim. Ela conversou com Leah por dois minutos. Depois ligou pra outra pessoa. Ouvi sua mãe dizer: “Que namorada?”. Tive certeza de que ela estava falando com o Seth.

— Seth? — Meu queixo caiu. — Mas... — Não, ele não contaria para a minha mãe. Não era típico dele. Ele não contaria a ninguém. Contaria? Será que foi ele quem contou para Kirsten e Leah? Será que foi ele quem vazou a informação para o todo mundo?

— Depois de desligar, sua mãe ficou surtando pela casa inteira. Totalmente pirada. Ela me atacou no sofá e começou a gritar pra que eu contasse tudo o que sabia. Mas eu não falei nada. Juro. Então, ela foi pro seu quarto, tentando encontrar alguma coisa. Uma prova, acho. Ela sempre fica mexendo nas suas coisas, sabe. Abrindo suas gavetas e seu guarda-roupa.

— Você tá brincando. — Eu sabia que ela fazia isso para recolher a roupa para lavar.

— Não. — Faith se serviu de um pedaço de donut e acrescentou: — Em todo caso, parece que ela achou o que estava procurando. Um cartão? Alguma coisa assim. — Ela mordiscou um pouco do donut de chocolate granulado.

— O cartão que veio com as flores. Mas eu o tinha colocado no meu cofre.

— Então? Ela vai lá também. E verifica sua cartela de pílulas todo dia.

— O quê! — Olhei embasbacada para Faith. — Minhas pílulas anticoncepcionais?

— Aham.

— Mas isso não prova...

Uma buzina ressoou do lado de fora e Faith se encolheu. Ela enfiou o resto do donut na boca e hesitou ao falar:

— Preciso ir. Papai está esperando.

Meus olhos seguiram os dela para fora da janela, na direção do estacionamento, onde Neal esperava dentro do seu Ford Explorer, dando tapinhas impacientes no volante. Quando nossos olhos se encontraram, ele abriu um sorriso estúpido.

— Faith. — Segurei o braço dela antes que ela fosse. — Sinto muito. — Fiquei de pé e a puxei para um abraço. — Sinto muito mesmo.

— Eu também — ela falou.

— Queria que tivesse sido diferente com a gente. Queria que eu...

Lágrimas arderam nos meus olhos. Queria ter sido mais como uma irmã para você, quis dizer. Ou mesmo amiga. Queria ter confiado em você. Mas não, eu olhei de relance e fui logo colocando um rótulo em cima de você. Aberração. Esquisita. Nenhuma vez fiz um esforço para enxergar além da superfície. Fui tão hipócrita. Não era à toa que ela não me suportava.

— É — ela disse. — E eu queria ter roubado aquele CD das Dixie Chicks quando tive a oportunidade. — Faith mostrou a língua, fazendo cara de vômito.

Dei um tapa no braço dela.

Ela acrescentou, com um sorriso:

— Eu gosto da Ceci. Estou feliz por vocês.

Ela foi a única pessoa a me dizer isso, e eu precisava tanto ouvir. Abracei-a de novo, com força.

— Você pode fazer uma coisa pra mim? — Perguntei.

— Claro — Faith disse. — Faço qualquer coisa por você.

Minha garganta raspou.

— Apenas... dê um beijo na Hannah por mim?

— Ah, eu tenho dado. Falo de você o tempo inteiro, principalmente na frente da sua mãe. —

Faith deu um sorrisinho mau. — Não vou deixar a Hannah esquecer de você.

No borrão das minhas lágrimas, Faith desapareceu.



Perdi a briga. Ceci contou que ela e seus pais tiveram um arranca-rabo quando ela falou que queria ficar comigo na Taggert House. Eles negaram totalmente. Ceci ameaçou fugir. Disse que eles teriam que chamar a polícia para arrastá-la de volta para casa e que teriam que trancá-la no quarto à noite, se quisessem obrigá-la a ficar ali.

Então, chegaram a um acordo. Que escolha tinham? Ceci poderia dormir aqui nos fins de semana, às sextas e sábados. Os pais dela deviam me odiar. Deviam me culpar por causar um distúrbio na família.

Fiquei deitada na minha cama de colchão nodoso, escutando os estalos das paredes, a descarga de algum banheiro no andar inferior. O ruído de um trem soou ao longe. Ceci havia chegado tarde, parecendo exultante e tagarelando por uma hora, antes de cair no sono. Tudo parecia normal com ela, perfeito. Mas sei que era uma boa atriz. Queria confrontá-la sobre onde estivera nessa noite.

Ela disse que estivera trabalhando, que seu tio havia ligado e pedido para ela substituir um dos cozinheiros, que estava doente. Pensei em surpreendê-la. Passar lá com um expresso da Starbucks, o café favorito dela. Grosso como lama. E custava demais para um café, mas valeria a pena ver o rosto dela se iluminar.

Só que ela não estava trabalhando. A equipe de sempre estava toda lá. O resquício de maquiagem teatral na linha dos cabelos era revelador.

Rolei, deitando-me de costas. Por que ela estava mentindo para mim? O que estava acontecendo? Depois daquela primeira apresentação, Ceci não me quis mais por perto quando a Unidade estava ensaiando ou se apresentando. Ela nem sequer me apresentou para seus amigos. Por quê? Qual era a chance disso chegar a Southglenn? Ela não estava orgulhosa de mim? Era isso? Eu não era gay o bastante?

E se ela preferisse estar com eles, em vez de comigo? E se ela me deixasse? Esse pensamento fazia meu estômago doer. Ceci era tudo o que eu tinha. Sem ela, eu estaria completamente sozinha no mundo.

Ah, Deus. Examinei o seu rosto suave em estado sonhador. O que eu faria sem você?

Pare, meu cérebro gritou. Agora, ela está aqui com você. É o que importa.

Respirei fundo para acalmar minha ansiedade. Tentar acalmar. Eu precisava dela. Ceci era

parte de mim agora. A parte mais sólida, e decidida, e forte. Ela era o ponto de apoio na minha vida, que me mantinha em movimento, que me fazia feliz.

E essa felicidade não tinha vindo sem um preço. Eu havia desistido de muitas coisas para estar com Ceci: meu lar, os amigos, a família. Talvez, até minha futura família. Além do senso de pertencimento que sempre tive. A sensação de adequação, de saber onde eu me encaixava. Eu não estaria tão mal se soubesse ser como ela. Assumida. Orgulhosa. Com um novo lugar de pertencimento dentro da comunidade gay. Com novos amigos. Uma nova família.

Mas o que eu perdi era insignificante em comparação ao que encontrei. Eu. A parte perdida de mim. E Ceci. Conhecer o amor. Ser amada.

— Por favor, Deus — suspirei para a noite. — Permita-me ser amada.

Junto a mim, Ceci resmungou um pouco e rolou para o lado. Ela esticou um braço ao redor do meu quadril e me puxou para perto. Ceci me dava vida, me nutria, e eu me aconcheguei junto àquele casulo quente que era ela.



O sr. Olander começou a reunião do Conselho Estudantil com um anúncio: o baile de formatura precisou ser adiado em duas semanas porque o salão de festas, que geralmente alugávamos no Hotel Oxford, ainda não teria acabado de ser reformado.

Festa de formatura. Olhei por sobre a mesa para Seth, que evitava contato visual não apenas comigo, mas com todos os outros. Sinto muito, enviei a ele um recado mental. Por favor, me perdoa?

Se a expressão vazia do Seth dava alguma pista, sua mente estava fechada para telepatia.

Depois da reunião, precisei ir ao banheiro antes da aula de artes. Ao sair da cabine, encontrei Kirsten escovando os cabelos ao espelho.

— Olá, Holland — ela falou. O tom de voz dela me deixou apreensiva. — Você se importaria se eu fosse ao baile de formatura com o Seth?

— E ele *convidou* você? — Minha voz subiu uma oitava.

O rosto dela endureceu.

— Não quis dizer isso com esse tom. — Ou quis?

— Vou convidá-lo. — Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. — Acho que ele deveria experimentar sair com alguém que não seja gay.

Todo o sangue subiu ao meu rosto.

— Isso não tem graça, Kirsten.

— Ah, é era pra ter? — Ela perguntou.

Segui em direção à porta.

— Piranhas — ela disse às minhas costas. — Vamos falar sobre piranhas.

Fechei os olhos.

— Deixa isso pra lá, Kirsten.

— Pelo menos, eu só ataco de um lado do rio.

Girei para encará-la.

— Cala a boca. — Minha respiração arquejante me delatou. — Eu terminei com o Seth, ok?

Sou livre para fazer o que preferir.

Ela inclinou a cabeça.

— Você é. — Deslizando a bolsa para cima do ombro, ela esbarrou em mim a caminho da porta. Antes de sair, ela se virou e acrescentou: — E, agora, todos nós sabemos quais são as suas preferências. Sapatão.

Graças a Deus eu já estava no banheiro, porque, no instante seguinte, estava soluçando dentro da cabine.



Não acreditava que meu dia ainda pudesse piorar, então Winslow me convidou para o baile de formatura. Primeiro, fiquei só olhando para ele, atordoada. Quando encontrei minha voz, gaguejei:

— Uau. Eu, hã, fico lisonjeada, Winslow. Mas eu, eu... não posso.

As sobrancelhas dele se franziram.

— Você terminou com aquele Seth, não terminou?

— Sim.

— Ah, saquei. — A expressão dele murchou. — Você já vai ao baile com outra pessoa. Eu sabia que deveria ter perguntado...

— Não é isso — cortei. — Só não posso ir com você.

Os olhos dele me atravessaram como lâminas. Percebi, tarde demais, como aquelas palavras soaram mal. Antes que eu pudesse retirar o que disse, ele rosnou:

— Achei que você fosse diferente, mas é igual a todos os outros. — Ele se levantou, empurrando os materiais da aula de artes para dentro da sua pasta. Depois esbarrou em uma fileira de cadeiras vazias, abrindo caminho em direção à frente da sala, para se sentar o mais longe possível de mim.

Todos giraram as cabeças para olhar para mim. Especialmente Ceci.

Ela sinalizou com os lábios: “O que foi isso?”.

Levantei-me em um impulso e saí dali. Deus! Tudo estava uma merda.

CAPÍTULO 23

Mergulhei na extremidade mais funda, deixando-me afundar na água.

Livre-se. Coloque para fora. Faça ir embora.

O esconderijo, o segredo, isso estava me rasgando ao meio. Por que tinha que ser assim? Por quê?

Meus pulmões estavam prontos para explodir enquanto tomava impulso e irrompia pela superfície. Depois nadava, voltas e mais voltas, tentando soltar, expurgar, libertar. Libertar-me.

Estavam errados quando chamavam isso de “estar no armário”. Era uma prisão. Confinamento em solitária. Eu estava trancada do lado de dentro, dentro de mim, no escuro, com medo e sozinha.

Enquanto me arrastava pelos degraus da Taggart House, encontrei Ceci encolhida diante da minha porta, com um pote de tupperware equilibrado sobre os joelhos. Ela se ergueu e sorriu:

— A especialidade da Kate. — Ela esticou o pote para mim. — Canja para aquecer o espírito.

Eu não acreditava que essa sopa pudesse salvar a minha alma devastada. Ceci pendurou a mochila no ombro e me seguiu para dentro. Deixei minhas coisas caírem no chão e coloquei o pote com a sopa no micro-ondas. Ela deve ter previsto minha implosão iminente, porque não perguntou.

A sopa era reconfortante, ou talvez fosse a paz que eu encontrava em Ceci. Comemos direto do pote, na mesa velha. O último macarrão foi sugado em dupla e beijado no fim. Ceci lavou o pote e os talheres, depois resgatou a sua pasta de vida independente — aquela disciplina inútil que eu devia ter escolhido —, chutou os sapatos para longe e espalhou a lição de casa sobre a cama.

Agora, o silêncio dela me afligia. Levantei e fui em direção ao guarda-roupa.

— Conhece alguém que precise de um vestido de formatura? — Puxei um dos sacos de lixo encostados no canto. No fundo, estava o vestido que Mamãe havia encomendado de um catálogo. Era um vestido tomara que caia verde-água, no qual eu tinha uma imensa vontade de tacar fogo. Ainda mais agora. Joguei o saco sobre a cama.

Ceci levantou o rosto para mim, um pouco receosa, e abriu o saco. Ela tirou o vestido e arfou. Esticando-o sobre a cama, ela alisou o corpete e disse:

— Tudo bem, fala comigo. O que foi que aconteceu hoje?

— Hoje, ontem, amanhã — rebati. — Que parte da minha vida não é uma droga?

Os olhos dela se arregalaram.

— Desculpa — falei, me acalmando. — É só que... tudo virou um inferno.

— O que quer dizer?

Contei a Ceci sobre minhas mentiras para Leah, o modo como todos olhavam para mim, a reunião do Conselho Estudantil, Seth me tratando como lixo, Kirsten me confrontando no banheiro. Tudo.

— Ela me chamou de... — minha voz vacilou — sapatão.

— Ah. — Ceci fez uma careta. — Melhor se acostumar com isso. A melhor coisa que você pode fazer é se chamar de sapatão. Sapata, cola-velcro, fanchona. Todas as palavras que usam pra te odiar, você pode usar pra se divertir. Reivindique-as. De modo que elas não possam ser usadas contra você.

Usadas contra mim. Eu nunca fui chamada por apelidos antes... pelo menos, não na cara dura. Nunca havia percebido o quanto eles machucam. Num nível pessoal.

— O que foi que eu fiz pra ela? — Fiquei imaginando em voz alta. — Pensei que a Kirsten fosse minha amiga.

— Lição número um — Ceci falou —: você nem sempre pode confiar nos amigos. Lição número dois: você não precisa *fazer* nada pra ser odiada por ser gay.

Essa era a verdade que eu estava descobrindo.

— Mas esse problema é *deles*, Holland. — Os olhos dela encontraram os meus. — Não é seu. Lembre-se disso.

Problema deles. Certo. Então por que eu me sentia doente com tudo isso? Batendo a porta do armário, falei:

— A cereja no bolo, o ponto alto do meu dia foi quando o Winslow me convidou pra ser seu par no baile de formatura.

O queixo de Ceci caiu.

— E o que você disse?

— Eu disse: “Claro, eu adoraria, Winslow. Que horas você vai mandar a limusine passar em casa?”.

Ceci murchou visivelmente.

— Agora, ele acha que eu tenho um problema com os punks, como se eu fosse uma tremenda intolerante. — Minha garganta raspou. — Pior que isso, eu o magoei. Winslow Demming, o cara mais legal do mundo. — Abracei meu próprio corpo, sentindo dor ao lembrar. — Isso me aborrece pra valer, Ceci. Não é só o Winslow, ou o Seth, ou mesmo a Kirsten. Tudo junto. Eu. Estou tão acorrentada a esse segredo e quero morrer.

— O quê? — Ceci arquejou. — Não diga isso.

— Eu poderia ter feito uma coisa importante no Conselho Estudantil este ano. Promover a diversidade, a tolerância; poderia ter feito a diferença na Southglenn High. Mas, em vez disso, estávamos decidindo quantas porcarias de balões pendurar na porra do salão de baile. — Meu olhar incendiário recaiu sobre o vestido e sobre Ceci, que o acariciava. Por força do hábito, resgatei minha mochila do chão, tirei o celular e verifiquei. — O que alguém “assumida e com orgulho” faz no baile de formatura? E no de boas-vindas? Todas essas porcarias de eventos sociais?

— Nós, geralmente, vamos em grupo — Ceci falou baixinho. — Se você quiser, podemos ir juntas ao baile.

— Ah, claro. — Virei para ela. — Ficarmos em extremidades opostas do salão, ignorando uma à outra? — Balancei a cabeça. — Eu deveria ter contado a ela — falei, olhando para o celular na minha mão. — E pro Seth também. Eu deveria ter contado pra todo mundo. Não que as reações tivessem sido ser diferentes. É só por esse medo de quem sabia, de quem me expôs, de todos suspeitarem, e eu acusá-los. Que diferença faz quem me delatou? Eu deveria ter me assumido por conta própria.

Meus olhos desviaram para a janela, para o beco, onde William estava ajudando um novo morador-em-transição a arrastar suas caixas para dentro.

— Fazer isso, me esconder, é como se eu admitisse que estou errada. Como se estivesse com vergonha de mim. Não estou envergonhada. Nem de mim, nem de você, nem do que sentimos uma pela outra. Eu *quero* que o mundo inteiro saiba. — Voltei-me para ela. — Quero ser eu mesma. Eu magoei as pessoas. Leah, Winslow, Seth, minha mãe. Eu, Ceci. *Eu* estou magoada. — Pousei a mão no coração. A ferida era tão profunda que parecia que jamais se curaria.

— Ah, Deus — Ceci gemeu. — Por que você não me contou?

Por que não contei?

— Porque eu não queria que você pensasse que eu não estava feliz, ou que estivesse arrependida de ter me apaixonado por você. Não estou. *Estou* feliz... com você. — No entanto, eu não podia mais omitir a verdade. — Estou com medo, Ceci. Estou tão sozinha no mundo que, se você me deixar... — Não consegui terminar a frase, não consegui terminar o pensamento.

— Não — Ceci disse, apressada. Ela decolou da cama e veio até mim. — Eu não vou deixar você. O que te leva a pensar isso?

— Você mentir pra mim. Fugir por aí. Ir até a Unidade pra ficar com eles. A única razão que acho que pode haver pra você mentir pra mim é... que existe outra pessoa.

— Não. — Ceci agarrou meus braços. — Eu *nunca* faria isso com você. Nunca. Queria poder acreditar nela. Queria acreditar.

Ela me soltou e cobriu o rosto com as mãos.

— Ah, Deus. — Em uma voz esganiçada, ela disse: — Tenho uma confissão a fazer. Eu menti pra você. Menti bonito.

Não, por favor, não deixe que ela diga isso. Não a deixe dizer que ama outra pessoa.

Tudo o que consegui fazer foi continuar respirando. Continuar vivendo. Ceci se afastou e começou a perambular, esfregando os dedos. Nervosa, agitada, do jeito como ela fica quando toma muito café. Quando passou por mim, disse:

— Eu enganei você.

Meu coração parou de bater. Morrendo. Estava morrendo.

— Eu não tinha o direito de pedir pra você não se assumir. Não tinha esse direito. Eu não estava tentando proteger você. Todo esse negócio de guardar segredo? Isso era tudo pra mim. Pra mim. — Ela bateu no próprio peito. — Sou uma canalha egoísta.

Meu cérebro permitiu que as palavras dela entrassem. Uma canalha egoísta? Por que dizia isso? Não, ela não era. Sentando no colchão, ela bateu na testa com o punho, murmurando:

— Eu arruinei sua vida. Arruinei sua vida por não deixar que você se assumisse. Eu deveria

simplesmente ter ficado na Washington Central. Você estaria melhor se nós nunca tivéssemos nos encontrado.

— Isso não é verdade — falei. — Para. — Ela ia se machucar se continuasse esmurrando a própria cabeça. Sentei ao lado dela e puxei seu braço. — Por acaso isso tem alguma coisa a ver com o motivo por que você se transferiu? O que aconteceu na Washington Central?

Ela não respondeu, apenas mergulhou dentro de si mesma. Um longo tempo passou. Ceci levantou a cabeça e lentamente olhou para mim. Assentiu.

— Você pode me contar? — Pedi. — Por favor?

Ela prendeu as mãos entre as pernas.

— Eu não quero. Você vai me odiar.

— Eu jamais conseguiria te odiar. Por favor — implorei a ela. Estava tão cansada dessas mentiras todas, da ocultação, do segredo. Não era ela que não gostava de jogos? — Só me conte a verdade, ok? Acho que mereço isso.

Ela olhou para mim e engoliu em seco.

— Você tá certa. — Ela se levantou e foi até o armário. Encaixou a porta de volta na dobradiça, pois eu a havia desarticulado ao bater. Ela disse: — Joanie era... minha namorada. Foi a primeira garota que eu amei. Quero dizer, que amei de verdade. Como um estouro de fogos de artifício, sabe? — Ela me olhou por sobre o ombro.

É, eu sabia agora.

Ceci acrescentou rapidamente:

— Mas esses fogos eram pequenos em comparação com você.

Sorri de leve.

— Mas eu a amava, não vou mentir pra você, Holland. Eu teria ficado com ela pra sempre se... se... eu pudesse.

Senti uma pontada, mas ela estava falando sobre o passado.

— Continue — falei. — O que aconteceu?

Ceci começou a andar de novo, batendo os nós dos dedos.

— A gente se encontrou em um festival de arte em Cherry Creek. Eu tinha acabado de formar a Unidade e recebemos um convite pra uma apresentação de rua. Nossa primeira performance. A Joanie estava lá, no festival, no meio da multidão, colhendo assinaturas pra uma petição sobre desarmamento ou coisa assim. Ela era muito ativa no Comitê de Ação Política da escola. Mais ou menos, como você com o Conselho Estudantil. Foi assim que a gente se conheceu. Ficamos apaixonadas muito depressa. Pelo menos eu fiquei. — Nossos olhares se cruzaram. — Não estou contando isso pra magoar você, Holland.

— Eu sei. Tudo bem. Me conte tudo. — Atirei o vestido de formatura para o lado e me sentei, apoiada na cabeceira da cama.

— Joanie ia a uma escola diferente, a St. Mary's Academy — Ceci falou. — Pense na homofobia da Southglenn multiplicada por dez.

Eu me encolhi. Não conseguia nem imaginar.

— Joanie não era assumida. Ninguém era. E a última pessoa a se assumir, ali, foi expulsa.

— Jesus.

— É, ainda existem lugares iguais a esse, acredite ou não. Idade das Trevas. Além disso, a Joanie estava apenas descobrindo que era gay. Assim como você. E era por isso que

costumávamos brigar. Não é possível uma pessoa ser totalmente assumida e a outra estar no armário. Bem, é possível, mas não vai funcionar por muito tempo. Vocês não podem sair juntas em público, nem estar com os amigos... — Ela parou e olhou para mim. — Mas acho que você sabe disso.

E como sabia.

Ceci fисgou uma calça jeans do chão e deixou-a dobrada na cadeira da cozinha, depois foi até a janela e ficou observando o lado de fora.

— No clube LGBT da Washington Central, eu fiquei meio que encarregada de ajudar as pessoas a saírem do armário. Porque existem formas melhores e piores, e momentos melhores que os outros, e qualidades a se procurar nas pessoas, pra aferir suas atitudes e antecipar se vão aceitar você. — Ela estava falando tão depressa que precisei ouvir com muita atenção para acompanhar. — Cada um é diferente — ela disse, virando-se para mim e se apoiando no parapeito da janela. — Pra alguns gays é mais fácil contar primeiro pros amigos, porque a coisa mais importante é você se sentir aceito pela primeira pessoa a quem contar. E a coisa mais difícil pra maioria de nós é contar pros pais. Mas existem formas de contar pra eles sem causar um choque tão grande. E você sempre deve contar a eles, antes que outra pessoa o faça. — Ceci desviou os olhos. Ela se ergueu e foi até a geladeira, abriu a porta e vasculhou o interior, que não tinha quase nada.

Tudo o que ela dizia ficava dando voltas na minha cabeça. Eu continuava pensando: precisávamos ter tido essa conversa sobre sair do armário antes. Talvez, ela tenha esperado até que eu estivesse pronta. Só que eu *já estava* pronta. Estava preparada para isso desde o primeiro dia.

Ceci fechou a geladeira e se virou. Ela sorriu, nostálgica, e falou:

— A melhor coisa em sair do armário é que é totalmente libertador. Você fez essa descoberta incrível sobre si mesma e quer compartilhar, expressar e ser sincera, em vez de passar o tempo todo imaginando como tal pessoa vai reagir, ou será que devo tomar cuidado perto dessa pessoa, ou o que os vizinhos vão dizer? — Os olhos dela estavam faiscantes agora. — E muito mais. Tem a ver com superar aquela pergunta, o que há de errado comigo, sabendo que não há nada de errado, que você simplesmente nasceu assim. Você é uma pessoa normal, uma pessoa bonita e deve sentir orgulho de ser quem é. Você merece viver, e viver com dignidade e mostrar às pessoas o seu orgulho.

Eu não via a hora de poder me assumir e me orgulhar como Ceci. Ser forte e autoconfiante. Foi isso que me atraiu nela em primeiro lugar.

— Uau, Ceci. — Abracei meus joelhos. — Eu nunca tinha ouvido sobre o seu papel no clube LGBT. Que fantástico devia ser pra alguém que está passando por isso ter alguém como você. Como uma conselheira, uma mentora.

O rosto de Ceci empalideceu. Ela fechou os olhos e se contraiu, como se estivesse com dor. Uma conexão... tinha de haver uma.

— Isso tem alguma coisa a ver com a Joanie? — Perguntei suavemente.

Ceci fixou o olhar na parede acima da minha cabeça. No retrato que desenhei dela e ela havia emoldurado e pendurado sobre a cama.

— Conte a Joanie tudo isso — Ceci falou. — Sobre sair do armário, viver abertamente. Eu sabia que ela seria muito mais feliz consigo mesma se pudesse vencer seu medo. Ela entendeu

isso. Odiava se esconder, mas não podia se assumir na escola. Tinha muito a perder. Ela era uma pessoa muito inteligente, assim como você. — Os olhos da Ceci pousaram em mim. — Ela tinha planos pra universidade e não podia correr o risco de ser expulsa. Todos os amigos dela estavam lá também, e ela não sabia como eles lidariam com isso. Nem como ela lidaria, caso eles não a apoiassem. E os pais dela... — Ceci balançou a cabeça. — Várias vezes, a gente imagina que coisas horríveis vão acontecer quando contarmos a eles. E geralmente não acontecem.

É, pensei. E há vezes em que acontecem. Eu podia compreender o medo da Joanie.

— No verão, convenci a Joanie a se transferir pra Washington Central, onde as pessoas eram mais acolhedoras — Ceci falou. — Finalmente, *finalmente* ela decidiu fazer isso. Mas apenas depois que contou pros pais dela.

Ah, não, pensei. A mesma coisa aconteceu com Joanie? Os pais dela não reagiram bem?

— Ajudei a Joanie a descobrir o que dizer, como dar a notícia pra eles. E foi melhor do que ela esperava. Dei a ela uma brochura que tínhamos no clube LGBT, pra que ela desse aos pais. Um livro que listava as perguntas e respostas básicas: É culpa minha? O que posso fazer para ajudar? Que perguntas devo fazer ao meu filho ou à minha filha? Eles ficaram em choque, claro. Mas acredito que já suspeitavam. Acho que os pais sempre sabem, eles só não querem acreditar. — A voz da Ceci mudou. — Eles querem tornar isso o mais difícil possível pra nós. É uma questão de poder irresistível pra eles. Em todo caso... — Ela afastou o ressentimento com um dar de ombros. — Os pais da Joanie foram bem legais. E eu tinha dito a ela que eles seriam. Era óbvio que eles a amavam muito.

Uma lâmina atravessou meu coração.

— Ah, Holland. — Ceci correu para a cama e engatinhou pelo colchão. — Sinto muito. Sinto muito. Não quis dizer isso me referindo à sua mãe. Eu sei que ela ama você.

— Está tudo bem. — Afastei-a com a mão. — Estou bem. — O que era mentira, e ela sabia disso.

Os ombros da Ceci caíram e ela torceu o corpo, ficando de costas para mim.

— Eu teria aconselhado você a fazer algo diferente com a sua mãe. — Ela pegou o vestido de formatura. — Talvez, escrever uma carta. Dar tempo pra que ela pensasse nisso. Pelo jeito como sua mãe me tratou naquele dia, eu sabia que ela teria problemas.

— O que quer dizer? Como ela tratou você?

— Você não notou? — Ceci girou a cabeça. — Assim que ela viu minha camiseta, ela surtou. Não queria nem que eu tocasse na Hannah, como se eu fosse uma abusadora de crianças ou coisa assim.

— Sério?

Ceci meneou a cabeça.

Eu não havia notado. O que dera na minha mãe? Ela era uma homofóbica desvairada e eu nem havia percebido?

— Termine, Ceci. O que aconteceu na Washington Central?

Ceci deixou o vestido de lado e começou a acariciar a correntinha da minha tornozela.

— A Joanie virou uma pessoa totalmente diferente depois que se assumiu pros pais. Louca, travessa, feliz o tempo inteiro. Porque é o que acontece se você ficar suprimindo por muito tempo. Primeiro você fica paranoica e envergonhada. Não por ser gay, mas por ser tão

covarde. Depois, tudo o que você quer é ser sincera, ser quem você é de fato.

Eu sei! Quase gritei. Eu sei.

— Na Washington Central, eu fui devagar primeiro. Apresentei a Joanie pra dois amigos, de modo que ela soubesse como é estar rodeada por outras pessoas gays. Porque é fantástico. — Ela sorriu por sobre o ombro, para mim. — Você pode conversar sobre coisas que estão acontecendo na sua cabeça e na sua vida. Pode falar sobre namoradas e rir e fazer piadas sobre sexo e coisas assim. Todos gostavam muito da Joanie, e ela gostava deles e tudo era lindo assim. — Ceci pulou da cama e saiu andando pelo quarto. — Tem café?

— Não, acabou — disse a ela. — Desculpa. Eu devia ter passado no mercado e comprado um pouco depois da aula. — Minha mente não estava lá muito preocupada com as compras, eu deveria acrescentar.

— Droga. — Ela bateu a porta do gabinete da cozinha, acima da pia.

— Tem chá...

— Odeio chá. Você sabe disso.

— Deus.

Ela girou. A cabeça caiu para trás e ela murmurou:

— Desculpa. Desculpa. É que... a próxima parte é difícil. Eu nunca contei pra ninguém, exceto minha mãe. Não precisei, porque meus amigos viram isso acontecer. — A voz dela tremia.

— Vem cá. — Abri os braços para ela.

— Não. Deixa eu terminar. — Ela respirou fundo. — Então, a Joanie estava assim: “Isso é incrível. Por que não me assumi antes? Vamos contar pro mundo inteiro que sou gay”.

Isso soou familiar. Não deixei de captar a ironia. Havia muitas semelhanças entre eu e Joanie.

— Conte ao clube que nós íamos dar outra festa de saída do armário, que é o que fazemos quando alguém entra pra comunidade. Então, demos a festa e foi fantástico. A Joanie se sentia incluída, aceita. E eu finalmente tinha uma namorada com quem podia almoçar, e levar pras reuniões, e andar de mãos dadas no corredor. A Joanie até entrou pra Unidade, pra que pudéssemos estar juntas o tempo inteiro. Todo mundo adorava a Joanie e ela adorava todo mundo. — Os olhos da Ceci ficaram sombrios. — Especialmente a Jenna.

Ah, meu Deus, não.

— Não me conte.

— Estou contando — ela disse, sem emoção. — Ela amava a Jenna.

A mágoa na voz da Ceci, no rosto dela.

— Ah, querida.

Lágrimas encheram os olhos da Ceci. Eu deslizei para fora da cama e fui até ela.

— *Eu* encontrei a Joanie... — ela gemeu. Eu a abracei. — Eu a amava, ela era *minha*. — As lágrimas corriam pelos olhos dela. Eu nunca a havia visto chorar. — Joanie e Jenna. Que perfeito — ela ironizou.

Ela devia estar reprisando isso havia meses, pois as lágrimas continuaram escorrendo sem parar. Ela soluçou no meu cabelo, gemidos arrasadores. Eu detestava que ela estivesse chorando pela Joanie. Mas detestava mais o fato da Joanie tê-la magoado tanto.

— Como você suporta tê-la na Unidade? — Perguntei. — Vê-la o tempo inteiro?

Ceci limpou o nariz na manga da camisa.

— Eu comecei a Unidade, é o meu grupo. Não vou deixar que ela roube tudo de mim. Além disso — ela fungou —, a Joanie ainda quer ser minha amiga. Acho que posso lidar com isso.

Ceci era forte, mais forte que eu. Eu mataria Joanie.

Ela foi até o banheiro e voltou com um pedaço de papel higiênico. Ela soou o nariz e disse:

— A Joanie tomou conta do clube LGBT também. Eles a elegeram presidente, e ela começou a se envolver com todas as causas, como a AIDS Walk, e abrir nosso clube para héteros, tornando-nos uma aliança gay e hétero. Ela até foi convidada para a posição de porta-voz do Centro.

— Deus. Isso, sim, é se sentir traída.

— Sem brincadeira — Ceci falou. — Não podia deixar que você se assumisse, Holland. A Brandi já estava perguntando sobre você. E minhas outras amigas, se elas conhecessem você...

— Ela parou e respirou fundo. — Não podia deixar a mesma coisa acontecer. Você era tão parecida com ela. Eu disse que você seria o meu segredo? É, você era o segredo que eu estava guardando *das outras*.

— Ah, Ceci.

Os olhos dela marejaram de novo.

— Você deve me odiar — ela disse. — Sair do armário é uma decisão tão pessoal. Você é a única que pode fazer isso. A única que sabe qual é o momento certo. Olha o que eu fiz com você. Arruinei sua vida.

— Não.

— Sim! Você não vê? Fui eu quem te traiu. Devia ter deixado que você se assumisse. Você devia ter contado aos seus amigos. À sua mãe. Deveria ter vindo de você. Não do Seth. Não da Faith. De mais ninguém.

Ok, ela estava certa. Acho que me senti um pouco traída, especialmente porque Ceci sabia como é autodestrutivo ficar no armário. No entanto, ela não era a única culpada. Eu concordei em guardar segredo. Até usei isso como desculpa para não contar à Mamãe.

— Não sei se as coisas teriam sido diferentes dependendo de quem contasse pra minha mãe — informei Ceci, afastando os cabelos dela do rosto molhado em lágrimas.

— Mas poderiam ter sido. — Ela engoliu em seco. — E é isso que está me rasgando por dentro. Eu transformei você em uma sem-teto. — Ela começou a chorar de novo.

Apertei o rosto dela entre minhas mãos.

— Ah, querida, você não fez isso. Foi minha mãe quem fez. E você não arruinou minha vida. — Enxuguei as lágrimas nas bochechas dela. — Ainda estou aqui, certo? Eu deveria ter contado pra você como estava me sentindo, o que estava acontecendo. Poderíamos ter colocado isso tudo pra fora e conversado. Eu não odeio você. Não poderia. Na verdade, entendo por que você fez isso.

Ela piscou.

— Entende?

Meneei a cabeça.

— Eu também faria de tudo pra guardar você pra mim.

Ela se desfez em lágrimas de novo.

Eu estava tão aliviada por finalmente saber a verdade. Expor todos esses sentimentos e

temores e lidar com eles. Ceci não parecia compartilhar do meu alívio. Mesmo depois que parou de chorar, a culpa no olhar dela era torturante.

— Você disse que somos iguais, Ceci, mas não somos — eu disse a ela. — Somos pessoas diferentes, a Joanie e eu. Eu sei que *sou* diferente. Por que eu olharia pra qualquer outra pessoa, se você é tudo o que eu queria?

— Ah, Deus, Holland. — Ela me esmagou com um abraço tão apertado que fiquei sem ar. Isso me fez rir. Fez com que ela risse também.

Depois, não conseguíamos parar de rir. Foi maravilhoso, fantástico. Nunca havia sentido tanta alegria, liberdade e certeza. Sobre mim. Sobre ela. Sobre nós.

Confiança. Tudo isso tinha a ver com confiança. Você não tem nada, a menos que possa confiar na pessoa que ama.

CAPÍTULO 24

Ceci me comprou uma camiseta. Dizia: NINGUÉM SABE QUE SOU LÉSBICA. É, eu estava saindo do armário, mas também não tinha toda essa coragem. Por que não fazer um anúncio depois da A.P.? “Atenção. Acabamos de receber uma confirmação. Holland Jaeger é oficialmente lésbica.” Não. Eu queria fazer isso do meu jeito. Uma pessoa por vez. Aquelas que precisavam e mereciam ouvir de mim.

Liguei primeiro para Leah:

— Preciso conversar com você — falei. — Quero dizer, se você ainda quiser conversar comigo.

Ela não respondeu. Morri um pouco por dentro. Era tarde demais.

— Vamos nos encontrar na casa do clube.

— Na ca... ah, certo. — Se é que eu lembrava onde isso ficava. — Quando?

— Estou ocupada demais nesta semana — ela falou.

Ai. Eu merecia isso.

— Que tal no sábado?

— Tudo bem. — Eu ia ficar louca esperando até sábado, mas o que podia fazer? Deveria estar agradecida por ela aceitar me ver depois de tudo. — A que horas?

— Não sei. Por volta das quatro?

— Da manhã?

— É, isso. Vista o seu pijama e traga uma lanterna. — Ela estalou a língua. Mas também havia um sorriso em sua voz.

Meu coração cantarolou.

— Estarei lá.

— Você promete, desta vez?

Fechei os olhos com força.

— Prometo. Estarei lá.

Desligamos. O sábado estava a uma eternidade de distância. Eu não podia adiar a conversa com Winslow por uma semana. Não aguentava viver sabendo que feri os sentimentos dele, e que ele basicamente me detestava agora. Não podia esperar, sabendo que era capaz de consertar isso.

Ceci me ajudou a escrever uma carta. Expliquei a Winslow como eu havia acabado de me

dar conta de que sou gay e estava tentando aceitar. Que o fato de eu recusar o convite dele, não tinha nada a ver com ele ou com quem ele era. E que eu *realmente* me senti lisonjeada quando ele me convidou para ser seu par no baile de formatura.

Assinei: “Sinceramente, Holland (a do peru) Jaeger”.

Eu estava apavorada com a ideia de entregar essa carta a ele. Não ajudou nada Ceci ter avisado: “Você nunca sabe como as pessoas vão reagir”. Eu achava que conhecia Winslow, mas é possível conhecer de verdade uma pessoa?

O medo era paralisante. A aula de artes estava quase no fim e a carta ainda jazia debaixo do meu caderno de desenho. Agora ou nunca. Fingindo que precisava apontar meu lápis, caminhei até a mesa do Winslow na frente da sala e deixei o envelope cair na sua prancheta, depois voltei para o meu lugar.

Ceci virou-se para me olhar. Apertou um punho sobre o coração.

Meu coração estava pulsando nos ouvidos. Observei Winslow abrir o envelope, tirar a carta e desdobrá-la. Ele leu e depois dobrou de novo. Permaneceu ali, fitando a lousa. Ele não se importou. Ele me odiava. Sem aviso, a cadeira dele caiu, assustando todo mundo. Ele recolheu suas coisas e se colocou a caminho do fundo da sala, atraindo a atenção de Mackel com todo aquele barulho. Winslow deslizou para o assento ao meu lado e disse:

— Yo.

Foi a palavra mais doce que já ouvi.

— Yo pra você — respondi, minha garganta apertando. Então, ele fez uma coisa bem esquisita. Passou um braço pelos meus ombros e deu um apertão de um jeito fraterno. Meus olhos desviaram para Ceci, que cobriu a cabeça com os braços sobre a mesa, tentando sufocar uma risada.

Mal consegui conter minha própria histeria.



O Parque Paramount costumava parecer tão sombrio quando éramos crianças. Tudo o que eu via agora era o matagal, os esparsos choupos-do-canadá e o lixo em decomposição preso nas cercas de tela. Eu havia me esquecido completamente desse lugar, da nossa casa do clube.

Um sol resplandecente projetava sombras geométricas através dos galhos enquanto eu pisava na trilha coberta de vegetação. As árvores voltariam a ficar viçosas em breve, percebi. Sempre amei a primavera. O renascimento, neste ano, seria mais especial, pois seria o meu renascimento também.

— Toc, toc. — Fiquei parada debaixo do nosso choupo-do-canadá, espiando a casa na árvore logo acima.

Uma voz veio do alto:

— Qual é a senha secreta?

— Droga — murmurei.

— Não, não é essa.

Sorri e balancei a cabeça.

— Você não lembra a senha secreta?

Agarrando um galho, comecei a me içar para cima e disse:

— Leah, isso já faz um século. — Foi em outra vida. Me apertei através de um espaço no tronco, vagamente lembrando que costumava haver uma porta por ali. — Esse piso vai aguentar a gente? — Pisei cuidadosamente na plataforma bamba de madeira compensada, indo para a extremidade oposta, onde Leah estava sentada de encontro à parede da nossa casa do clube, lendo algo em um caderno espiral.

— Lembra disto? — Ela perguntou, distraída.

Abaixei-me ao lado dela. A madeira estalou e agarrei o braço dela para me salvar, ou para cairmos juntas.

— O que é isso? — O piso estabilizou e eu a soltei.

Leah passou o caderno para mim.

— Ah, meu Deus. Esse é o nosso livro secreto de espionagem?

Ela sorriu.

— Lembra como ler o código que inventamos?

— Caramba, não. — Pareciam hieroglifos.

Ela franziu os lábios e resgatou o caderno das minhas mãos.

— Preston e Ty Mangela são uns idiotas estúpidos e feios. Na próxima vez que atirarem ovos em nós a caminho da escola, vamos chamar a polícia.

Eu ri.

Ela continuou a ler:

— Tiffani Enstrom é louca por garotos.

— Quem quer que ela seja. — Minha mente vagou. Apenas três paredes permaneciam em pé na nossa casa do clube, e duas delas estavam em risco iminente de se desintegrar. Era esse mesmo o lugar que descobrimos havia tanto tempo e adorávamos como se fosse nossa casa? Nós havíamos trazido os velhos lençóis floridos da Mamãe e os grampeado nas janelas, como cortinas. Até escondemos ali um monte de balas de caramelo para emergências. Onde estavam? Em um buraco que cavamos no tronco da árvore.

E não foi só isso que escondemos. Fiquei de pé e precisei me abaixar sob um galho quebrado para conseguir chegar ao nosso local. Meus dedos tocaram as letras sobre a casca.

— Ainda está aqui — Leah falou, aparecendo ao meu lado. — Por toda a eternidade, exatamente como a gente planejou. — Ela deslizou os dedos nas inscrições também. — A história da nossa vida amorosa. “L.T. + R.R.”. — Que ela leu como: — Richie Romanowski.

Fico imaginando onde ele está agora.

— Provavelmente na cadeia, porque ele já vendia drogas na sexta série.

Ela me ignorou.

— L.T. + D.F., L.T. + M.Z., L.T. + K.Z...

— Você era mais namoradaira que a Kirsten — comentei.

Ela bateu no meu braço.

— Eu estava procurando. Ainda estou. — Os olhos dela se fixaram no tronco. Depois se voltaram devagar para mim.

Engoli em seco. Minha boca estava seca como um deserto.

— Aqui está o meu. — Tateei a textura das letras. “H.J. +...” — Hã. — Pisquei para Leah. — Está vazio.

— Imagine só. — Leah levantou a sobrancelha. — Você queria conversar comigo. Sobre o quê?

Meu coração estourou no peito. Não tinha mais tanta certeza disso. Eu achava que conhecia Leah, mas Ceci me avisou para não criar expectativas. Não ficar muito desapontada se Leah precisasse de um tempo para aceitar a verdade. Não acho que ela iria...

Quebrei um galho, depois outro. O medo revolvía um nó no meu estômago.

— Você quer que eu fale ou você trouxe algum discurso que ficou ensaiando?

Abaixei a cabeça e ri comigo mesma. Leah me conhecia muito bem.

— Eu sou gay — falei.

Ela arfou e cobriu a boca. Mas os olhos a delataram.

— Você me paga — eu disse a ela.

Leah abriu um sorriso. Puxando uma tira da casca da árvore, ela perguntou:

— É a Ceci?

Meu rosto corou.

— É, é ela.

Leah andou até o lugar onde havia deixado o caderno e se sentou de novo. Eu a segui.

— Me conta como é — ela falou.

De repente eu estava nas alturas. Essas eram as palavras que eu mais desejava ouvir. Respirei fundo e me abri para ela:

— Eu a amo, Leah. Eu a amo tanto. Nunca me senti assim com outra pessoa antes. A Ceci e eu estamos ligadas... física, emocional, espiritualmente. É como se ela estivesse dentro de mim. — Apertei o punho sobre meu estômago. — Ela é parte de mim. Não consigo explicar. É minha alma gêmea.

— Eu a odeio — Leah falou.

— Não. — A raiva se apossou de mim. — Você nem a conhece.

Leah balançou a cabeça.

— Não quis dizer isso. Estou morrendo de ciúmes. Não consigo nem imaginar como seria alguém me amar tanto assim.

— Ah, Leah...

— Estou feliz por você, Holland — ela disse. — Mas também estou triste.

— Por quê?

Leah correu os dedos sobre a espiral do caderno.

— Porque isso muda as coisas entre nós.

— Não, não muda. — Eu me virei para encará-la. — Do que você está falando?

— Agora você é diferente. Tem estado diferente. Não me ligava há meses. Você tem uma outra vida agora, com outros amigos.

— Você sempre vai ser minha amiga. Sempre.

— Mas não como antes. Eu nunca vou ser uma de vocês.

— Uma de quem? Deus, você fala como se fosse uma sociedade secreta ou algo assim.

— Além disso, agora você tem ela. Não precisa de mim. — Inesperadamente, Leah irrompeu em lágrimas.

Ela estava gemendo. Isso realmente a magoava. Por quê? Não parecia justo quando eu estava tão feliz. Eu a puxei para os meus braços e a segurei. Acariciando a trança de Leah,

falei:

— Sabe, eu já tive uma queda enorme por você.

Se meus sentidos não estivessem tão aguçados, eu não teria percebido. A tensão nos músculos dela, o jeito como levemente se afastou de mim. Eu a soltei rapidamente. Meu cérebro gritou: Não devia ter contado a ela, sua idiota! O que estava pensando? Recuei alguns centímetros para abrir mais distância entre nós.

— Então, hã, você é bissexual? — Leah perguntou, puxando um lenço do bolso do shorts. — Porque... Bem, o Seth e tudo mais. — Ela soou o nariz.

— Não, não sou. Agora eu percebo que só o amei como um amigo. — Pelo olhar da Leah, não estou certa de que ela entendeu. Mas eu também não sabia se *me* entendia completamente.

— Você me faria um favor, Leah? Você entregaria um recado pro Seth?

— Claro — ela disse.

— Diga a ele que eu sinto muito por não termos conseguido conversar sobre isso, por eu não poder contar a ele a verdade. Diga que ele merece encontrar alguém que o ame de uma forma que eu nunca seria capaz de amar.

Ela concordou com a cabeça.

— Você acha que ele vai entender?

— Não — ela admitiu. — Ainda não. Ele está bem zangado. E... você sabe.

Meu coração doía. Nunca quis magoá-lo. Nunca quis magoar ninguém.

— Ele vai embora logo, pra universidade — pensei em voz alta. — Talvez, isso ajude.

Leah se levantou rápido e caminhou sobre a plataforma, até o outro lado da casa do clube.

— Tudo está mudando. Todo mundo indo embora. — As lágrimas dela ameaçavam transbordar de novo.

Levantei e fui atrás dela.

— Você também está indo embora.

— Não sei o que vou fazer. E, definitivamente, não vou com a Kirsten pra Western State. Ela me contou o que disse pra você. — Leah encontrou meus olhos. — Não consigo acreditar. Bem, consigo. A Kirsten sempre teve ciúme de você.

— De mim? — Franzí a testa. — Por quê?

— Por quê? Você é mais inteligente que ela, mais popular, tem uma ótima relação com sua mãe, tem o Seth. Tinha — ela se corrigiu.

“Tinha” era a palavra certa. Apertei um prego solto no chão.

— As pessoas nunca enxergam além da superfície.

— Muito menos ela — Leah falou. — Ela é tão superficial, que tudo o que tem abaixo da superfície é uma fossa.

Escancarei os olhos para Leah. Nós duas rimos. Não sei o que era tão engraçado. A verdade?

Leah balançou a cabeça.

— A Kirsten é tão canalha. Depois que a avisei que não somos mais amigas, fiquei com tanta vontade de ligar pra você.

— Ah, Leah.

Ela acrescentou depressa:

— Só queria que as coisas pudessem ficar iguais pra sempre. Você não queria?

Deus, não. Se o universo não tivesse mudado, se eu jamais arriscasse mudar, nunca teria encontrado a Ceci. E me encontrado. Viveria uma mentira, criaria uma vida baseada nas expectativas dos outros.

— Minha mãe me expulsou de casa — falei.

— O quê? — Leah arfou. — Não.

Contei a ela tudo que aconteceu desde Ceci, mas propositalmente deixei de fora a parte sobre o segredo. Isso era assunto particular entre Ceci e eu, nossa história pessoal. Estávamos construindo algo novo acima daquilo, e era sagrado.

Meus olhos foram até meu relógio.

— Droga. Preciso ir. — Ceci ia me levar ao ensaio da Unidade essa noite e me apresentar aos amigos. Era um grande passo para ela. Para nós duas.

Leah e eu descemos da árvore. Quase no chão, falei:

— Espera. A gente esqueceu o livro secreto de espionagem. — Comecei a subir de novo.

— Deixa. — Ela segurou meu braço. — Talvez outras crianças encontrem e deem continuidade à tradição. — Ela observou a casa do clube em frangalhos por um longo tempo, depois olhou para mim. — A senha secreta era cessante hera.

— Quê? — Fiz uma careta.

— É um anagrama para senha secreta.

— Que besta. Quem teve essa ideia?

— Você teve. Sempre achei você brilhante. — Leah sorriu, um pouco triste, um pouco saudosa. Então, tomou seu caminho através da mata.

Uma onda de melancolia tomou conta de mim. Leah sempre seria minha amiga, mas ela estava certa. O mundo dela parecia pequeno demais para mim, apertado e limitado, enquanto o meu havia se expandido, crescido e se iluminado. Eu via tudo agora com olhos diferentes. Totalmente desperta e centrada.

CAPÍTULO 25

Havia decisões a tomar. Meus salários combinados do Chalé das Crianças e do Hott 'N Tott nem começavam a cobrir minhas despesas: o parcelamento do carro, a gasolina, o seguro, os créditos do celular, sem mencionar necessidades básicas como comida, roupa e abrigo. Sentia que a Taggart House não tinha que dar conta de todas as minhas despesas. Ainda que o tio da Ceci tivesse me contratado para os turnos da manhã durante quatro vezes por semana, eu precisava de um segundo trabalho que me pagasse melhor. Então, saí do Chalé das Crianças. Foi doloroso, mas precisei sair, o pagamento era péssimo e ver as crianças todos os dias era um lembrete constante das perdas em minha vida.

William sugeriu que eu fosse até o Centro para verificar as vagas de emprego. Então, fiz isso no recesso de primavera. Eles me arrumaram emprego em uma empresa de mudanças da região, cujos donos eram um casal gay. Era um trabalho fisicamente extenuante, mas pagava bem e os horários eram flexíveis. Eu podia trabalhar enquanto frequentava a escola e ainda fazer horas extras nos fins de semana.

O ano seguinte estava cada vez mais próximo no horizonte. O que eu faria da minha vida? Jogar um colchão dentro de um caminhão de mudança não era exatamente física nuclear. Ceci tinha razão, eu precisava pensar no meu futuro. Quais eram minhas opções? Eu podia trabalhar em três ou quatro empregos para sempre, ganhando salário mínimo e conseguindo pagar as contas. Mas isso era tudo o que eu queria da minha vida? Pagar as contas?

Precisava haver algo mais. Alguma coisa lá fora destinada a mim, um emprego, uma carreira, uma razão pela qual fui colocada no mundo. Detestava ter que admitir, mas Mamãe estava certa. A universidade abria muitas portas.

Infelizmente, no momento em que me dei conta disso, já era tarde demais para fazer as inscrições. Pelo menos para as faculdades e universidades que eu podia pagar. Além disso, minhas notas haviam desabado nesse semestre. Eu estaria com sorte se conseguisse uma média C.

No nosso encontro dos domingos, William abordou o assunto das metas de longo prazo. Ele disse que era importante ter objetivos para nos guiar e acreditar que podíamos alcançar a grandeza. Deve ter lido meus pensamentos.

Ao redor da mesa, compartilhamos o que vislumbrávamos para nós mesmos no futuro. Falei sobre como gostaria de ir à universidade no ano seguinte, mas já não podia. William disse:

— E por que não, querida?

— É tarde demais pra fazer a inscrição. Vou ter que esperar até o próximo semestre.

— Você pode ir pra Metro Urban — Ramon cantarolou, passando-me os croissants. — É onde eu estudo. Acho que você pode se inscrever até uma semana antes do começo das aulas.

— Tá de brincadeira. E quanto é a taxa de matrícula, sendo que tenho, tipo, zero dinheiro?

— Eles têm um fundo de auxílio universitário a gays e lésbicas — Ramon falou. — Foi assim que eu consegui.

Minhas esperanças foram às alturas.

— Você precisa se classificar? Porque minhas notas neste semestre foram péssimas.

Ramon balançou a cabeça.

— A sua média escolar não é tão importante. Eles me deixaram entrar porque eu embelezo o campus.

William fungou. Desviando de um morango que um dos rapazes atirou nele, Ramon acrescentou:

— Se quiser, posso pegar um catálogo pra você.

— Não, tudo bem. Eu posso pegar um na escola. Obrigada.

Não ousei ficar entusiasmada. E se eles me rejeitassem? Se isso acontecesse, eu não tinha um plano B.

Fiquei caminhando pelo centro de mídia depois das aulas na segunda-feira, olhando para o relógio e esperando. Quando comecei a ter uma sensação de velório, decidi que era agora ou nunca. Os catálogos da Metro Urban estavam entre os das escolas estaduais, empilhados diante da porta do Centro de Orientação Vocacional. Eu podia correr e surrupiar um deles...

Virei o corredor e lá estava ela, pregando uma ficha no quadro de avisos. Droga.

— Hã, oi, sra. Lucas. — Fingi uma saudação alegre. — Posso pegar um catálogo da Metro Urban?

Ela não respondeu de imediato, apenas olhou para mim. Com aquele olhar. Brrr.

— Ali estão eles. — Apontei para a pilha. — Vou só pegar um e sair.

— Não acredito em você — ela disse.

Os pelinhos da minha nuca se arrepiaram. Rapidamente, agarrei um catálogo.

— E sobre o seu aceite em Stanford? Você vai simplesmente abrir mão dele?

Eu me endireitei.

— Eu fui aceita em Stanford?

— Todo o tempo e todo o trabalho que investimos em você, para lhe dar todas as oportunidades possíveis. — Ela franziu os lábios. — Você sabe o que isso está causando à sua mãe?

O que está causando a *ela*? Foi ela quem... Ah, esqueça. Dei as costas e zarpei. Isso não era da conta dela. Deixem-me seguir com a minha vida.

Girei a senha na fechadura e abri a porta do armário. Meus olhos foram atraídos para o espelho e eu gritei. A pessoa atrás de mim deu um salto para trás.

— Jesus! — ela disse, segurando o coração.

— Faith. — Virei para ela. — Eu, hã, não reconheci você.

Ela passou a mão pela cabeça — a cabeça raspada. Não estava completamente careca, havia deixado poucos centímetros de comprimento por todo o couro cabeludo. Eu não conseguia

olhar para ela sem pensar em um porco-espinho.

— Estou me livrando das minhas inibições — ela disse.

Eu ri.

— Ah, não? Então saiba que isso economiza xampu.

— Não sabia. — Tive uma vontade enorme de passar as mãos nos cabelos dela. Mas era um gesto íntimo demais. Enquanto colocava minhas coisas na mochila, Faith disse:

— Trouxe sua correspondência. — Ela me passou um bolo de cartas.

A maioria eram contas. A carta de Stanford. O envelope estava aberto, claro. Stanford estava tão *fora* do meu futuro. Havia uma carta embaixo de todas que fez meu estômago dar um nó. Enfiando todas na mochila, falei para Faith:

— Me acompanha?

No caminho para o estacionamento, ela perguntou como eu estava e onde morava agora. Contei a ela sobre a Taggart House e os meus empregos.

— Talvez, você possa vir passar uns fins de semana com a gente.

— É? — As sobrancelhas da Faith se arquearam. — Que tal neste fim de semana? E todos os fins de semana?

Sorri para ela.

— Vou perguntar pra Ceci e depois te digo. Mas... — hesitei. — O que o seu pai vai dizer?

— Quando?

— Quando você contar pra ele aonde está indo.

— Quando?

— Faith. — Arregalei os olhos para ela.

— Eu cuido dele. Se você não notou, tenho ele na palma da mão. Não se preocupe com isso.

Eu me preocupava. Queria protegê-la. Faith precisava de sua família. Nossa família. Por ela, por mim. E já que entramos no assunto...

— Como está todo mundo? — Perguntei.

— Mais ou menos igual. Uma comédia. Ah, a Hannah começou a engatinhar.

— Já?

Faith meneou a cabeça.

— Sua mãe disse: “A Holland devia estar aqui vendo isso”.

Meu corpo murchou. Faith abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas deve ter mudado de ideia. Enfiou o dedo mindinho na boca.

Dei um olhar feio para ela. Ela abaixou a mão.

— O que foi? — Exigi saber.

Ela engoliu em seco.

— Ela chora. Eu consigo ouvir à noite.

Desviei o olhar. Faith acrescentou:

— Só achei que você devia saber.

Eu queria abraçar Faith, mas não conseguia. Não ousava. Será que agora sempre precisaria ter cuidado com quem eu tocasse?

Faith não hesitou. Ela jogou os braços ao meu redor e me puxou para si. Abraçou forte. Como ela podia saber o quanto eu precisava disso? Jurei preencher minha vida com gente como Faith. Pessoas que eram verdadeiras consigo mesmas.

Depois que ela se foi, eu me tranquei no jipe. Talvez, agora, finalmente. Abri o envelope. Uma foto caiu no meu colo. Era Hannah em um vestido de veludo vermelho, uma foto de estúdio. Tão linda.

— Olá, maninha. — Deslizei o dedo em seu rostinho. — Sinto tanta saudade sua. — Coloquei a foto no painel e desdobrei a carta.

“Querida Holland”, ela escreveu no bloco de papel de carta florido que dei a ela de aniversário. “Precisamos conversar. Por que você não me liga para marcarmos um horário conveniente?”

Um horário conveniente? Abri meu telefone e comecei a apertar os números. Desliguei antes que a ligação completasse. Em vez disso, liguei para o trabalho e avisei que me atrasaria.



Era esquisito precisar tocar a campainha da minha própria casa. Ao fundo, pude ouvir o som alto da tevê. O abrir repentino da porta me alarmou.

Mamãe ficou emoldurada no portal, equilibrando Hannah no quadril. Sorri.

— Oi. — Ela não se moveu para abrir a porta externa. Fiquei me perguntando se ela ia me obrigar a ficar do lado de fora ou bater a porta na minha cara.

Ela torceu o trinco e deu um passo para trás. Entrei.

— Recebi sua carta. Eu estava passando por perto, então não liguei antes. Está ocupada? Estou interrompendo algo? Posso voltar outra hora. Amanhã. Ou hoje à noite. Um horário mais conveniente. — Eu estava tagarelando? Por que ela não respondia? Por que os olhos dela estavam lacrimejando?

Ah, mãe. Aproximei-me dela. Ela descarregou Hannah nos meus braços.

— Quer alguma coisa pra comer ou beber? Eu preciso de uma bebida.

— Não, estou bem.

Ela foi para a cozinha.

— Hannie. Ei, maninha. — Apertei minha irmã bebê e respirei nos cabelos dela. Cheirava a talco, xampu e sabão em pó, toda fofa em seu macacãozinho. — Deus, como senti saudades. — Beijeí sua cabeça sedosa.

Carreguei Hannah para a cozinha, onde Mamãe estava inclinada sobre a pia, tomando um copo d'água. Eu queria abrir a geladeira e verificar as sobras de comida, ver se tinha algum frango frito. Sentia uma vontade imensa de comer o frango frito da Mamãe.

— Como está você? — Ela perguntou, virando-se. — Seu cabelo está comprido.

— É, acho que vou deixar crescer. — Já que não tenho dinheiro para pagar um corte, eu quis acrescentar.

— Sempre gostei mais dele comprido. — Ela deixou o copo na pia e passou por mim, voltando para a sala. Eu a segui com Hannah nos braços.

Mamãe se sentou no sofá e diminuiu o volume da televisão. Ajoelhei no tapete e pousei Hannah à minha frente, na esperança de que ela começasse a engatinhar. Como se acatasse minha sugestão, ela começou a se mover pelo assoalho como se fosse um tanquinho.

Mamãe e eu rimos.

Bom. Isso foi bom. Amenizou a tensão.

— Onde está morando? — ela perguntou. — Com aquela garota, eu presumo.

Eu ri.

— O nome dela é Ceci Goddard. E, não, não estou morando com ela. Tenho meu próprio apartamento.

— Como você consegue bancar? — Mamãe disparou.

Isso me deixou furiosa, como se ela soubesse que eu não tinha condições. Como se estivesse esperando que eu vivesse na rua, pedindo esmola, lamentando o dia em que a decepcionei.

— Eu dou conta — falei, sem emoção.

A cabeça da Mamãe caiu.

— Me desculpe. Foi injusto perguntar isso.

Minha raiva dissipou.

— Prometi, a mim mesma, que eu nunca faria com você o que meus pais fizeram comigo. Que eu amaria você não importava o que acontecesse. Mas isso... — Mamãe levantou a cabeça e nossos olhares se cruzaram. — Não vou deixar você jogar sua vida fora com aquela garota.

Uma queimação percorreu minhas vísceras.

— O nome dela é Ceci. E o que leva você a pensar...

— Deixe-me terminar — Mamãe interrompeu. — Você tem tanto talento. Tanto potencial. Eu queria acreditar que tenho algo a ver com isso. Você pode fazer tudo o que quiser, Holland. Tem uma vida inteira adiante.

— É, eu tenho — falei. — Com a Ceci.

Mamãe bufou irritada. Ela se levantou e atravessou a sala para resgatar Hannah de um canto, onde ela estava com uma chupeta empoeirada a caminho da boca.

— Não entendo isso. Não entendo você. Achei que tivesse mais bom senso.

Meu interior estava em chamas.

Mamãe girou Hannah e a guiou em outra direção.

— Suponho que você esteja passando por uma fase ou uma crise de identidade. Não sei. Nunca aconteceu comigo.

— Isso é porque você não é eu. Não é uma fase.

Mamãe se endireitou.

— Eu conheço você, Holland. Você não é... desse jeito.

Fale, pensei. Pare de negar.

— Sim, mãe, eu sou. Sou gay.

— Ela fez isso com você! — A voz da Mamãe ficou estridente. — Não sei o que ela fez, mas pedi pra mãe dela manter sua filha doente longe da minha. Ela é uma pervertida, e fica caçando meninas inocentes...

— Você disse isso pra Kate? — Ah, meu Deus. — Como pôde? — Me pus de pé. Precisava ir até lá, pedir desculpas para a Kate. Ah, meus Deus.

— Aonde você vai? — Mamãe falou às minhas costas. — Holland, quero que você venha pra casa.

Isso me fez parar. Quantas vezes tive vontade de ouvir essas palavras? Quantas noites fiquei chorando até dormir, segurando o telefone junto ao meu peito, rezando para que ele tocasse?

— Por favor, me ouça. — A voz da Mamãe suavizou. — Você não sabe o que está fazendo, querida. Não pensou nas consequências, no que está jogando fora. O seu futuro. Seu respeito próprio. Eu sou sua mãe. Conheço você melhor do que você a si mesma.

Eu poderia ter rido.

— Você não me conhece nem um pouco, mãe. — Eu me virei. — Tudo o que você vê é a pessoa que quer que eu seja. E eu não posso ser ela. Não sou ela. Não posso viver minha vida por você.

Ela abriu os braços.

— Por favor. Venha para casa.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu queria voltar para casa? Sim, mais do que tudo. Não para as paredes, os as-soalhos e as portas abertas. Não simplesmente por me mudar. Mas pelo conforto e pela segurança de saber que eu sempre teria um lar. Todos precisam de um lar.

— E a Ceci? — Perguntei. — Ela é bem-vinda aqui?

Os olhos dela se estreitaram.

— Ela tem uma casa.

Então é isso, pensei. O amor incondicional de mãe, um grande mito. Hannah veio engatinhando até mim e se colocou de pé, agarrando minha perna com suas mãozinhas fortes. Eu a levantei bem alto no ar e, antes de devolvê-la a Mamãe, captei uma imagem mental para desenhar.

— Tchau — falei.

— Você não vai ter nem um centavo daquela poupança pra universidade. Nada. Vai ficar tudo pra Hannah — Mamãe disparou. — Na verdade, talvez eu dê à Faith.

Balancei minha cabeça para ela. Ela não entendia. Não entendia nada. Eu amava Hannah e também Faith. Ficaria feliz por elas poderem contar com esse dinheiro ou qualquer outra coisa minha.

Fechei a porta atrás de mim, sentindo tristeza por minha mãe. Lamentando por ela. É, eu tinha feito sacrifícios, experimentado perdas. Mas ela não fazia ideia do que isso estava custando a ela. Porque ela estava me perdendo.

CAPÍTULO 26

— Quanto custa pra alugar um smoking? — Perguntei.

Ceci piscou à minha frente.

— Está falando sério?

— Estou. Acho que deveríamos ir ao baile de formatura.

Os olhos dela se iluminaram.

— Eu sempre quis ir. Sonhava com isso.

Não saía da minha mente. Não sei por que eu deveria abrir mão do meu baile de formatura. Eu não deveria ter que desistir de tudo.

Toquei o rosto dela, tão suave e dourado.

— O que você vai vestir?

Ceci mordeu o lábio.

— Aquele vestido verde. Ele é tããão lindo.

Sorri.

— Você fica incrível nele. — Ela ficaria, também.

A expressão dela ficou séria.

— Mas, Holland, na Southglenn? Não sei. A gente poderia ir em grupo, talvez? Um número seguro de pessoas? A Brandi meio que gosta de uma garota e...

— Não. Se a gente for, quero que seja só eu e você. Uma noite especial juntas.

Ceci prendeu meu olhar por um momento, depois passou os braços em volta do meu pescoço.

— Amo você — ela disse.

— Amo você também. Você e só você. — Eu a beijei.

Nosso CD de músicas dançantes saltou e nós duas xingamos. Estava começando a ficar gasto de tanto uso. Ceci saltou da cama para reiniciar.

— O que é Artes e Lazer? — Perguntei a ela.

— Isso é uma faculdade? — Ela tirou o CD e colocou um da Norah Jones do qual nós duas gostávamos. — Pode me inscrever.

Virei uma página no catálogo da Metro Urban. Eu estava apoiada na parede, sobre a cama da Ceci, que tínhamos colocado no canto para ter espaço para dançar. Como eu passava tanto tempo aqui, Kate havia relaxado um pouco as regras da casa, deixando-nos ficar no quarto da

Ceci, desde que a porta estivesse aberta. Agora a batalha corria em torno da definição de “aberta”.

Ceci se deitou na cama, deixando a cabeça descansar no meu colo.

— Uau, eles têm um curso de Tecnologia Aeronáutica — falei, meus dedos acariciando os cabelos dela. — Eu podia aprender a voar.

Ela deslizou uma mão por dentro da minha blusa.

— Eu posso ensinar essa parte.

Afastei a mão dela com um tapa.

— Isso você já ensinou.

Ceci sorriu. Ela pegou os meus óculos e encaixou no próprio rosto. Depois descansou as mãos atrás da cabeça e ficou me observando. Uma vez que estava muito difícil me concentrar, deixei o catálogo de lado.

— Você vai me convidar pra sua cerimônia de formatura? — Ela perguntou.

— Não. Vou fazer você alugar a fita de vídeo.

Rimos da cara uma da outra. Ela acrescentou:

— A Mamãe quer saber, porque o Greg vai se formar e ela quer comemorar a sua formatura junto. Dar uma festa pra vocês dois.

Minhas sobrancelhas se arquearam.

— Tá de brincadeira.

— Você acha que eu mentiria?

Apenas olhei para ela.

— Sério — ela disse. — Ela não quer que você perca seu grande dia.

Por que isso me dava vontade de chorar?

— É tão gentil. Eu amo muito sua mãe. Sua família inteira.

Ceci enganchou os óculos de volta nas minhas orelhas e rolou para fora da cama.

— Eu devia esperar pra dar isto a você, mas você me conhece. Não me controlo. — Ela caiu de joelhos e vasculhou debaixo da cama. — Não olhe. — Ela se ergueu, virando de costas. — Certo, aqui. — Empurrou o pacote para mim. — É de todos nós. Feliz formatura.

— Ceci... — Era tão bonito, todo dourado e azul. As cores da Southglenn.

— Você vai ter que embrulhar ele de novo e fingir surpresa quando eu te entregar da próxima vez — ela falou. — Assim. — Emoldurou o rosto com as mãos e imitou um gritinho de felicidade.

Isso me fez rir. Puxei a fita de cetim e desembulhei o pacote. Era um estojo. No topo, havia a insígnia de dois cavaleiros em seus cavalos em combate. Estava escrito “FABER-CASTELL”.

O que era isso, charutos? Abri o fecho e levantei a tampa.

— Ah, meu Deus — arfei. Dentro havia bandejas de materiais de desenho: lápis, giz, carvões, dúzias e dúzias de lápis aquareláveis. — Ceci, isto é incrível!

Retirei um lápis aquarelável amarelo e o senti ganhar vida na minha mão. O que eu posso fazer com isso? Um pôr do sol, rosas, Ceci.

— Prometi a Mamãe e Papai que você desenharia um nu meu, em tamanho real, pra eles pendurarem acima da lareira.

Bufei, rindo.

— Meu presente muito pessoal e extremamente íntimo vai vir depois. — Ela me soprou um

beijo, o que me fez desejar que esse depois não demorasse. — Ah, e eu tenho mais uma coisa pra você. — Ceci virou e abriu uma gaveta em sua cômoda. Jogou uma camiseta para mim. — Você pode mandar essa pra sua mãe.

Eu a sacudi e estiquei. “AMO MINHA FILHA LÉSBICA”, estava estampado na frente. Lágrimas encheram meus olhos.

— Ah, não, Holland — Ceci se aproximou de mim. — Era só uma piada. — Ela passou os braços em torno do meu pescoço. — Desculpa, desculpa.

— Tudo bem. — Eu a afastei de mim. — É engraçado. De verdade. — Eu não mandaria para ela, claro. Talvez um dia. Ceci me disse para nunca desistir de ter esperança.

Ela arrancou a camiseta das minhas mãos e jogou dentro do guarda-roupa.

— Vou dar pra minha mãe. Ela pode incluir na coleção, já que dou uma diferente a cada ano, no Natal. Alguma vez ela vestiu? Não.

— Um dia desses ela vai surpreender você — falei. — Ela vai ter seu próprio momento de sair do armário.

— Ah, vai. E vai marchar na Parada do Orgulho LGBT. — Ceci revirou os olhos.

Kate berrou através das escadas:

— O que vocês estão fazendo?

Ceci berrou de volta:

— Botando pra quebrar!

— Não, é mentira — declarei. — Só estamos fazendo sexo. — Zombamos uma da outra.

— Bem, então se apressem — Kate falou com um sorriso na voz. — Vocês duas vão se atrasar pro trabalho.

— Ela não faz ideia do quanto. — Ceci tomou minha mão e beijou a palma.

Um mundo de arrepios.

— Melhor ir se vestir — falei com um suspiro.

Ceci vestiu os jeans que usava para trabalhar e prendeu a bandana na cabeça, e eu terminei de preencher a ficha de inscrição para a Metro Urban. Todos os campos da ficha, menos um. Uau, eles tinham um excelente departamento de artes. Eu poderia ter um diploma em Artes Gráficas, ou Belas Artes, ou mesmo Educação Artística. Eu queria lecionar? Queria realmente estudar artes? Havia tantos cursos para escolher. Tantos. E havia tantas coisas que eu não sabia sobre mim mesma, possibilidades a explorar. Quem pode saber que rumos a vida vai tomar? Não dá para planejar.

Passei pela lista de cursos novamente, então tomei minha decisão. Deixe a natureza seguir seu rumo. Na última linha, preenchi o campo “não declarado”.